FRANCIELI MAJOR PITTA

CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES E NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA: PROTÓTIPO PARA O TRABALHO COM *MEMES* NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ASSIS
2021

FRANCIELI MAJOR PITTA

CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES E NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA: PROTÓTIPO PARA O TRABALHO COM M*EMES* NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de conhecimento: Linguagens e Letramentos).

Orientadora: Dra. Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho

ASSIS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

Pitta, Francieli Major
P688c Constituição de identidades e novas perspectivas de vida: protótipo para o trabalho com memes nas aulas de língua portuguesa / Francieli Major Pitta. Assis, 2021.
126 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho

1. Memes. 2. Gêneros textuais. 3. Multiletramentos. I. Título.

CDD 372

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES E NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA: PROTÓTIPO PARA O TRABALHO COM M*EMES* NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

AUTORA: FRANCIELI MAJOR PITTA

ORIENTADORA: KELLY CRISTIANE HENSCHEL POBBE DE CARVALHO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em LETRAS, área: Linguagens e Letramentos pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. KELLY CRISTIANE HENSCHEL POBBE DE CARVALHO (Participação Virtual)
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Profa. Dra. KATIA RODRIGUES MELLO MIRANDA (Participação Virtual)
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Profa. Dra. MAISA DE ALCÂNTARA ZAKIR (Participação Virtual)
UNESP/Presidente Prudente

Assis, 05 de novembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Só quem percorreu um sonho por anos é capaz de entender o doce gosto da conquista! Em meio a uma pandemia e a tantas incertezas, algo ficou muito claro para mim: o título de mestre é importante sim, mas o conhecimento que se constrói durante todo o caminho percorrido é, indubitavelmente, o maior ganho dessa trajetória!

Drummond disse que “no meio do caminho tinha uma pedra”, eu discordo, tinham várias. Mas são estas mesmas pedras que nos permitem construir castelos! Por isso, carrego todas as pedras que encontro no caminho com profundo apreço porque são elas que me permitirão edificar meu próprio castelo!

No entanto, a presente dissertação de mestrado não poderia chegar a bom porto sem o precioso apoio de várias pessoas. Por isso, deixo meus agradecimentos dedicados às pessoas que me apoiaram nessa jornada que se finda.

A Deus, por ter me sustentado até aqui.

À minha família, base da minha existência e incentivo para a persistência. Foram incontáveis as vezes em que meus irmãos, Rafael Major Pitta e Gabriel Major Pitta, vibraram com minhas conquistas. Aliados a eles, minha mãe, Fátima Elias Major Pitta, e meu pai, Bonfim Pitta, que nunca mediram esforços para ver meu sucesso! Eu sinto um imenso orgulho de contar com esta estrutura inabalável.

À minha orientadora, professora doutora Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho, que, de forma doce, rigorosa e minuciosa, me permitiu um crescimento tanto profissional quanto pessoal imensuráveis. Foram idas e vindas de textos aliadas a sugestões de leituras que me atravessaram e me permitiram atravessar o mundo, constituindo o sujeito consciente e crítico que hoje sou. Contar com sua orientação foi um presente!

Às professoras que estiveram presentes na minha banca de qualificação e de defesa: professora doutora Kátia Rodrigues Mello Miranda e professora doutora Maisa de Alcântara Zakir, por terem aceitado o desafio. Vocês contribuíram imensamente para o enriquecimento de minha pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer a toda equipe escolar EE “Antonio Fontana”, em especial ao professor e amigo Roger Angeli, pelo apoio, confiança e valorização do meu trabalho. E, claro, aos meus alunos que, direta ou indiretamente, me impulsionaram a buscar formação e tornaram o trabalho palpável.

PITTA, Francieli Major. Constituição de identidades e novas perspectivas de vida: Protótipo para o trabalho com memes nas aulas de Língua Portuguesa. 2021. 126 f. (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

O presente trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UNESP), elaborou um protótipo de ensino (ROJO, 2017) para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do estado de São Paulo com o objetivo de formular uma proposta de trabalho com o *meme* na perspectiva do gênero discursivo, baseada na teoria de Bakhtin (2010a). Essa proposta foi elaborada sob a temática da igualdade de gêneros entre homens e mulheres, bem como o papel mulher em nossa sociedade, de modo a contribuir para instaurar, junto aos alunos, processos de reflexão e promover a constituição de sujeitos mais conscientes de sua posição no mundo e com novas perspectivas de vida, que não se limitem apenas ao trabalho braçal e ao casamento, haja vista a realidade local. Para tanto, este estudo pretendeu ser de natureza interventiva, seguindo os critérios e princípios da pesquisa-ação elaborados por Thiollent (2011), entretanto, devido ao contexto pandêmico vivenciado histórica e mundialmente por causa Novo Coronavírus, o COVID-19, as aulas presenciais, no ano de 2020, foram suspensas como medida de segurança, o que impossibilitou a intervenção. Dessa forma, este trabalho configurou-se como pesquisa teórica com proposta de trabalho que fundamentou-se nos estudos dos letramentos e novos multiletramentos estabelecidos por Kleiman (1995) e Rojo (2012), os quais permeiam os documentos oficiais da rede de educação, sendo eles os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013), o Plano Nacional da Educação (PNE, 2014) e os documentos pautados nestas leis: o Currículo Paulista do Ensino Fundamental (2019) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Embora não tenha sido possível a intervenção, esta pesquisa resultou na elaboração de um protótipo de ensino dentro dos parâmetros instaurados por Rojo (2017) intitulado “Quem sou eu, quem é o outro?” que tem por finalidade discutir e refletir sobre o papel social da mulher e as violências pelas quais sofre. Além disso, o desenvolvimento da pesquisa impactou indubitavelmente minha formação docente. Em outras palavras, esta pesquisa devolveu à sala de aula uma profissional mais

comprometida e consciente de seu fazer docente; uma profissional alinhada às teorias que fundamentam e legitimam o trabalho em sala de aula e atenta às necessidades dos alunos.

Palavras-chaves: Igualdade de gêneros; Meme; Protótipo de ensino; multiletramentos; Gêneros discursivos.

PITTA, Francieli Major. Constitution of identities and new life perspectives: Prototype for working with memes in Portuguese language classes. 2021. 126 f. (Professional Masters in Languages and Literature) – São Paulo State University (UNESP), Sciences and Languages/Literature College, Assis, 2020.

ABSTRACT

The current work, developed within the scope of the Professional Master's Program in Languages and Literature (PROFLETRAS-UNESP), developed a teaching prototype (ROJO, 2017) for students in the 8th grade of elementary school at a public school from an interior city in the state of São Paulo with the objective of formulating a proposal for working with '*meme*' from the perspective of the discursive gender, based on Bahtin theory (2010a). This proposal was elaborated under the theme of gender equality between men and women, as well as the role of women in our society, in order to contribute to establishing, with students, processes of reflection and promoting the constitution of subjects more aware of their position in the world and with new perspectives on life, which are not limited to manual labor and marriage, given the local reality. Therefore, this study intended to be of an interventional nature, following the criteria and principles of research-action developed by Thiollent (1947), however, due to the pandemic context experienced historically and worldwide because of New Coronavirus, COVID-19, face-to-face classes, in the year 2020, were suspended as a security measure, which made the intervention impossible. Thus, this work was configured as a theoretical research with a work proposal that was based on the studies of literacies and new multiliteracies established by Kleiman (1995) and Rojo (2012), which permeate the official documents of the education network, such as 'Parâmetros Curriculares Nacionais' (PCNs, 1997), 'Diretrizes e Bases da Educação Nacional' (LDB, 1996), 'Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica' (2013), 'Plano Nacional da Educação' (PNE, 2014) and the ruled documents in these laws: 'Currículo Paulista do Ensino Fundamental' (2019) and 'Base Nacional Comum Curricular' (BNCC, 2017). Although the intervention was not possible, this research resulted in the elaboration of a teaching prototype within the parameters established by Rojo (2017) entitled "Who am I, who is the other?" which aims to discuss and reflect on the social role of women and the violence they suffer. In addition, the development of research has undoubtedly impacted my teacher formation. In other words, this research returned to the classroom a more committed and conscious professional to the teaching profession; a professional aligned with

the theories that underlie and legitimize the work in the classroom and pay attention to the needs of students.

Keywords: Genders equality; *Meme*; Teaching prototype; multiliteracies; Discursive genders.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais 29
Figura 2. Mapa dos multiletramentos 36
Figura 3. Características dos protótipos de ensino 38
Meme 1. Cléo Pires 41
Meme 2. Monica Iozzi 41
Meme 3. Deusa 41
Figura 4. Capa do protótipo didático (versão do professor) 54
Figura 5. Apresentação do Protótipo didático (versão do professor) 54
Figura 6. Protótipo didático (versão do professor), página 01 55
Figura 7. Protótipo didático (versão do professor), página 02 55
Figura 8. Protótipo didático (versão do professor), página 03 56
Figura 9. Protótipo didático (versão do professor), página 03a 56
Figura 10. Protótipo didático (versão do professor), página 04 56
Figura 11. Protótipo didático (versão do professor), página 04a 57
Figura 12. Protótipo didático (versão do professor), página 04b 57
Figura 13. Protótipo didático (versão do professor), página 05 57
Figura 14. Protótipo didático (versão do professor), página 06 57
Figura 15. Protótipo didático (versão do professor), página 07 58
Figura 16. Protótipo didático (versão do professor), página 07a 58
Figura 17. Protótipo didático (versão do professor), página 07b 58
Figura 18. Protótipo didático (versão do professor), página 07c 59
Figura 19. Protótipo didático (versão do professor), página 07d 59
Figura 20. Protótipo didático (versão do professor), página 08 59
Figura 21. Protótipo didático (versão do professor), página 09 59
Figura 22. Protótipo didático (versão do professor), página 10 59
Figura 23. Protótipo didático (versão do professor), página 11 60
Figura 24. Protótipo didático (versão do professor), página 12 60
Figura 25. Protótipo didático (versão do professor), página 12a 60
Figura 26. Protótipo didático (versão do professor), página 12b 61
Figura 27. Protótipo didático (versão do professor), página 13 61
Figura 28. Capa do Protótipo didático (versão do aluno) 62

Figura 29. Apresentação ao Protótipo didático (versão do aluno) 62
Figura 30. Protótipo didático (versão do aluno), página 01 62
Figura 31. Protótipo didático (versão do aluno), página 02 62
Figura 32. Questionário elaborado através da plataforma *Google Forms* 63
Figura 33. Protótipo didático (versão do aluno), página 03 65
Figura 34. Protótipo didático (versão do aluno), página 04 65
Figura 35. Protótipo didático (versão do aluno), página 05 66
Figura 36. Protótipo didático (versão do aluno), página 06 66
Figura 37. Protótipo didático (versão do aluno), página 07 67
Figura 38. Protótipo didático (versão do aluno), página 08 67
Figura 39. Protótipo didático (versão do aluno), página 09 67
Figura 40. Protótipo didático (versão do aluno), página 10 67
Figura 41. Protótipo didático (versão do aluno), página 11 68
Figura 42. Protótipo didático (versão do aluno), página 12 68
Figura 44. Protótipo didático (versão do aluno), página 13 68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 22
1.1 Letramento: origem do conceito e discussão teórica 23
1.2 Letramento autônomo e ideológico 26
1.3 Multiletramentos: conceito e proposta pedagógica 34
1.4 Novos multiletramentos e protótipos de ensino 37
1.5 O gênero *meme* 39
2 METODOLOGIA 43
2.1 Abordagem metodológica 44
2.2 Contexto da pesquisa 47
2.3 Instrumentos de pesquisa 49
3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: PROTÓTIPO DE ENSINO 51
3.1 Protótipo: versão para o professor 53
3.1.1 Apresentação 53
3.1.2 Etapa 1: Comprovação de concepções e conceitos 54
3.1.3 Etapa 2: Leitura e análise 55
3.1.4 Etapa 3. Protagonismo e entrevistas 57
3.1.5 Etapa 4. Produção de campanha contra a violência à mulher 59
3.2 Protótipo: versão para o aluno 61
3.2.1 Apresentação 61
3.2.2 Etapa 1: Comprovação de concepções e conceitos 62
3.2.2.1 O questionário elaborado através da plataforma Google Forms 63
3.2.3 Etapa 2: Leitura e análise 65
3.2.4 Etapa 3. Protagonismo e entrevistas 66
3.2.5 Etapa 4. Produção de campanha contra as formas de violência à mulher 67
3.3 Análise do protótipo didático 68
CONSIDERAÇÕES FINAIS 71
REFERÊNCIAS 74
APÊNDICES 78
Apêndice A (Protótipo Didático na versão para o professor) 78
Apêndice B (Protótipo Didático na versão para o aluno) 79
ANEXOS 117
Anexo A (Termo de Assentimento) 117

Anexo B (Termo de consentimento livre e esclarecido).....120
Anexo C (Resolução nº 003/2020) 122
Anexo D (Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP).....124

INTRODUÇÃO

A linguagem é a identidade de um povo e é através dela que os seres se comunicam e expressam sentimentos, constituindo-se como sujeitos únicos. No entanto, a mesma linguagem usada como ferramenta de expressão pode aprisionar indivíduos, uma vez que é necessário que a dominem para circular livremente por outras esferas sociais que lhes são oportunas e/ou necessárias. Tal façanha, em muitos casos, só é possível por meio do acesso à educação de qualidade, pois muitos desses indivíduos, alienados e marginalizados, sequer se dão conta de que há essa barreira limítrofe, uma vez que estão conformados a não aspirar nada além do que lhes é proporcionado, que ainda é muito pouco.

Infelizmente, a realidade mencionada é comum em nosso país. Vale ressaltar, ademais, que algumas questões históricas, tais como a escravidão e o machismo, ainda se refletem em nossa população, pois a segregação daquela época segue sendo perceptível na sociedade. Neste trabalho, o problema de pesquisa emerge da percepção de que há uma visão limitada sobre o futuro por parte dos discentes de uma escola pública de um distrito do interior do estado de São Paulo, mais especificamente, que resulta na visível baixa autoestima que as meninas apresentam por se depararem com poucas perspectivas de vida. A mais citada, em conversas informais com as próprias discentes, é o casamento como forma de constituir família e, assim, sair da tutela dos pais e/ou responsáveis.

Durante muitos anos, a mulher viveu oprimida e submissa a uma sociedade que não a colocava em um patamar igualitário em relação ao homem. Ao contrário, a mulher sempre esteve histórica e socialmente atuando à margem de uma sociedade machista e patriarcal.

> Desde a colonização do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas. Elas foram admiradas, temidas como representantes de Satã e foram reduzidas a objetos de domínio e submissão por receberem um conceito de "não-função", tendo sua real influência na evolução do ser humano, marginalizada e até aniquilada. (SILVA et. al., 2005, p. 71).

No entanto, após muitas lutas e enfrentamentos, hoje, a mulher tem conseguido conquistar seu espaço, mas os resquícios da opressão patriarcal sobre a figura feminina ainda são visíveis.

A sociedade que antes era basicamente decidida por mãos masculinas está enfrentando um momento de renúncia ao antigo quando tenta colocar a mulher em pé de igualdade com o homem, como por exemplo, as mulheres que exercem profissões antes consideradas

tipicamente masculinas, tais como motoristas de ônibus. Mas, ao mesmo tempo, existe um apego quase imperceptível aos velhos padrões como a profissão piloto de avião, que, mesmo incorporando mulheres, ainda conserva o uso da nomenclatura no masculino, embora já exista o vocábulo pilota.

Entende-se que este é um momento de transição e que, como toda mudança, gera desconforto e inquietações. No entanto, ainda há locais nos quais a mulher é criada apenas para se casar, ter filhos e cuidar da casa. Segundo Silva (2005, p. 74), é possível afirmar que isso se dá porque "[...]existe um inconsciente coletivo que determina muitos lugares similares aos existentes nos primórdios, para a ocupação da mulher dentro da família, do grupo e da comunidade."

Ao analisar o perfil dos alunos da Escola Estadual "Antonio Fontana", do distrito de Frutal do Campo, uma instituição pública que atende alunos da zona rural e de um pequeno distrito da cidade de Cândido Mota, no interior do estado de São Paulo, evidenciamos que os meninos estão sendo preparados para o trabalho braçal, enquanto as meninas estão sendo preparadas apenas para a vida de esposa e mãe, seguindo a tradição de seus antepassados. Nesta visão, o homem é o responsável tanto pela fonte de renda quanto pelas decisões, ao passo que a mulher fica responsável pelos afazeres domésticos e pelos filhos (se houver), transferindo sua tutela do pai para o esposo, o que a qualifica, portanto, como dependente do marido, assim como principal encarregada da criação dos filhos. Essa descrição, embora pareça antiquada e ultrapassada, é o motivo pelo qual o sexo masculino ainda se sobrepõe ao feminino, neste contexto, por exemplo.

Não foi necessária uma vasta investigação para notar esse perfil em nossos alunos. Chegamos à escola no ano de 2019 e bastaram algumas semanas para perceber que os meninos se sentem superiores às meninas, tanto na maneira de agir quanto na de falar através de gestos violentos (o que nos preocupa em demasia), além de usarem, com frequência, palavras ofensivas e preconceituosas. Mas como, em pleno século XXI, período em que o feminismo desencadeia discussões e reflexões mundo afora, é possível que ainda haja tanta desigualdade de gêneros entre as novas gerações?

Com base no questionamento proposto, e partindo da observação de um contexto machista e patriarcal, este trabalho se configura sobre o tema da igualdade de gêneros com o objetivo geral de promover, no âmbito do ensino e das aulas de Língua Portuguesa, uma reflexão com o público discente com vistas à conscientização e compreensão acerca do papel da mulher na sociedade, além de promover a ampliação de seus horizontes e a identificação das formas de violência sofridas pelas mulheres na contemporaneidade, uma vez que podem

passar despercebidas inclusive pelas próprias vítimas. Faz-se necessário um trabalho de reconhecimento das diferenças de gêneros de modo a não reforçar ainda mais a desigualdade de direitos e deveres em nossa sociedade que desencadeia, muitas vezes, no sentimento de posse e por conseguinte, nas diferentes formas de agressão às mulheres, mas a buscar contribuir com a formação de cidadãos ativos e capazes de discernir tais questões, em uma perspectiva ética, sócio-histórica e cultural, por meio do trabalho com a linguagem. Para isso, serão analisados *memes* dentro da esfera temática do papel social da mulher. Esse gênero discursivo é muito conhecido pelos alunos por sua grande veiculação via redes sociais através da internet. Sendo assim, os objetivos específicos implicam pesquisar e investigar o gênero e sua circulação, detectar e contrastar outros gêneros que dão origem ao *meme* e desenvolver uma proposta didática para as aulas de Português no contexto considerado. Tal proposta, por sua vez, tem como finalidade promover análises que levem à formação de leitores críticos por meio da interpretação e discussão das ideologias envoltas nos textos selecionados.

Dessa forma, a escola, enquanto instituição de formação humana, não ficará restrita a conteúdos didáticos descontextualizados e se permitirá trabalhá-los de maneira sincronizada à realidade na qual está inserida, transformando o ensino enfadonho e abstrato em algo mais significativo e concreto.

Se analisarmos os índices educacionais brasileiros, chegaremos à conclusão de que o formato atual de ensino não está obtendo os melhores resultados. Os dados do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP) do ano de 2018[1] apresentam os seguintes números: 27,2% dos alunos que terminam o Ensino Médio na rede pública estadual estão no nível abaixo do básico em Língua Portuguesa e 46,6% estão no mesmo nível em Matemática. Considerando que o abaixo do básico é composto por alunos que demonstram domínio insuficiente dos conteúdos, das habilidades e competências desejáveis para o ano/série em que se encontram, podemos afirmar que a instituição escolar não está cumprindo seu papel diante de seus objetivos de formar cidadãos críticos e conscientes.

Segundo o *Programme for International Student Assessment* (PISA)[2], ou Programa Internacional de Avaliação de Alunos que mede o nível educacional de jovens de 15 anos através de provas de Leitura, Matemática e Ciências, o Brasil apresenta desempenho abaixo da média nas três provas. Segundo o relatório do programa sobre o Brasil, "[...] outros países, como a Colômbia, o México e o Uruguai obtiveram resultados melhores em 2015 em

[1] Dados disponíveis em <http://saresp.fde.sp.gov.br/Boletim/2018/RedeEstadual/1/2018_RE_032992_1.pdf >. Acesso em 16/out./2020.
[2] Dados disponíveis em < https://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf>. Acesso em 16/out./2020.

comparação ao Brasil, muito embora tenham um custo médio por aluno inferior." (PISA, 2015, p. 01).

O exame é realizado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que é formada por 30 países. Embora o Brasil não participe da OCDE, é convidado a realizar a avaliação através o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), responsável pela aplicação das provas em todo o território nacional. Tais dados são importantes para situar o desempenho dos estudantes brasileiros no contexto da realidade educacional internacional.

Segundo notícia[3] do site Guia do Estudante de novembro de 2012, o Brasil ficou em 39º lugar de uma lista de 40 países avaliados, o que mostra claramente que algo não está funcionando na educação brasileira. Faltam investimentos tanto na estrutura quanto na valorização dos profissionais da educação, além de contratação de profissionais qualificados.

Para tentar solucionar "problemas antigos" em nosso contexto educacional, mais especificamente no que se refere aos baixos índices nas habilidades de leitura e escrita, surgiram, no âmbito das discussões teóricas sobre o ensino da língua, novos conceitos como o letramento, motivo de crítica tecida por Geraldi (2014), uma vez que o termo letramento emergiu da necessidade de nomear um processo que deveria ser parte integrante da alfabetização, compreendida de uma forma mais ampla. O letramento, segundo o autor, é parte integrante da alfabetização e, em seu ponto de vista, não haveria necessidade alguma de se "criar" um novo conceito para designar aquilo que a própria alfabetização de fato deveria garantir, afinal, não se ensina a decodificar palavras apenas para a pura e simples decodificação, mas para o uso social e ativo da língua como instrumento de interação.

Embora reconheça que ambos, alfabetização e letramento, são processos indissociáveis e interdependentes, Soares (2004) faz uma distinção entre os termos, em que o primeiro corresponde à aquisição do sistema convencional de escrita e o segundo, ao uso competente desse sistema em práticas sociais.

Com base nos dados apresentados pelos índices, é possível averiguar que nossas crianças em idade escolar apresentam dificuldades severas no âmbito da leitura. Isso significa que temos em nossas salas de aulas vários alunos que não conseguem entender o que leem, que apenas sabem decodificar, ou seja, reconhecem o alfabeto e sabem juntar sílabas, mas que não conseguem usar todo o mecanismo linguístico em favor da própria voz. E, mais que isso, são

[3] Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 16 out. 2020.

facilmente enganados e/ou influenciados a repetir como “papagaios” discursos, muitas vezes, irracionais veiculados pelas redes televisivas, jornalísticas e hoje, mais do que nunca, sociais.

Desse modo, podemos observar que se perpetua a ideia de que não é nada interessante que a massa da sociedade que move o país saiba pensar, refletir e, a partir disso, se revolte com o sistema de desigualdades que nele se instala silenciosamente.

Para Geraldi (2014, p. 31), no Brasil não temos diferenças, mas sim desigualdades, uma vez que “as diferenças enriquecem a experiência humana; as desigualdades deformam a humanidade”. A falta de domínio da própria língua materna limita o ser humano a passear livremente por diferentes esferas de atividade humana, o que exclui, torna desigual e marginaliza.

Segundo Goulart (2014, p. 37), “Aprender a escrita somente tem sentido se implicar a inclusão da pessoa no mundo da escrita, ampliando sua inserção política e participação social”. Para a autora, assim como para Geraldi (2014), o termo letramento surgiu como uma “estratégia compensatória”, no intuito de forjar uma realidade ao afirmar que há uma deficiência, uma falha na educação. É como se houvesse as mesmas oportunidades para todos, mas, por escolha livre e consciente, nem todos as aproveitam.

Infelizmente não temos um déficit na educação, se o fosse, seria mais fácil solucionar. O que temos são desigualdades sociais que se refletem na escola, assim como o espelho reflete a face de alguém. O resultado disso é a estagnação social que garante aos mais favorecidos privilégios e impede os menos favorecidos de ascender socialmente, propagando e acentuando as desigualdades. A escola apenas *reflete* e *refrata* a realidade social na qual está inserida e que é cercada de suas ideologias fortemente tendenciosas (Bakhtin, 2010b).

Nesse sentido, o uso de um novo termo “anularia” tais desigualdades e camuflaria o abandono de políticas públicas voltadas para a educação ao conceber que a alfabetização é uma parte do processo que culminaria em letramento, como se fossem possíveis de serem separados, quando, na verdade, o que ocorre é que os alunos não estão sendo plenamente alfabetizados.

Portanto, é necessário que a escola, consciente de sua situação como agência de letramento e de sua importância na formação humana, independentemente do conceito a que recorra, faça uso da língua como instrumento de ação social, pois, embora os conceitos tenham mudado, a escola segue ensinando da mesma forma, ou seja, “[...] mudaram os conteúdos e as tecnologias para a reprodução do material didático [...] mas não as práticas [...].” (KLEIMAN, 2014, p. 80).

Isso não significa anular as diferenças, mas estar ciente de que elas não podem ser desculpa para que se mantenha e se promova a desigualdade social. Vivemos, sim, em uma

sociedade multifacetada com as mais diferentes esferas que, por sua vez, implicam diferentes gêneros do discurso, a depender das intencionalidades do locutor (BAKHTIN, 2010a). Por isso, a escola deve preparar seu alunado para ser capaz de circular por qual esfera quiser, e não limitá-lo.

Muitas vezes, a escola ainda apresenta o perfil denunciado por Paulo Freire (1987) como "educação bancária" e ignora o sujeito. A instituição escolar precisa entender que o ser humano, independentemente de sua idade, jamais será uma tábula rasa pronta para ser preenchida. O educador precisa comunicar-se com seus educandos e não apenas comunicar, ou seja, o ensino deve estar pautado em uma postura dialógica entre professor e aluno, que permita que ambos troquem conhecimento. O professor que apenas comunica não enxerga seu aluno como parte do processo de ensino-aprendizagem, mas apenas como receptáculo. Para Freire (1987, p. 12), precisamos de uma educação libertadora, que "[...] implique a superação da contradição educador-educando, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos".

Quando a educação pensa apenas na utilidade do ensino e se esquece da formação do indivíduo, preocupa-se apenas com a formação técnica, e não plena do ser. Quando a alfabetização, num sentido mais restrito, é o objetivo final do ensino, o letramento torna-se necessário para que se promova a consciência de que não se ensina/aprende a linguagem escrita apenas para saber qual botão apertar, mas para constituir-se enquanto sujeito.

Vale enfatizar que a noção de sujeito, na perspectiva bakhtiniana (2010a), perpassa pelos conceitos de ideologia dos signos e interação social, uma vez que se entende que o sujeito se constitui na e pela palavra que o atravessa e, concomitantemente, permite que ele atravesse o mundo, dando-lhe existência e consciência. Para tanto, é incontestável a necessidade do outro para a constituição do eu, já que o sujeito não é autônomo nem criador de sua própria linguagem, mas o resultado de diferentes discursos aos quais tem acesso de acordo com a esfera de atividade humana em que está inserido, esfera esta regulamentada por fatores sócio-histórico-culturais através dos gêneros discursivos.

Por isso, também é preciso alertar para discursos tendenciosos que incidem diretamente nessa massa mais vulnerável e, de certa forma, inocente. E não apenas alertar, mas oferecer a base necessária para que se estimule uma visão crítica dos fatos, acontecimentos, enfim, da vida, ao menos do mundo ao redor.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) (BRASIL, 1998), o ensino de categorias gramaticais, por exemplo, tem de estar atrelado à formação de cidadãos conscientes de seu papel social

> O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se **construir uma escola voltada para a formação de cidadãos**. [...] Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, grifo nosso).

Ainda neste documento, surgiram os chamados temas transversais que apontam para a necessidade de se trabalhar com temáticas sociais dentro das disciplinas da estrutura curricular, a fim de desenvolver o senso crítico e o pensamento reflexivo para constituir um sujeito consciente de suas escolhas:

> O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a **compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida** pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo. Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, **os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana**. (BRASIL, 1998, grifo nosso).

Vinte anos mais tarde, segundo a *Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental I e II* (BNCC), alguns dos objetivos da educação são assim estabelecidos:

> Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, **fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos** [...];
> **Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação**, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BNCC, 2017, grifo nosso).

Diante de uma realidade na qual ainda persistem diferenças de gênero ou em que o gênero define o grau de importância na sociedade, e a falta de perspectivas e o rebaixamento do poder feminino se limitam à submissão masculina, mesmo após tantas conquistas e lutas, faz-se urgente e pertinente uma intervenção que busque o desenvolvimento de uma visão mais humana e de igualdade. Isso se daria não apenas para cumprir os objetivos dos documentos oficiais, mas, sobretudo, para buscar promover a formação de seres de fato humanos, que saibam viver em sociedade e exercer sua cidadania de forma consciente e ativa, ou, como afirmou Luis Fernando Veríssimo (2004, p. A4), em sua crônica intitulada “Da sua natureza”, para que tais indivíduos não continuem “[...] sendo devorados, rotineiramente, em silêncio”.

Para tamanha transformação objetiva-se, de maneira geral, proporcionar mecanismos para que os discentes desenvolvam a competência leitora de forma plena, a fim de identificar enunciados dotados de ideologia e aprender a tecer críticas, analisando os enunciados que circulam nas redes digitais. Estas, por mais inocentes que possam parecer, são dotadas de ideologia, ou, como afirmou Bakhtin (2010a), de "intencionalidade" e, por isso, é preciso saber questionar para selecionar criticamente as informações.

Sendo assim, a proposta de intervenção apresentada nesta dissertação visa a trabalhar o tema da igualdade de gêneros e o papel da mulher em nossa sociedade por meio do gênero discursivo *meme*, na perspectiva bakhtiniana, distanciando-se da visão pulverizada de como tais gêneros chegaram à instituição escolar, ou seja, fazendo seu uso como prática de letramento em favor da constituição dos sujeitos enquanto seres em formação, para que definam suas próprias identidades e, consequentemente, se encontrem preparados para circular em quaisquer outras esferas de atividade humana.

Dessa maneira, o propósito é contribuir para a formação de sujeitos que respeitem o outro e suas diferenças, bem como potencializar as capacidades individuais dos alunos para que se percebam enquanto sujeitos únicos e confiantes, capazes de almejar outros ares, outras esferas, outros caminhos.

Tendo em vista os objetivos acima elencados, o presente trabalho está organizado, em cinco partes. A introdução se apresenta com vistas a situar o leitor com relação à realidade social na qual a pesquisa se insere, bem como sua justificativa, motivação, contextualização, objetivos e pressupostos teórico-metodológicos.

Já o segundo capítulo dedica-se a fundamentar teoricamente a pesquisa através da conceitualização de letramento e suas características, desde sua origem, com Street (1984 apud. Kleiman, 1995), até os estudos mais contemporâneos de Rojo (2017), os quais, inclusive, ampliam o termo para novos multiletramentos, com base nas evoluções tecnológicas que conquistamos; tais estudos propõem uma nova pedagogia a fim de trabalhar a língua vinculada à prática social e não apenas o letramento da letra apartado do seu contexto de uso. Toda essa discussão está alicerçada, ainda, no conceito de gêneros do discurso de Bakhtin (2010a).

O terceiro capítulo apresenta o contexto da pesquisa, que descreve os ambientes da unidade escolar e o perfil da comunidade, e expõe as concepções metodológicas e sua importância para a pesquisa, bem como a abordagem que se pretendeu adotar, a pesquisa-ação, tendo em vista os objetivos e as necessidades da investigação proposta. Entretanto, devido ao contexto de pandemia por causa do Novo Coronavírus, o COVID-19, as aulas presenciais se converteram em aulas remotas na tentativa de diminuir a taxa de transmissão do vírus,

inviabilizando, assim, a ação que prevê a pesquisa-ação. Dessa forma, o resultado da pesquisa é uma proposta de intervenção amparada na Resolução nº 003/2020 (Anexo C) que define as normas sobre a elaboração do trabalho de conclusão de curso para a sexta turma do programa Profletras. Por este motivo, os instrumentos de pesquisa para a coleta de dados e resultados da aplicação do protótipo não foram empregados, haja vista que o contexto impediu que a pesquisa avançasse para a fase de aplicação do protótipo didático elaborado.

No quarto capítulo, descrevemos o "desenho" de como a intervenção pode vir a se desenvolver ao longo do processo no contexto escolar considerado, uma vez que se adota para este trabalho o conceito de *protótipos de ensino*, cunhado por Rojo (2017). Portanto, trata-se de um molde vazado que permite mudanças e flexibilidade, a depender do ritmo e dos interesses dos próprios alunos, ao longo de todo o processo.

No quinto e último capítulo, apresentamos as considerações que refletem as observações e discussões empreendidas. E ao final constam os Apêndices que contêm os protótipos didáticos nas versões professor e aluno como produto e resultado desta pesquisa e os Anexos, os quais trazem o Termo de Assentimento e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido necessários para aprovação deste projeto no Comitê de Ética Local, embora não tenha sido possível, devido ao contexto da pandemia, desenvolvê-lo por completo, mais especificamente em sua fase interventiva. Também consta dos Anexos a Resolução nº 003/2020 que define as normas para a elaboração do trabalho de conclusão de curso para a sexta turma do ProfLetras, tendo em vista seu caráter de excepcionalidade, devido ao contexto da pandemia pela Covid-19.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É de senso comum a cobrança ao indivíduo por saber ler e escrever, haja vista o mundo grafocêntrico em que vivemos, onde quase tudo é mediado pela linguagem escrita.

Nesse sentido, o Brasil tem buscado com afinco a erradicação do analfabetismo. Com a aprovação do Plano Nacional da Educação (PNE), através da lei 13.005/14, tal feito vem sendo almejado por todo o país. Em suma, os números são positivos, pois, embora não tenhamos alcançado os objetivos propostos, um avanço considerável já pode ser notado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, entre homens e mulheres, era de 6,8% em 2018.

No entanto, à medida que o analfabetismo vai sendo superado, surge outra problemática: até que ponto esse analfabetismo é, de fato, erradicado? Por que, em um país onde o número de analfabetos diminui gradativamente, é comum ouvir comentários indignados de professores que afirmam que os alunos "não sabem ler"?

Diante desse cenário, torna-se imperativo definir os conceitos que subsidiarão e sustentarão esta pesquisa, a começar pelo de *letramento*, bem como os modelos *autônomo* e *ideológico* de letramento oriundos dos estudos de Street (1984), os quais foram trazidos ao Brasil por Kleiman (1995) e, mais tarde, interpretados por Soares (2001), como *versão fraca* e *versão forte* do letramento. Tais conceitos, por sua vez, estão relacionados à visão dialógica dos gêneros do discurso de Bakhtin (2010).

De posse de todo esse conhecimento, a concepção do que é ensino evidentemente se transforma. É fato que o conceito de letramento é difícil de ser sistematizado, mas as discussões nos levam à conclusão de que escola e ensino estão ainda desconectados do contexto social do aluno, contexto este que envolve múltiplas culturas e múltiplas semioses com o advento da tecnologia. Por isso, é necessária uma pedagogia capaz de lidar com o que Rojo (2012) chama de *novos multiletramentos*. Tal pedagogia é realizada por um trabalho pautado nas necessidades dos alunos, partindo de suas "coleções", em busca do conhecimento e reconhecimento de outras a partir de modelos didáticos vazados, que permitam ao professor e ao aluno se sentirem responsáveis e ativos no processo de ensino-aprendizagem. São os chamados *protótipos de ensino* (Rojo, 2017), abertos e adequados à realidade local, proposta interventiva desta pesquisa.

1.1 Letramento: origem do conceito e discussão teórica

Antes de qualquer explanação, é importante frisar a dificuldade em definir o conceito de letramento. Vale ressaltar que seu surgimento se deveu à necessidade de compreender os processos de leitura e escrita de forma mais ampla, um termo que ultrapassa a tecnologia do ler e escrever e concebe tais processos como práticas sociais. Segundo Soares (2001, p. 20), "[...] não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o surgimento do termo letramento [...].".

Letramento é uma palavra ainda em definição que teve, provavelmente, sua primeira ocorrência no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* de Mary Kato, datado de 1986. Dois anos mais tarde, em 1988, Leda Verdiani Tfouni distingue os termos alfabetização e letramento, no livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Em 1995, Ângela Kleiman traz, no título de sua obra, o vocábulo ainda não dicionarizado: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Nele, Kleiman não apenas enfatiza o termo como também o traduz a partir dos apontamentos de Street (1984).

Embora nos pareça inovadora, a palavra letramento já havia sido registrada no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, datado de 1974, por Caldas Aulete. Curiosamente, o verbete é caracterizado como antigo, antiquado através da abreviação "ant.", e tem, obviamente, um distanciamento do contexto de uso atual, bem como de seu significado de escrita que o dicionário traz.

Apesar de curioso, não buscamos este termo no dicionário de Aulete. O termo *letramento* é oriundo da palavra inglesa *literacy*, que vem, etimologicamente, do latim *littera* (letra) agregada do sufixo *cy* (qualidade, condição, estado, fato de ser). Em outras palavras, *literacy*, traduzido para nós como *letramento*, é o estado ou condição daquele que aprende a ler e escrever.

O conceito parte do princípio de que a língua está em uso e que seus nativos a manejam para estabelecer as relações sociais que lhes são necessárias. Sendo assim, a língua é vista como prática social que perpassa as noções de escrita, uma vez que vivemos em um mundo em que as práticas são mediadas pela escrita em sua maioria, em uma cultura grafocêntrica. A essas práticas nomeia-se *letramento*. Um exemplo simples e rotineiro dessa mediação é a ação de ir ao supermercado e comparar preços (que estão expostos nas prateleiras através da linguagem escrita) de determinado produto a fim de saber qual está de fato mais barato para que haja, assim, economia.

Em suma, o termo letramento, atualmente, é definido como "[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...] (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Vale resgatar historicamente que em 1947, o então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, iniciou a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) no intento de erradicar o analfabetismo através da criação de programas nacionais de educação com vistas a atingir jovens e adultos com o apoio, inclusive, da UNESCO.

Mais adiante, em 2014, a Lei 13.005/2014, já citada, aprova o Plano Nacional de Educação (PNE). Segundo tal lei, em seu artigo 2º, inciso I, a primeira diretriz do plano é erradicar o analfabetismo. O PNE contém 20 metas para a educação a serem cumpridas até o ano de 2024 que envolvem a universalização do ensino, a elevação da qualidade da educação bem como a escolaridade média da população, o aumento das oportunidades em cursos de ensino técnico e de nível superior, além de valorização do profissional da educação. Ainda no documento, as metas 05 e 09 envolvem a alfabetização de crianças, jovens e adultos, ou seja, após sessenta e sete anos, a preocupação do país ainda se concentra na diminuição (ou erradicação) do analfabetismo e, ao instaurar uma nova terminologia, algumas indagações são levantadas: devemos dicotomizar alfabetização e letramento? Afinal de contas, em que pontos convergem e divergem?

Segundo Goulart (2014), ao introduzir um novo conceito, o país pode estar apenas mascarando uma realidade, como uma "estratégia de compensação" para o fracasso escolar, ao qual já fizemos referência. É quase inimaginável pensar o ensino da leitura e da escrita que não seja associado à inclusão dos indivíduos em meios sociais; portanto, o próprio termo alfabetização já deveria integrar a capacidade de "letrar" alguém, desde sempre.

Entretanto, ao ser constatado que muitos discentes são capazes apenas de entender instruções escritas para a realização de tarefas simples, o que é denominado de alfabetismo funcional por Rojo (2009), fica comprovado que o Brasil não obteve êxito na alfabetização e, em lugar de investir na educação básica de qualidade para reverter o cenário, preferiu-se adotar um novo termo. O mesmo acontece com algumas medidas como a promoção automática, as cotas nas universidades e a educação de jovens e adultos, por exemplo, que surgiram como manobras para corrigir dados e estatísticas. Ora, se vivêssemos em um país onde houvesse de fato igualdade de oportunidades, todos, sem exceção, teriam as mesmas oportunidades de estudo e de trabalho, portanto, não haveria necessidade alguma de criar mecanismos para corrigir eventuais falhas no sistema. No entanto, o que vemos é um cenário no qual os grupos

privilegiados se sobressaem enquanto os grupos menos favorecidos são “beneficiados” com medidas para compensar a ausência de investimentos e a desigualdade social que assola o país.

Para Goulart (2014, p. 39), “[...] a ideia de compensação faz crer que haja falta, déficits a reparar e não desigualdades [...]”, como se em nosso país as oportunidades fossem dadas a todos de forma igual; a diferença seria apenas que alguns as aproveitam e outros, a bel-prazer, não.

Para Soares (2004), a alfabetização distingue-se de letramento, uma vez que define aquele como a aquisição do sistema convencional da escrita e este como o uso competente da leitura e da escrita no âmbito das práticas sociais. Apesar disso, não os coloca como processos dissociados e que acontecem em sequência, mas como processos inseparáveis e complementares. Nas palavras da autora:

> [...] a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema da escrita. (SOARES, 2004. p. 97).

No entanto, há de se considerar que a instituição escolar, muitas vezes, dissocia o contexto social dos aprendizados escolares, tornando-os sem significado e abstratos ao alunado e, em lugar de aproximar e trazer para si seus alunos considerando sua cultura, afasta-os e os faz crer que não sabem usar a língua portuguesa porque dominam apenas a variante local, característica do contexto no qual estão inseridos.

Faz-se necessário frisar que é papel da escola ensinar a norma-padrão e não há intenção alguma de questionar tal objetivo; muito pelo contrário, o que se questiona, neste trabalho, é a necessidade de se partir da variante linguística do alunado como pontapé inicial para o ensino e reflexão sobre a língua portuguesa, para que o indivíduo tenha a oportunidade de reconhecer-se e constituir-se enquanto sujeito que pode fazer uso de diferentes formas, bem como dominar diferentes gêneros discursivos que lhe possibilitarão transitar por diferentes áreas de atividade humana, culminando na sua “libertação” social.

Quando veem nos livros, nos cadernos e/ou na lousa algo que está totalmente desvinculado da realidade em que vivem, os aprendizes não conseguem estabelecer noções de sentido e, por isso, muitas vezes, não aprendem. O fato é que

> [...] a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético,

> numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

Muito embora o letramento tenha sido associado à aquisição das habilidades leitora e escritora, é possível dizer, também, que um indivíduo não alfabetizado é, ao mesmo tempo, letrado desde que reconheça o uso da leitura e da escrita em práticas sociais. Um bom exemplo é o filme *Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles, no qual os indivíduos, mesmo não escolarizados, reconhecem e entendem a necessidade e o objetivo da escrita, mais particularmente no gênero carta. Os sujeitos do longa-metragem não sabem escrever uma carta, mas reconhecem no gênero a finalidade, bem como sua estrutura ao ditarem seus textos para a escriba, ou seja, fazem uso da escrita como prática social, mesmo sem dominar o código.

1.2 Letramento autônomo e ideológico

Quando há preocupação com o letramento como prática social, o foco da escola deixa de ser o individual e passa a ser o social, repercutindo na reflexão sobre o formato de educação de que usufruímos atualmente, aquém das necessidades de nossos alunos.

Dessa forma, o primeiro benefício de levantar um novo conceito é levar uma gama de pessoas a refletir sobre os resultados obtidos e identificar os pontos de vulnerabilidade do ensino brasileiro, pois, ao teorizar acerca do conceito de letramento, é inevitável que se analise o formato de educação atual e seus resultados, por vezes, insatisfatórios.

Paulo Freire, na década de 1980, já preconizava que tal formato de educação mantém e estimula a desigualdade social, pois impede os indivíduos de circularem por todas as esferas sociais, limitando-os às periferias e marginalizando-os. Em outras palavras, uma educação no formato que temos atualmente é favorável às classes dominantes porque não se sentirão ameaçadas e contarão com mão de obra barata.

Ao formar indivíduos que só são capazes de ler e entender informações simples, estamos formando mão de obra apenas para suprir as necessidades financeira, social e cultural dos mais favorecidos. É uma forma cruel e desleal de segregar os grupos e solidificar ainda mais a desigualdade social. Para Kleiman (1995), trata-se de um processo cíclico, no qual a escola reproduz e perpetua a desigualdade. Nas palavras da autora,

> Os estudos realizados no contexto brasileiro mostram uma situação semelhante quanto à reprodução do *status quo* pela escola, situação esta, entretanto, muito agravada pela pobreza e pelo analfabetismo generalizado, que tornam as consequências desse processo cíclico de reprodução da desigualdade social muito mais desumanas. (KLEIMAN, 1995, p. 45).

É nesse sentido que o impacto dos estudos do letramento é imprescindível para a libertação dos indivíduos, desde que a escola tenha práticas de letramento fundadas em práticas discursivas que não reproduzam e determinem o lugar de cada um. Em outras palavras, a instituição escolar está impregnada de um contexto de aprendizagem que não visa a autonomia do indivíduo, mas a determinação de quem é dominante e quem é dominado. Oferece ao dominado o mínimo necessário para a sobrevivência nas escolas públicas, ao passo que ao dominante são ofertadas oportunidades de desenvolvimento de habilidades verbais e analíticas e de pensamento crítico, ou seja, por trás dos bancos escolares há toda uma ideologia que assegura a estagnação social dos indivíduos.

Esse é o resultado em se adotar o que Street (1984 apud Kleiman, 1995) chama de modelo autônomo do letramento em contraste com o modelo ideológico do letramento. Segundo o autor, as práticas de uso da escrita da escola se submetem a um desejo da classe dominante na sociedade e se sustentam em um modelo de ensino único a ser desenvolvido e unilateral, o chamado *modelo autônomo*. Neste, a escrita é o produto completo em si, pois independe do contexto de produção uma vez que, diferentemente da oralidade que apresenta um interlocutor capaz de interferir no momento da sua produção, a escrita é autônoma e sua interpretação seria determinada pelo funcionamento lógico interno do texto que origina as seguintes características: a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo, a dicotomização entre oralidade e escrita e a transformação mental a partir da aquisição da escrita.

Nesse viés, em que o domínio da escrita é sinônimo de indivíduo letrado, os sujeitos são divididos em dois grupos: aqueles que usam a escrita e aqueles que não a usam. Possuir o domínio da escrita passa a ser, então, uma ferramenta de poder, um diferencial entre as pessoas porque a modalidade linguística está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, como se quem não dominasse a tecnologia da escrita também não fosse capaz de desenvolver-se cognitivamente. A grande problemática da afirmação é que, ao relacionar o desenvolvimento cognitivo à escrita, é provável que se reproduzam o preconceito e a segregação dos povos.

No entanto, esta teoria não se solidifica quando Luria (1976 apud KLEIMAN, 1995) aponta diferenças significativas quanto a estratégias para realizar certas tarefas ou responder determinados questionamentos em pesquisas realizadas no início da década de 1930, com

grupos de idades e formação diferentes. O que o pesquisador constatou é que o fato de não dominar a escrita não impedia os chamados *não-letrados* de desenvolver estratégias para solucionar problemas, tampouco responder perguntas. A diferença estava justamente nas estratégias que os camponeses usavam, seguindo esquemas utilitários, associados à prática, ao passo que os jovens escolarizados – e, portanto, letrados – faziam uso de categorias superordenadas e genéricas.

Ao tomar conhecimento de que os contextos de uso, ou as práticas sociais, se correlacionam ao desenvolvimento cognitivo e não apenas à prática da escrita, fica evidente a necessidade da prática discursiva, voltando o ensino não para o simples saber, mas para o saber dizer.

Outro aspecto do modelo autônomo é a dicotomização da oralidade e da escrita, em que a primeira é considerada descuidada e pouco planejada por expressar conteúdos informais, ao passo que a segunda é cuidadosamente planejada e com grau de seleção linguística superior em contextos de maior conhecimento.

Tal dicotomia está praticamente liquidada nos estudos linguísticos atuais porque "[...] nem toda escrita é formal e planejada, nem toda oralidade é informal e sem planejamento" (KLEIMAN, 1995, p. 28). Um bom exemplo é a comparação entre um bilhete deixado na porta da geladeira – portanto, escrita – e a apresentação oral de um congresso para médicos – portanto, oralidade. O grau de formalidade e de planejamento no gênero apresentação em congresso, embora seja pautado na oralidade, é visivelmente maior do que no gênero bilhete, comprovando que a oralidade, a depender do contexto de uso, não é menos cuidada que a escrita. É nessa perspectiva que Marcuschi (2010) propõe um contínuo em lugar de dois polos extremos de diferenciação entre escrita e oralidade:

> A hipótese que defendemos supõe que: as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Em consequência, temos a ver com correlações em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear. O gráfico 1 dá uma noção esquemática dessa postura.

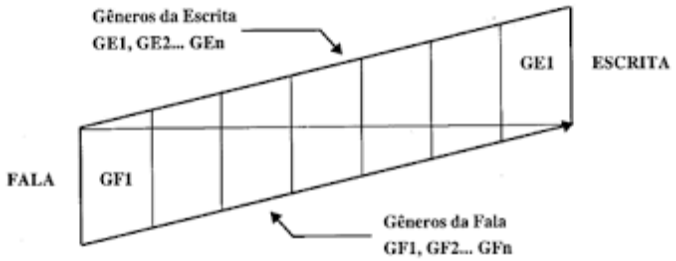


Figura 1. Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.
(FONTE: MARCUSCHI, 2010, p. 37)

Analisando o esquema de Marcuschi (2010), nota-se que há uma linha entre os gêneros, significando que os textos, em algum momento, se constituem de uma mescla entre a oralidade e a fala, pois se entrecruzam. Afinal, trata-se de um mesmo sistema linguístico com realizações distintas e peculiares, mas que se distinguem de tal forma que a escrita não representa a fala.

Além disso, após conhecermos as reflexões de Bakhtin (2010a), nas quais a prática social é compreendida como constitutiva da linguagem, fica impossível sustentar a ideia de que a escrita é impessoal, uma vez que a linguagem, seja ela manifestada através de enunciados escritos ou orais, é sempre uma atitude responsiva a um enunciado anterior, ou seja, incorpora outras vozes anteriores em seu discurso.

Bakhtin (2010a) parte do princípio de que todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da língua que, por sua vez, efetua-se através de enunciados concretos e únicos que se apresentam em condições e finalidades diversas. São exatamente estas condições e finalidades que necessitam de tipos de enunciados diferentes, ou, como Bakhtin (2010a) nomeia, de “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os chamados gêneros do discurso, que são infindáveis e inesgotáveis, pois se ampliam à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Portanto, há uma heterogeneidade que não estava prevista nos estudos linguísticos anteriores e que não pode ser desconsiderada da língua, pois é indispensável a qualquer estudo. Ao negar sua heterogeneidade, o elo entre língua e vida se enfraquece, bem como sua característica de ser mutável.

O sujeito da linguagem é consciente de todas essas características e sabe que o signo linguístico é dotado de ideologias e de significados que são afetados por vários fatores, como a entonação ou a situação em que se realizam os enunciados, ou seja, a língua se transmuta a depender dos contextos de uso.

É por isso que Bakhtin (2010a) divide os discursos em primários (simples) e secundários (complexos). Ao primeiro, limitamos os discursos de comunicação discursiva imediata ou do cotidiano; já ao segundo, relacionamos os discursos oriundos de convívios culturais mais complexos e organizados, como os romances, os dramas ou as pesquisas.

Entretanto, não é porque os discursos primários são mais descompromissados e imediatos que devem ser vistos como triviais, assim como representa a teoria behaviorista[4]. Há, nesses discursos, também organização e não se deve inferiorizá-los em detrimento daqueles, mesmo porque os discursos de gêneros primários e secundários se transmutam ao passo que os primeiros influenciam os segundos que, por sua vez, se transformam e adquirem características próprias dos primeiros, ou seja, não há uma cisão entre eles, há apenas uma distinção entre um e outro. É importante salientar, ainda, que os secundários são alimentados pelos primários.

Dessa forma, os discursos, sejam eles primários ou secundários, a depender das esferas sociais em que se efetivam, exercem influências sobre o pensar, o agir e o falar e constituem, no contato vivo e mutável dos enunciados, os sujeitos. É no convívio social que os indivíduos refutam e refletem suas impressões e ideologias e se configuram enquanto seres singulares e únicos, o que, inevitavelmente desconstrói a ideia de que a linguagem é um ato solitário e individual e o destinatário é, por sua vez, um receptor passivo que só duplica o pensamento do locutor.

Essa concepção dialógica de linguagem não permite mais que pensemos que a escrita é um produto completo e acabado em si mesmo porque não está preso ao contexto de produção, mas sim que admite significados únicos a partir dos contextos e instituições em que foi produzida, próximo ao que Street (1984) chama de *modelo ideológico* de letramento.

Como mencionado anteriormente, o sujeito para Bakhtin (2010a) se constitui através da interação social com o "outro". Por isso, todo e qualquer discurso proferido pelo "eu" sempre será um ato responsivo ao "outro". Isso significa que "[...] tanto o conjunto de perguntas quanto o de respostas vão formando gradativamente os vários níveis de mediações que aprimoram e complexificam a atividade do homem, bem como enriquecem e transformam sua existência." (CAVALCANTE, 2005, p. 06).

[4] A teoria behaviorista da linguagem, apoiada na proposta teórica de L. Bloomfield e depois por B. F. Skinner, parte do pressuposto de que o processo de aprendizagem consiste numa cadeia de estímulo-resposta-reforço, ou seja, que a aquisição da linguagem é resultado de um ambiente que fornece os estímulos ao passo que a criança fornece as repostas – tanto pela compreensão como pela produção linguística – que por sua vez é recompensada ou reforçada na sua produção pelos indivíduos que a cercam. Esses discursos, chamados por Bakhtin (2010a) de discursos primários, são considerados triviais pela teoria behaviorista. Segundo Bakhtin (2010a) os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários tornando-se componentes dos gêneros secundários, transformando-se e adquirindo características particulares.

Para o autor russo, os atos responsivos são divididos em compreensão responsiva ativa ou compreensão responsiva muda (de ação retardada). Mas, independentemente do modo de resposta, todo enunciado provoca no outro uma atitude responsiva.

A última característica do modelo autônomo é o "mito do letramento", ou seja, a crença de que a aquisição da escrita é capaz de libertar o indivíduo uma vez que se acredita que a faculdade da escrita, por ser mais complexa que a oralidade, envolve o desenvolvimento cognitivo de atividades mentais mais abstratas, o que, consequentemente, garante aos indivíduos a participação em grupos sociais integrando-o à vida moderna, bem como sua ascensão e mobilidade social, além do aumento da produtividade e da economia, como um mecanismo de emancipação ou até avanço cultural e espiritual. É a crença equivocada de que ao ser considerado letrado, automaticamente o indivíduo agrega sucesso profissional e pessoal.

Todo esse ideal que envolve a aquisição da escrita mascara uma realidade de desigualdade social na qual vivemos, como se o único responsável fosse o analfabetismo. Em outras palavras, bastaria toda a população conhecer o código linguístico que todos os problemas estariam sanados, já que a pobreza econômica e cultural é a única responsável pela desigualdade social.

Segundo Haddad (1989 apud KLEIMAN, 1995, p. 37), os indivíduos pertencentes às camadas mais baixas da sociedade "[…] não são pobres porque são analfabetos, são analfabetos porque são pobres." Não existe relação clara entre a ascensão social e o letramento; o que existe é uma política que usurpa os direitos e culpabiliza a classe menos privilegiada pelos efeitos de uma má administração.

O modelo autônomo tem o agravante de atribuir o fracasso e a responsabilidade por este fracasso ao indivíduo que pertence ao grande grupo dos pobres e marginalizados nas sociedades tecnológicas. (KLEIMAN, 1995, p. 37).

Quanto ao modelo ideológico, embora pareça contradizer o modelo autônomo, é pautado em práticas de letramento diversas, e não apenas a da elite, envolvendo aspectos culturais, sociais e econômicos, com vistas a alargar o campo de trabalho e de investigação. Para uma prática no modelo ideológico, é preciso compreender que as práticas de letramento mudam conforme o contexto. Caso contrário, as práticas de letramento só seguirão reforçando a desigualdade social e determinando o lugar de cada indivíduo na sociedade onde a burguesia se mantém dominante explorando ao máximo a classe proletária, seja por baixos salários ou por péssimas condições de trabalho e de estudo, como assinala o materialismo histórico de Karl Marx, teoria sobre a qual Bakhtin funda suas concepções de linguagem e sujeito.

O núcleo do pensamento marxista é pautado na necessidade do homem em obter bens materiais em busca de uma qualidade de vida que o satisfaça. Para tal, relaciona-se com a natureza através da linguagem, que por sua vez é dotada de sentidos e serve como ferramenta para perpetuar e sustentar o sistema de uma sociedade que está em constante transformação, ou seja, há um processo de significação e ressignificação permanente.

Essas significações e ressignificações são resultado de uma relação dialógica entre sujeito e sociedade mantendo um diálogo com as teorias de Bakhtin (2010b), quando define interação como algo tanto harmônico como também de embate na produção dos discursos, sejam eles orais ou escritos, que circulam na sociedade.

Neste contexto, as práticas escolares de letramento precisam voltar-se para um ensino contextualizado e significativo com vista ao desenvolvimento pleno do alunado, caso contrário

> [...] estariam constituídas por práticas de letramento ideologicamente determinadas, que encaminham o aluno por trilhas previamente determinadas em função de sua classe social e/ou etnia, não em função de sua inteligência ou potencialidade. Essas trilhas efetivamente reproduzem as desigualdades do sistema. (KLEIMAN, 1995, p. 44).

Embora possa aparentar uma visão cruel do ensino afirmar que as escolas públicas brasileiras são, em sua maioria, caracterizadas pelo uso do modelo autônomo, quando analisamos os índices de alunos oriundos destas instituições que efetivamente ingressam nas melhores universidades do país torna-se clara a desigualdade instaurada pela falta de ensino de qualidade. Segundo Carvalho e Waltenberg (2015, p. 15),

> O IOH [Índice de Oportunidades Humanas] calculado evidencia quão distante está o Brasil de um acesso amplo e igualitário ao ensino superior, indicando como as características pessoais impactam na probabilidade de ter acesso a este nível de ensino.

Mais tarde, Magda Soares (2001), ao tentar definir letramento, faz uma divisão entre a dimensão individual do letramento que corresponde, resumidamente, ao domínio individual e pessoal das tecnologias do ler e escrever, ao passo que a dimensão social do letramento abrange as atividades sociais que envolvem (ou exigem) a língua escrita.

Para a autora, uma das grandes dificuldades em definir o termo está justamente na gama de habilidades individuais que constituem o letramento, mesmo fazendo a divisão entre dimensão individual e social. Isso se dá porque, quando se foca na dimensão individual, nos

deparamos com a escrita e a leitura, ambos processos diferentes que estão entrelaçados e coexistem, ou seja, impossível dissociá-los, mas tão distintos entre si. Entende-se que:

> [...] a leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos. [...]. [Em contrapartida,] a escrita é um processo de relacionar unidades de som a símbolos escritos e é também um processo de expressar ideias e organizar o pensamento em língua escrita. (SOARES, 2001, p. 68 -70).

Embora distintas, ambas envolvem habilidades cognitivas e metacognitivas e devem variar conforme o contexto de uso, uma vez que as competências que englobam o letramento são distribuídas em um contínuo, no qual as habilidades entre ler e escrever se entrecruzam, ao passo que se torna impossível identificar uma linha fronteiriça entre quando se inicia o processo de ler e quando se inicia o processo de escrever, porque ocorrem simultaneamente. Por esse motivo, não há como determinar uma linha divisória capaz de definir e classificar o indivíduo em letrado ou iletrado, embora a UNESCO[5] o tenha tentado em 1958.

Quanto à dimensão social, podemos considerar, segundo Soares (2001, p. 72), que "letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais".

Tal definição retoma grande parte da literatura de Street (1984) e de Kleiman (1995), mas com nomenclaturas diferentes. A autora traz os termos *versão fraca* e *versão forte* do letramento dentro da dimensão social, que correspondem, respectivamente, ao enfoque autônomo e enfoque ideológico de Street, e explica que a versão fraca é o uso das habilidades leitoras em função de exigências sociais, ou seja, é funcional.

Não há novidade alguma nesse enfoque quando nos recordamos do antigo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que se iniciou no país em 1967, criado em um contexto de regime militar que precisava de mão de obra. Se analisarmos bem, o ensino segue os mesmos parâmetros, no entanto, agora com outra roupagem. Em trecho extraído do documento regulamentador da modalidade de ensino, a finalidade da escola é "auxiliar na aprendizagem de coisas que são essenciais para a forma eficiente de vida no mundo atual" (MOBRAL, 1967), deixando claro o objetivo de formar para a funcionalidade.

[5] Em 1958, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) definiu, para fins de padronização das estatísticas educacionais, a pessoa alfabetizada como aquela "capaz de ler e escrever com compreensão um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana." (UNESCO, 1958, p. 4 apud SOARES 2013, p. 32-33)

Para Paulo Freire (1987), essa educação voltada para a funcionalidade e que aliena o indivíduo é chamada de “educação bancária”:

> Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da **ideologia da opressão – a absolutização da ignorância**, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, **se mantém em posições fixas, invariáveis.** (FREIRE, 1987, p. 06, grifo nosso).

Já a versão forte, chamada por Street (1984) de modelo ideológico, é vista como revolucionária porque é responsável por, além de usar a leitura e a escrita na sua dimensão social, reforçar ou questionar valores, conceitos, tradições e formas de distribuição de riquezas e de poder. Esse modelo sim é capaz de transformar o ser humano e desenvolver competências abstratas através de discussões e reflexões oriundas de práticas de leitura e escrita.

Para tal, a escola, a mais importante das agências de letramento, deve incluir não apenas variados gêneros – que são muitos, dada a evolução tecnológica –, mas, também, as culturas envolvidas de forma a abranger a multiculturalidade e a multimodalidade, conforme veremos no próximo tópico.

1.3 Multiletramentos: conceito e proposta pedagógica

Em 1996, em um Colóquio do Grupo Nova Londres (GNL)[6], pesquisadores discutiram sobre a necessidade de haver uma pedagogia capaz de assimilar tanto a multiplicidade cultural quanto a multiplicidade semiótica através do seguinte termo: *multiletramentos*.

Ora, se vivemos em uma sociedade híbrida na qual a mestiçagem é nossa identidade, que sentido há em escolher o que Rojo (2009) chama de letramentos dominantes e rechaçar os letramentos vernaculares? Assim como os gêneros são muitos devido à era digital na qual vivemos, as culturas são muitas e se mesclam, ao passo que a globalização avança.

Segundo Rojo (2012), são requeridas uma nova ética e novas estéticas. Uma nova ética porque as relações sociais devem se basear no diálogo e na construção em conjunto, pautada na hibridização de ideias e no uso democrático da expressão; e novas estéticas porque surgem na

[6] O GNL reuniu nomes como Courtney Cazden, Bill Cope, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, Allan e Carmen Loke, Sara Michaels e Martin Nakata e foi responsável pela publicação do manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais).

sociedade novas formas e formatos de expressão a cada dia. Além disso, cada indivíduo cria o que Rojo e Moura (2012) chamam de "coleção", que difere de pessoa para pessoa, ou entre os grupos sociais.

O fato é que com a "democratização da palavra", ou seja, a descentralização da informação e da opinião, os textos, sejam eles escritos, em áudio, vídeo, imagem etc., passam a ser compostos por muitas linguagens que exigem habilidades de produção e de compreensão para fazer significar. Para tanto, os *multiletramentos* envolvem a profusão de linguagens, sejam elas verbais ou não, e de culturas constituídas por textos contemporâneos que integram uma variedade de semioses que ultrapassam a linguagem verbal. É exatamente essa profusão de linguagens que a escola deve compreender e ensinar, pois é esta a realidade do seu público. Segundo Lemke (1998 apud ROJO, 2012, p. 20) é preciso ensinar "como vários letramentos e tradições culturais combinam essas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar".

Para tanto, é imprescindível que se faça o uso de novas tecnologias e novas ferramentas digitais, haja vista que estes novos gêneros híbridos ali se encontram. Tal ação implica um novo comportamento, uma nova conduta. Nesse sentido, Lankshear e Knobel (2007 apud ROJO, 2012) teorizam sobre o termo *novos letramentos*, que não se limita à aparição de novas ferramentas, mas a uma nova mentalidade (*ethos*), originária do uso consciente e ativo desses aparatos e *softwares*.

A tal mudança de comportamento os autores chamam de "Mentalidade 2.0", em alusão à *Web 2.0*. Ambos se baseiam nas características das plataformas do formato interativo, participativo e colaborativo, por isso são textos híbridos de linguagens, modos, mídias e culturas. Além disso, são dominados por uma parcela não especialista, o que altera as relações de poder estabelecidas antigamente. Disso resultam produções colaborativas, uma vez que, ao permitir a participação ativa da sociedade na produção de textos midiáticos, o poder, antes destinado a uma pequena parcela da população, passa a ser compartilhado por todos, resultando não apenas na democratização da escrita, mas também na reestruturação das relações de poder através do domínio da palavra, uma vez que esta se torna acessível. Conforme assinala Rojo (2012, p. 24-25),

> [...] evidentemente, a lógica interativo-colaborativa das novas ferramentas dos multi(letramentos) no mínimo dilui e no máximo permite fraturar ou subverter/transgredir as relações de poder preestabelecidas, em especial as relações de controle unidirecional da comunicação e da informação (da produção cultural, portanto) e da propriedade de "bens culturais materiais" (ideias, textos, discursos, imagens, sonoridades).

O fato de os gêneros que circulam na atualidade, principalmente na internet, serem compartilhados por todos traz à escola um novo objetivo: trabalhar a partir destes enunciados a fim de analisá-los de forma crítica através da metalinguagem, discutindo, por exemplo, o surgimento das chamadas *Fake News*[7] e os efeitos que a disseminação de tais notícias causam na sociedade. Prova disso são as *Fake News* que foram fortemente propagadas durante este período de pandemia no país, deixando toda uma população desorientada e terrivelmente assustada. Por mais que a sociedade como um todo tenha domínio de muitas ferramentas tecnológicas, não sabe onde buscar as informações corretas para diferenciar as informações falsas das verídicas, gerando total desconhecimento e sensação de insegurança.

Em razão disso, faz-se necessária uma "pedagogia dos multiletramentos" que leve à escola os gêneros correntes entre os alunos como objeto de análise e discussão. Para tal, em 1996, o GNL propôs alguns princípios com o objetivo de orientar o trabalho com os multiletramentos na escola através do seguinte diagrama:

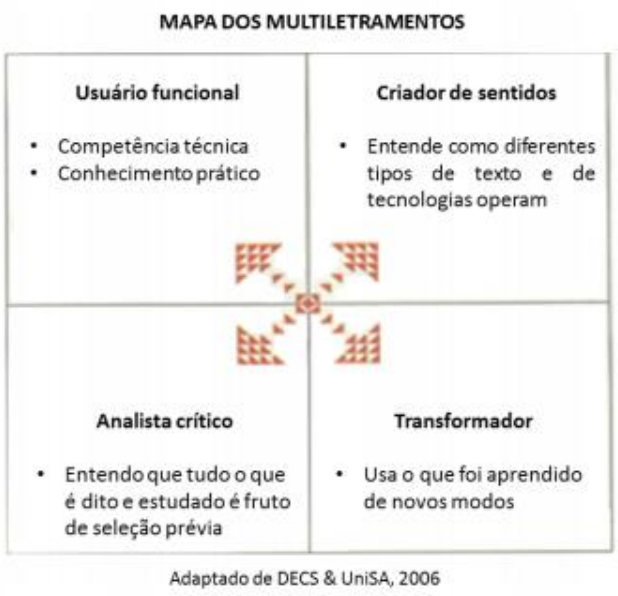


Figura 2: Mapa dos multiletramentos
(ROJO, 2012, p. 29)

Segundo o diagrama, é necessário formar um usuário funcional capaz de ter domínio técnico de ferramentas e aplicativos além de conhecimento prático. Tal domínio o capacita para

[7] *Fake News*: termo em inglês usado para denominar as informações falsas que são divulgadas, principalmente, em redes sociais. Embora não seja um termo recente, datado do final do século XIX segundo o dicionário Merriam-Webster, a expressão começou a se difundir depois do uso frequente da imprensa internacional durante a eleição de 2016 nos Estados Unidos, na qual Donald Trump tornou-se presidente.

criar sentidos por meio da análise crítica sobre tudo o que é enunciado de forma a transformá-lo, gerando um sujeito com novos discursos e significações.

Segundo o GNL, alguns movimentos possíveis para se alcançar o resultado almejado, ao longo do processo de formação na perspectiva dos *multiletramentos*, são: a prática situada, a instrução aberta, o enquadramento crítico e a prática transformadora.

A prática situada implica a imersão em práticas culturais e linguísticas já conhecidas dos discentes, ou seja, um trabalho que tem como ponto de partida o universo do aluno. Tendo isso como base, é necessária uma análise sistemática e consciente das práticas já vivenciadas, dessa vez, de forma crítica, dirigida e orientada. Esse momento é chamado de instrução aberta e discutem-se valores, significações e culturas através do enquadramento de letramentos críticos almejando interpretações não apenas dos textos, mas de seus contextos de uso. O resultado é uma prática transformadora, que origina, a partir de então, novos discursos e agrega novos significados, ou seja, o objetivo não é apenas desenvolver habilidades práticas de produção que envolvem o domínio de ferramentas e aplicativos digitais, mas a análise crítica dos enunciados.

1.4 Novos multiletramentos e protótipos de ensino

Há de se levar em conta que não temos hoje no país uma estrutura educacional adequada no que se refere ao ensino público, uma vez que muito mais do que aparatos tecnológicos, precisamos de investimentos tanto em equipamentos quanto em formação de profissionais capacitados para o trabalho, principalmente no atual contexto em que vivemos.

Um ano totalmente atípico, 2020, trouxe um contexto de pandemia que escancarou a desigualdade não apenas social, mas econômica também. Enquanto alunos da rede privada seguem tendo aulas na modalidade a distância, os alunos de escola pública lutam para acompanhar as aulas do Centro de Mídias criado pelo governo do Estado de São Paulo com seus celulares ultrapassados e seus dados móveis que não aguentam até o final do mês para realizar as atividades virtuais.

Mesmo com a ordem de "não deixar ninguém para trás"[8] do então secretário de estado da educação, Rossieli Soares da Silva, muitos alunos perderam contato com a instituição escolar e se perderam no desenvolvimento de suas aprendizagens. É óbvio que ninguém estava preparado para um contexto pandêmico, mas também é evidente que se a educação fosse

[8] Entrevista disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=rbvu5PFGSYo>. Acesso em 04 jan. 2021.

prioridade no país jamais veríamos um cenário tão caótico como o que vivemos: professores esgotados, alunos desmotivados, pais desnorteados e conteúdo programático comprometido. Se a escola pública no Brasil tivesse um olhar voltado para os multiletramentos através de ferramentas que realmente funcionassem, o cenário certamente poderia ser diferente.

Pensando numa pedagogia voltada para os multiletramentos, Rojo (2017a) traz uma alternativa baseada em "protótipos de ensino". Segundo a autora, o uso de um protótipo é uma ferramenta de ensino que permite ao professor e ao aluno serem protagonistas do processo de educativo:

> São espécies de sequências didáticas para os multiletramentos e novos letramentos, mas com uma estrutura arquitetônica vazada e não preenchida completamente com atividades planejadas previamente pelo autor, sem conhecer o contexto de ensino. São sempre acompanhadas de tutoriais com explicações sobre os princípios de funcionamento de ferramentas e textos em gêneros digitais, para que sirvam como elementos catalisadores do processo de autoria docente e discente (por isso **protótipos**). (ROJO, 2017a, p. 209).

Entre as características de um protótipo estão o armazenamento, as ferramentas de uso colaborativo públicas e gratuitas (o que garante o acesso de todos) que permitem flexibilidade e adaptabilidade ao professor facilitando seu trabalho. Dessa forma, um protótipo é um "esqueleto", segundo a autora, composto por princípios pedagógicos e teóricos, que envolve mídias e semioses multiculturais, ou seja, abarcando diferentes "coleções" como objetos de análise crítica para garantir um ensino interativo e dialógico. No quadro a seguir, estão as características dos protótipos de ensino.



Figura 3: Características dos protótipos de ensino (Fonte: ROJO, 2017a)

A autora ainda sistematiza:

> Esse esqueleto, na medida em que tem uma arquitetônica parcialmente vazada e dialógica, sustenta ou suporta uma variedade de funcionalidades inteligentes – de objetos digitais [...] e de ferramentas [...] à escolha dos (as) professores (as). Mas é suficientemente "robusto" para sustentar uma proposta didática central que funciona como "*template*" para possíveis alterações por parte do docente, de maneira a adequá-lo a suas turmas, seus objetivos didáticos, sua cultura local, podendo, assim, contribuir para formar o (a) professor (a) como didata. (ROJO, 2017a, p. 214).

O protótipo é, portanto, um material navegável e interativo capaz de proporcionar aos alunos um trabalho investigativo e colaborativo em plataformas digitais abertas. No decorrer do processo de ensino-aprendizagem, o professor, de forma autoral e autônoma (uma vez que é ele próprio quem produz e faz seleções de materiais), torna-se mediador do processo e não transmissor de conhecimento.

Por isso, não é uma proposta desorientada e alheia ao currículo, mas um trabalho baseado tanto no Currículo Paulista do Ensino Fundamental (2019) quanto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), documentos que norteiam o trabalho em sala de aula em todo o estado de São Paulo. Através de um viés que objetive autonomia tanto dos discentes quanto do docente pretende-se um ensino mais significativo e adequado à realidade e aos meios tecnológicos atuais. Não se trata de seguir um passo-a-passo, mas de elaborar um desenho, cientes de que haverá novos planejamentos a partir das experiências vivenciadas e que nem sempre o ponto final será aquele proposto inicialmente; poderão surgir empecilhos no decorrer da aplicação e os resultados jamais serão exatamente os esperados. Afinal, como se trata de uma "arquitetura vazada", podem ser inseridas ferramentas e direcionamentos novos, mas sempre dentro de um "robusto" planejamento baseado em princípios pedagógicos e teóricos.

1.5 O gênero *meme*

Tendo em vista o uso do gênero *meme,* neste trabalho, para o desenvolvimento do protótipo, faz-se necessário caracterizá-lo, muito embora não haja muitos referenciais a respeito. O *meme* é um exemplo de desapropriação de bens culturais materiais e da hibridização de enunciados que circula entre os falantes, principalmente nas redes sociais. O conceito *meme* foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins na obra intitulada *O gene egoísta* de 1976. Segundo Recuero (2006, p. 03), "Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, na qual o *meme* é o gene da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas".

Mais tarde, na década de 1990, surgiu um conceito contemporâneo do *meme* a partir da iniciativa de um dos criadores da página *del.icio.us* (idealizada por Joshua Schachter) que

consistia em um *site* que agregava *links*. Ele criou uma outra página intitulada *Memepool* (piscina de memes), com o objetivo de compilar *links* e outros conteúdos compartilhados pelos usuários. Além disso, no final dos anos 2000, a página *Contagious Media*, gerenciada por Jonah Peretti e alguns amigos, realizava experimentos com conteúdos publicados na internet. Tais iniciativas incentivaram a proliferação dos *memes* de forma viral.

> Os memes são apropriações temáticas que vão desde o humor sobre amenidades até assuntos como política e economia, e que têm, na maioria das vezes, mensagens de compreensão fácil e rápida. Some a isso a facilidade de publicação e o compartilhamento, sobretudo pelas redes sociais, e teremos a viralização do conteúdo. (FRANÇA, 2016 apud TORRES, 2016, p. 60).

Sendo assim, o gênero é resultado de um enunciado consolidado (uma imagem estática ou em *gif*, um vídeo ou áudio) e a interferência de outros enunciados (já existentes ou criados) que se adaptam aos mais diferentes contextos e evoluem tanto para seguir se propagando quanto para atrair a atenção dos usuários da rede. Quando se mesclam enunciados consolidados, se constrói outro enunciado repleto de novos significados.

Um exemplo dessa construção e desconstrução de enunciados se encontra em abril de 2016, quando a revista *Veja* lançou uma reportagem com a seguinte manchete: “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”. A matéria, mote inspirador para a criação e elaboração do protótipo de ensino apresentado como produto desta pesquisa, resumidamente, ressaltava as características femininas e a rotina de Marcela, casada com o então vice-presidente, Michel Temer, e foi tida como uma afronta ao movimento feminista que, desde a sua primeira onda ainda no século XIX, prezava pela igualdade de tratamento em relação aos homens, participação política e a liberdade da mulher sobre seu próprio corpo bem como sobre suas escolhas sexuais, econômicas e reprodutivas. Após dois séculos, ainda é visível que há um estereótipo sobre a mulher, no qual o modelo ideal ainda é ser “bela, recatada e ‘do lar’”, no intuito de arranjar um bom casamento, porque só assim se contitui enquanto sujeito, discurso perceptível nos alunos (e alunas) aos quais esta pesquisa se volta. Foi partindo dessa discussão que o prótotipo começou a ser desenhado, porque embora tenha sido publicada em 2016, os *memes* com a frase viralizaram nas redes sociais e são muito atuais e coerentes com o problema de pesquisa. Analisemos alguns:



Meme 1: Cléo Pires. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Celebridades/Hot-news/noticia /2016/04/geisy-arruda-posta-meme-e-reforca-campanha-bela-recatada-e-do-lar.html>. Acesso em: 01 abr. 2020.



Meme 2: Mônica Iozzi. Disponível em: <https:// revistaglamour. globo. com/Celebridades/Hot-news/ noticia/ 2016/04/geisy-arruda-posta-meme-e-reforca-campanha-bela-recatada-e-do-lar.html>. Acesso em: 01 abr. 2020.



Meme 3: **Deusa**. Disponível em: < https:// www.researchgate.net/figure/Figura-2-Meme-a-partir-de-bela-recatada-e-do-lar_fig2_ 3223 59530>. Acesso em: 01 abr. 2020.

No primeiro *meme*, vemos uma mulher carregando uma arma de grande porte, o que definitivamente vai de encontro com a afirmação de "sexo frágil". No entanto, ao fundo é possível visualizar algumas plantas penduradas, satirizando a expressão "do lar". Já o segundo *meme* faz parte de um levante contra a violência física e moral vivida pela mulher no Brasil. A mulher na imagem aparece cabisbaixa com uma saia curta, meia arrastão e sem peça íntima na parte superior, que está coberta pela frase, ironizando, principalmente, o termo recatada.

Por fim, o terceiro *meme* faz não apenas uma menção à frase como também troca alguns termos, tornando a sátira ainda mais explícita. Na constituição textual/discursiva, é possível observar uma mulher, uma possível ninfa ou deusa, sentada segurando uma garrafa de alguma bebida e um copo. Há a troca das palavras "recatada" e "do lar" por "desbocada" e "do bar", repectivamente. Vale ressaltar que segundo o Dicionário Online de Português[9] o termo desbocada significa grosseira, imprópria, licenciosa, obscena, exatamente o paradoxo de recatada, que significa casta, tímida e que zela pela própria reputação. Por fim, a troca de ambientes, lar por bar, remonta no ainda vigente machismo de que lugar de mulher é na cozinha, em casa, cuidando dos filhos, enquanto o homem, provedor da casa, sai para trabalhar e se diverte, muitas vezes, no bar.

[9] Disponível em: https://www.dicio.com.br/. Acesso em: 30 dez. 2020.

É crucial levantar, nesta análise, o período político pelo qual o Brasil estava passando, lembrando que para Bakhtin (2010a) todo discurso é ideológico, ou seja, não há discurso neutro ainda que o gênero jornalístico exija objetividade e imparcialidade.

Neste período, o país estava vivendo uma polarização das visões políticas demasiadamente acentuada. Após ter derrotado o candidato do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), José Serra, nas eleições de 2010, Dilma Rousseff se reelegeu em 2014, derrotando o candidato Aécio Neves, também do PSDB, garantindo o direito a um segundo mandato presidencial. O período é assinalado como um fato histórico por se tratar da primeira vez que uma mulher assumiu a Presidência da República no Brasil. Seu segundo mandato foi marcado por uma grave crise econômica e política no país, com o PIB *per capita* encolhendo mais de 9%, entre 2014 e 2016, que culminou em um processo de *impeachment*, o segundo no país[10]. O processo iniciou-se com a aceitação, em 2 de dezembro de 2015, pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, a partir de uma denúncia por crime de responsabilidade oferecida pelo procurador de justiça já aposentado, Hélio Bicudo, e pelos advogados, Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal. Em meio a controvérsias[11] e muitas manifestações públicas nas ruas de todo o país, o processo se encerrou no dia 31 de agosto de 2016, resultando na cassação do mandato de Dilma.

Nota-se que a reportagem da revista *Veja* é datada de abril de 2016, ou seja, o discurso apresentado no texto está inserido em um contexto histórico-político-social no qual uma mulher, a primeira a ser chefe da nação, sofre um processo de cassação de seu mandato. O líder a assumir o cargo caso o processo resultasse no *impeachment* de Dilma (e resultou) seria justamente o esposo da mulher "bela, recatada e 'do lar'", Michel Temer.

Por trás dos *memes* selecionados estão ideologias sendo contestadas e fortemente digladiadas em uma "arena de embate" (BAKHTIN, 2010a) que ultrapassam o humor. É preciso um olhar atento, politicamente engajado para uma leitura que revele tais questões, para a transformação de um leitor ingênuo em um leitor crítico, consciente de sua posição social, bem como de direitos e deveres. Por isso, a escolha dos *memes* não é aleatória, uma vez que vai ao encontro dos objetivos desta pesquisa.

[10] Dilma Rousseff tornou-se a segunda pessoa a exercer o cargo de Presidente da República a sofrer *impeachment* no Brasil, sendo Fernando Collor o primeiro, em 1992.

[11] Havia, no entanto, juristas que contestavam a denúncia dos três advogados, afirmando que as chamadas "pedaladas fiscais" não caracterizaram improbidade administrativa e que não existia qualquer prova de envolvimento da presidente em crime doloso que pudesse justificar o *impeachment*.

2 METODOLOGIA

O conceito de pesquisa tem se perdido ultimamente devido ao seu uso indiscriminado. Ao pedir aos seus alunos uma busca em *sites* e livros, por exemplo, e nomear este trabalho como pesquisa, o professor está limitando o conceito amplo de pesquisa a um mero recorte de textos alheios sem a devida reflexão. A pesquisa deve partir de uma curiosidade ou inquietação do pesquisador, que se nutre de outros trabalhos já realizados dentro do mesmo eixo temático a fim de promover a sustentação de sua hipótese e sanar as dúvidas e/ou problemas que originaram os estudos. Sendo assim,

> Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele. Em geral isso se faz a partir do estudo de um problema, que ao mesmo tempo desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma determinada porção do saber, a qual ele se compromete a construir naquele momento. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 1-2).

Essa concepção ampla deve ser a base da pesquisa em educação que implica um sujeito pesquisador preocupado com os problemas do ensino e motivado pela necessidade de solucioná-los ou compreendê-los. Nesse viés, a necessidade da pesquisa não se revela alheia às esferas sociais, uma vez que as dificuldades encontradas pelos docentes se dão por um evento social que é a sala de aula. Todo esse contexto exibe seu caráter social, já que pesquisa e pesquisador estão imersos "[...] naturalmente na corrente da vida em sociedade, com suas competições, interesses e ambições, ao lado da legítima busca do conhecimento científico." (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 2).

Nesse entendimento, a pesquisa dá ao professor uma ferramenta que possibilita o enriquecimento do seu trabalho através de uma aproximação de sua prática docente com a investigação científica e proporciona a sensação de pertencimento a um grupo seleto e valorado em nossa sociedade: o de pesquisadores.

Uma pesquisa impõe a escolha exata da abordagem metodológica para que atinja com êxito seus objetivos e resulte em contribuição à sociedade, por isso, pensando que este trabalho teve como finalidade a elaboração de uma proposta de trabalho para intervenção em sala de aula para alunos do Ensino Fundamental do Estado de São Paulo, mais especificamente alunos de 8º ano, com idade entre 13 e 15 anos, a abordagem metodológica que faria jus às necessidades e objetivos outrora elencados seria a qualitativa, na modalidade pesquisa-ação, uma vez que se pretendeu acontecer dentro do contexto escolar com seres sociais (tanto os

alunos quanto a pesquisadora), sendo impossível dissociar dados e resultados do fenômeno social.

É imprescindível reportar-se ao contexto pandêmico que impossibilita a aplicação do protótipo de ensino para o recolhimento dos resultados, neste momento, o que não inviabiliza que a intervenção seja feita pós-pandemia quando as aulas presenciais retornarem. Ainda assim, o trabalho se pauta na criação de uma intervenção a partir de uma realidade social averiguada, o que justifica a escolha da metodologia qualitativa. Ressaltamos a excepcionalidade do momento, conforme prevê a Resolução 003/2020 de 02 de junho de 2020 (Anexo C) elaborada pelo Conselho Gestor que definiu que os trabalhos de conclusão de curso da sexta turma do programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) poderão ter caráter propositivo, ou seja, sem apresentar resultados da intervenção, apenas a proposta de trabalho.

Nos próximos tópicos, serão conceituadas a abordagem metodológica pretendida, bem como a modalidade de pesquisa e os instrumentos que seriam usados para compreender e/ou solucionar os problemas de pesquisa através de um protótipo criado com intenção de interventiva. Além disso, o perfil dos indivíduos envolvidos e o contexto de pesquisa comporão este capítulo, a fim de situar e apresentar ao leitor a realidade local.

2.1 Abordagem metodológica

A escolha da metodologia enquanto "disciplina que se relaciona com a epistemologia ou a filosofia da ciência" (THIOLLENT, 1947, p. 25) é também fator de direcionamento da pesquisa, uma vez que orienta no processo de investigação, na tomada de decisões ao longo do desenvolvimento da pesquisa, bem como na seleção e no levantamento de hipóteses, técnicas, conceitos e dados. Dessa forma, segundo os objetivos traçados e o contexto no qual a pesquisa se dará, a metodologia adequada é a de abordagem qualitativa:

> O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

A busca pela resolução de um problema específico em um contexto social mais restrito, partindo da observação e da descrição antes mesmo que linhas teóricas fossem traçadas,

configura claramente o estudo que aqui se propõe como uma pesquisa qualitativa na modalidade pesquisa-ação por se tratar de

> [...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com os participantes representativos da situação ou a resolução de um problema coletivo e no qual pesquisadores e os participantes representantes da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1947, p. 14)

Sendo assim, são características da abordagem metodológica: o compromisso social desde que trate de questões sociais que precisam ser discutidas amplamente a fim de desmistificar e aclarar conceitos importantes para a vida em sociedade, como por exemplo o respeito ao papel da mulher em nossa sociedade e a igualdade de gêneros, tema objeto desta pesquisa.

Também é crucial entender que, por se tratar de uma pesquisa com grupos pequenos, a diversidade cultural não deve apenas ser levada em consideração como também deve ser respeitada. O formato de pesquisa proposto envolve indivíduos valorizados por suas concepções, crenças e valores capazes de, inclusive, modificar os rumos da investigação e não enxerga os envolvidos como "cobaias de laboratório", usados com o fim único de comprovar hipóteses ou refutá-las.

Para tanto, o pesquisador precisa desempenhar um papel ativo na detecção e equação dos problemas encontrados, assim como no acompanhamento e avaliação das ações ou técnicas usadas em favor da resolução dos problemas. No entanto, é preciso deixar muito claro que o pesquisador, embora também tenha suas concepções e valores acumulados, não deve fazer do trabalho uma oportunidade de impor seus valores no grupo em estudo, como numa militância. Isso significa que "a atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude de 'escuta' e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias" (THIOLLENT, 2011, p. 24).

Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação se baseia na interação entre pesquisadores e o grupo; portanto, é de caráter social, implicando em investigação, seleção e organização das prioridades dos problemas, bem como nas propostas de soluções com ações concretas ou no entendimento e esclarecimento da situação observada na tentativa de ampliar o conhecimento tanto dos pesquisadores quanto dos envolvidos, aumentando, assim, o nível de consciência.

Isso significa que a modalidade de pesquisa envolve dois objetivos: um de ordem prática e um de conhecimento. O objetivo prático implica não apenas o levantamento de problemas como também exige uma proposta de solução. Já o objetivo de conhecimento

envolve o acesso a informações e o aumento de conhecimento em determinadas situações, não apenas dos investigados, mas também dos próprios investigadores.

Quando o objetivo é de caráter prático, limita-se à resolução de um problema de ordem técnica, entretanto, quando o objetivo é voltado para a produção do conhecimento, envolve a resolução de problemas, a tomada de consciência e a produção de conhecimentos, que somente serão alcançados mediante amadurecimento metodológico. Por esse motivo é que a teoria não deve, em momento algum, ser abandonada, uma vez que o abandono ao rigor acadêmico pode gerar teses irracionais pautadas na manipulação e no aproveitamento da pesquisa para fins particulares. Além disso, é a teoria que legitima a pesquisa e sustenta o trabalho do pesquisador permitindo as intervenções propostas.

Segundo Thiollent (2011, p. 35), "A pesquisa não perde sua legitimidade científica pelo fato de ela estar em condição de incorporar raciocínios imprecisos, dialógicos ou argumentativos acerca de problemas relevantes". Pelo contrário, os resultados obtidos a partir da pesquisa são importantes ferramentas nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todas as pessoas envolvidas com a pesquisa, uma vez que não se trata de um simples levantamento de dados para serem arquivados, mas de uma intervenção de ordem prática a partir do levantamento desses dados.

Esses dados são relevantes no desenvolvimento de conhecimentos e no compartilhamento de experiências a fim de contribuir para o avanço das discussões e das questões abordadas, como por exemplo, no avanço de práticas de letramento em sala de aula. Uma parcela da informação obtida é divulgada para a população no geral, enquanto a outra parcela é estruturada em conhecimentos e divulgada pelos canais próprios às linhas de pesquisa, servindo para pesquisas posteriores.

No entanto, devido ao contexto inesperado do ano de 2020, conforme já mencionado, não podemos caracterizar esse estudo propriamente como uma pesquisa-ação, uma vez que não foi possível desenvolver de fato a ação da pesquisa, que seria a aplicação do protótipo didático junto aos alunos e, consequentemente, a avaliação dos resultados obtidos. Sendo assim, o trabalho configurou-se como uma pesquisa teórica com um desdobramento didático, uma vez que, como resultado das leituras e pesquisas feitas, foi elaborado um material a ser aplicado em sala de aula.

2.2 Contexto da pesquisa

Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (registro CAAE 26669019.9.0000.5401), conforme parecer consubstanciado (Anexo D), a pesquisa foi realizada com os alunos do 8º ano da EE "Antonio Fontana", escola situada em Frutal do Campo, distrito de Cândido Mota/SP,

O distrito está situado na região centro-oeste do estado de São Paulo, foi criado pela Lei nº 2456 de 30/12/1953 e conta com 2.072 habitantes, segundo o *site*[12] da prefeitura de Cândido Mota, e sua base econômica é a agricultura. Possui um comércio organizado em crescimento, ainda que pequeno e bastante precário.

A EE "Antonio Fontana", por sua vez, só foi criada em 13 de junho de 1988, segundo informações da Diretoria Regional de Ensino de Assis. É uma das poucas escolas que não municipalizou o Ensino Fundamental de ciclo I, portanto, atende alunos dos Ensinos Fundamental I e II além do Ensino Médio e conta com 44 (quarenta e quatro) funcionários entre secretaria, limpeza, direção, coordenação e corpo docente, e 189 (cento e oitenta e nove) alunos na data dos registros.

Embora seja organizado e tranquilo, o distrito não conta com muitas opções de lazer e, portanto, a escola é o epicentro do convívio social. É na escola que as crianças e adolescentes se socializam além, é claro, de desenvolverem suas habilidades e competências cognitivas.

Uma característica peculiar dessa escola é a rotatividade constante de alunos. É comum que os pais e/ou responsáveis façam transferências dos alunos para escolas da cidade de Cândido Mota e que, em pouco tempo, voltem à instituição ao longo do ano letivo.

Arborizada e com espaço amplo, a escola conta com uma quadra para atividades físicas, que, porém, está descoberta desde 2013, após verificação de pontos de ferrugem na estrutura. A cobertura foi retirada pela empresa responsável com a promessa de que uma nova estrutura seria montada e realocada; entretanto, mesmo após sete anos e muitos pedidos e solicitações aos órgãos responsáveis, os alunos seguem praticando esportes embaixo do sol ou dentro da sala de aula em dias de chuva.

Além disso, conta com uma sala de leitura que está praticamente desativada, haja vista a falta do professor responsável pelo projeto, devido a cortes no âmbito da educação. Para que os alunos a frequentem é necessário que o professor os leve e se responsabilize pela organização do local, além dos empréstimos de livros quando são feitos.

[12] https://www.candidomota.sp.gov.br/index.php/candido-mota/governo-municipal/distritos

Em contrapartida, os alunos contam com uma merenda de alta qualidade vinda de Cândido Mota e preparada por nutricionistas capacitados, contendo frutas, legumes e verduras, além de bebidas como sucos e leite, que são servidos pelas funcionárias dentro dos padrões de higiene e limpeza da Secretaria de Saúde. Para se alimentarem, contam com um refeitório coberto que acomoda todos os alunos sentados em bancos com mesas.

Os banheiros são bem cuidados, mérito da direção escolar, mas também de uma ação efetiva do grêmio estudantil. São alunos ativos e dispostos ao melhoramento do ambiente, por isso cuidam da escola como um todo e se mobilizaram para oferecer itens de higiene como espelho, papel higiênico e absorvente nos banheiros, que antes não eram ofertados em razão do mau uso.

A escola também conta com uma sala do "Acessa São Paulo" com doze computadores logados à internet, que fica aberta durante todo o dia, o que permite que os alunos façam pesquisas e estudem tanto no período de aula, com o professor, quanto no contraturno. Tal ferramenta é ofertada sem restrição a todos os alunos, minimizando, assim, as carências de muitos que não têm nenhum aparelho eletrônico com acesso à internet em casa.

Por fim, a escola também dispõe de três *notebooks* com acesso à internet *wi-fi*, dois aparelhos *datashow*, três caixas de som, dois rádios e duas televisões de uso exclusivo do professor que suprem a demanda de forma muito satisfatória, haja vista a dimensão da escola. Recentemente, a escola foi invadida durante a quarentena por conta da COVID-19 e, infelizmente, foram roubados os doces da cantina e um valor em dinheiro. A arrecadação financeira da cantina costuma ser revertida aos próprios alunos através da realização de festas em datas comemorativas ou mesmo do oferecimento de auxílio a famílias carentes da comunidade escolar.

Quanto aos alunos, demonstram poucas aspirações e perspectivas de vida. São crianças e adolescentes que apresentam, assim como quaisquer outros, indisciplina, mas com um diferencial: a baixa autoestima é notável. Muitos alunos relatam que se sentem incapazes e desmotivados por comentários e julgamentos oriundos dos próprios pais e responsáveis.

Vale ressaltar aqui que o perfil dos pais e responsáveis é formado, quase que em sua maioria, por adultos que não têm o ensino superior e uma parcela muito significativa sequer cursou o Ensino Médio. Há, ainda, aqueles que não sabem ler. Vários de nossos alunos vivem em Frutal do Campo porque os pais atribuíram a responsabilidade de sua criação aos avós, após atitudes que mereciam repreensão ou supervisão constante de um adulto tais como brigas, namoro, uso de drogas, entre outros, e como os pais têm cargas de trabalho que não permitem um olhar atento e constante aos filhos, delegaram a função aos avós e, por conseguinte, à escola

também. Outros vivem com os pais, mas também com os avós, porque todos moram na mesma casa e uma parcela considerável vive em sítios da redondeza e por isso ali estudam.

Diante desse panorama, não fica difícil compreender o comportamento desestimulado, descompromissado e até alienado de muitos. Ao que consta, o pensamento singelo de que nada chega ou atinge o distrito é, em geral, compartilhado pelos que ali residem, inclusive funcionários e professores.

Dessa forma, os adolescentes do 8º ano do Ensino Fundamental reproduzem os cenários vividos em casa, nos quais o homem é o provedor dos bens financeiros do lar enquanto a mulher é a esposa fiel e dedicada que cuida dos filhos, da casa e do marido. É através de atitudes simples, como julgamentos pelo modo de se vestir ou a forma inferiorizada com que os meninos tratam as meninas da sala, que se faz urgente uma discussão supervisionada e direcionada sobre a igualdade de gêneros, nesse contexto.

2.3 Instrumentos de pesquisa

Para alcançar os objetivos do trabalho científico, é determinante identificar quais instrumentos são adequados para o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Duarte (2002, p. 140), "a definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quando ao texto que se elabora no final". Ainda conforme a autora, os resultados obtidos bem como as conclusões retiradas a partir do estudo só são possíveis devido aos instrumentos utilizados na coleta de dados.

Vale ressaltar que a escolha equivocada dos instrumentos pode revelar um cenário distinto da realidade, o que se distancia dos objetivos de um trabalho qualitativo. Dessa forma, os instrumentos de pesquisa selecionados para a intervenção via protótipo, embora não usados devido ao contexto pandêmico, foram:

- Questionários individuais;
- Discussões gravadas em vídeo ou áudio, a depender do contexto em que se efetivariam;
- Observação constante relatada em diário de bordo virtual da própria pesquisadora durante a aplicação do protótipo elaborado com o seguinte título: "Quem sou eu? Quem é o outro?" (Apêndices A e B)
- Produção de campanha de conscientização contra as formas de violência sofridas pelas mulheres ainda hoje.

- Referencial teórico que embasou e fundamentou a elaboração deste protótipo, o produto da pesquisa.

3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: PROTÓTIPO DE ENSINO

Como base de sustentação deste trabalho, foi elaborado um protótipo de ensino dentro da concepção da pedagogia dos multiletramentos apresentada por Rojo (2012), envolvendo as TDICs[13] não como ferramentas de dispositivo de acesso com atividades tradicionais de recepção nas quais há um professor para muitos transmitindo a informação. O que tem acontecido com frequência nas instituições de ensino é a simples troca de lousa e giz por um computador conectado ao *datashow*, ação que não configura uma mudança efetiva na forma de usar a tecnologia na escola, mas uma mera transposição do ensino tradicional. A configuração segue sendo a mesma: um professor que transmite a informação aos seus alunos, no entanto, através de ferramentas mais modernas.

Isso significa que não basta a competência técnica, mas um processo de produção transformador que propicie a criação de sentidos analisando criticamente as informações, o que exige novas capacidades de leitura e de produção de texto, que envolvem a remixagem e a edição, além da seleção das informações para apropriação dos conteúdos em um trabalho colaborativo e não mais individual e isolado.

Para tanto, é necessário que o currículo combine as práticas do letramento da letra com as práticas de tecnologia digital pensando no seu uso de forma ampla. O objetivo é associar a tecnologia do impresso e a tecnologia do digital – que acelera e intensifica o uso de outras linguagens como vídeo, áudio e *gifs*, por exemplo – modificando o modo de ler e de escrever, no qual o leitor é, ao mesmo tempo, leitor e produtor pela possibilidade de interação.

Pensando dessa forma, o protótipo faz uso de um gênero típico desta remixagem tão comum ao meio digital (e familiar aos alunos) como ferramenta para o trabalho com a igualdade de gêneros que deve influenciar na constituição dos sujeitos envolvidos. Por isso, as TDICs ofertadas pela escola serão usadas com vistas a essa nova forma de ensino que capacita, não apenas tecnicamente, para o uso das tecnologias de forma consciente e como ferramenta de conhecimento.

Tendo em vista o atual contexto em que vivemos, o protótipo não pôde ser aplicado no corrente ano letivo, uma vez que nos encontramos em período de aulas remotas devido ao risco iminente de contágio pelo novo coronavírus, "Covid-19". Em vista disso, as aulas presenciais foram suspensas e os alunos passaram, na rede pública do estado de São Paulo, a ter aulas remotas via aplicativo chamado Centro de Mídias de São Paulo (CMSP), criado para

[13] TDICs é a sigla para "Tecnologias digitais de informação e comunicação".

que os alunos de todo o estado interajam entre si e com os professores via *chat* e para que tenham acesso a aulas gravadas ou ao vivo. Os discentes que não têm acesso ao celular, podem assistir às aulas pela televisão, Facebook ou YouTube. Além das aulas, os professores responsáveis pelas turmas elaboram Roteiros de Estudos que dialoguem com as aulas do CMSP para avaliar os alunos de forma remota.

Embora a ideia seja inovadora, não é eficaz por um único problema: a desigualdade social mencionada em outros momentos desta dissertação. Em tese, há uma oportunidade de fazer uso de ferramentas tecnológicas a favor do ensino, mas, na prática, há alunos perdidos que não têm acesso a essas ferramentas, e quando as têm não sabem usá-las porque não têm o letramento digital necessário para isso.

O que seria a oportunidade perfeita para desenvolver a autonomia dos alunos com relação aos estudos, se converteu em pais e filhos estressados em casa justamente porque sempre depositaram na escola e, mais especificamente no professor, a responsabilidade por todo o processo de ensino e aprendizagem, desde a seleção de conteúdos e atividades até a organização de uma agenda pessoal de entrega de tarefas e trabalhos.

O fato é que sempre houve um discurso de incentivo ao ensino mediado por tecnologia, mas nunca houve o investimento necessário. Dessa forma, nem alunos nem professores estavam preparados para o ensino remoto. Prova disso é que este protótipo visa trabalhar com as TDICs, mas no atual contexto não se faz possível, porque os discentes precisam da presença do educador não apenas para o uso destas ferramentas que ainda não dominam, mas também por serem dependentes da figura do professor. Se houvesse no Brasil uma cultura escolar de estudo de fato na qual os alunos fossem autônomos e a população valorizasse a educação, e consequentemente os profissionais que nela atuam, o ensino remoto seria a oportunidade perfeita para aplicar um protótipo didático, haja vista seu formato navegável. No entanto, a probabilidade de afetar negativamente os resultados do trabalho didático por meio de um protótipo de ensino no atual contexto de aulas remotas é consideravelmente alta analisando o cenário escolar do país. Portanto, o protótipo será apresentado como uma proposta, mas não será possível ainda neste trabalho expor os resultados de sua aplicação.

Quanto à regularidade desta pesquisa, esclarecemos que a Resolução 003/2020 de 02 de junho de 2020 (Anexo C) elaborada pelo Conselho Gestor definiu que os trabalhos de conclusão de curso da sexta turma do programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) poderão ter caráter propositivo, ou seja, sem apresentar resultados da intervenção, uma vez que as aulas estão suspensas até segunda ordem. Dessa forma, este trabalho apresentará o protótipo seguido de análise, pautada nas teorias de Rojo (2017a).

É imprescindível reforçar que se trata de um protótipo, ou seja, é uma expectativa, e não um modelo pronto e fechado a ser seguido criteriosamente. A ideia do protótipo envolve um planejamento com abertura para reelaboração a partir do seu desenvolvimento.

O resultado da pesquisa é um protótipo na versão para o professor[14] (*Apêndice A*)na tentativa de auxiliar o trabalho de forma que o professor saiba de antemão o que o espera e uma versão em um PDF navegável para os alunos[15] (*Apêndice B*) na qual não se encontram os textos como numa apostila, mas os *links* de acesso contemplando a característica da necessidade de navegação uma vez que o protótipo não está pronto, ou seja, contêm apenas instruções que incentivam a busca por outros materiais e, dessa forma, é preenchido pelos envolvidos.

3.1 Protótipo: versão para o professor

Para facilitar a compreensão e o trabalho com o "protótipo de ensino", o dividimos em uma introdução, seguida de quatro etapas especificando seus objetivos e ferramentas necessárias para a sua aplicação, antecipando e situando o docente. É possível notar que ao lado direito do protótipo há sempre uma sugestão que auxilia e ampara o professor para o trabalho com o documento. Vale ressaltar que, por sua característica digital, ou seja, em documentos navegáveis, a internet é imprescindível. Este material ficará disponível em domínio público no *blog*[16] da Diretoria de Ensino de Assis, mantendo a característica de um protótipo idealizado por Rojo (2017), de ser armazenado em nuvens em formato digital navegável para que se tenha acesso fácil de modo a democratizar o material.[17]

3.1.1 Apresentação

O objetivo desta primeira parte é dar as boas-vindas ao professor e situá-lo, de forma a deixá-lo familiarizado com a proposta do trabalho bem como com a estrutura de um protótipo

---

[14] Acesso ao protótipo de ensino na versão para o professor através do *link*: <https://drive.google.com/file/d/16Vzv9sibjCVG8ROuv5h6Tz_IpKncfJ51/view?usp=sharing>.

[15] Acesso ao protótipo de ensino na versão para o aluno através do *link:* <https://drive.google.com/file/d/1UFYZyawxlpAndYg0-6fO1lEW6iIz8Qj2/view?usp=sharing>.

[16] O endereço eletrônico do *blog* é <https://linguaportuguesadeassis.blogspot.com/>. Acesso em 18/out./2020.

[17] Rojo (2020) em conferência intitulada "Protótipos Didáticos e Gêneros Digitais" ao explicar e demonstrar um protótipo e suas características sugere que os arquivos sejam em formato *PDF* para facilitar o acesso.
O protótipo aqui elaborado e analisado encontra-se também neste formato. Ver referências 14 e 15.

de forma simples e objetiva. Vale deixar claro que o trabalho com protótipos navegáveis é uma proposta nova (e talvez desconhecida por muitos) que envolve não apenas o uso de TDICs em sala de aula, mas uma nova mentalidade de ensino baseada em novos textos e novos procedimentos que não limitem nem aluno nem professor, muito pelo contrário, tem o objetivo claro de contar com os envolvidos para o seu preenchimento por tratar-se de um molde vazado.

As imagens abaixo são meramente ilustrativas. O protótipo completo em tamanho real está disponível nos apêndices A (versão para o professor) e B (versão para o aluno) ao final do trabalho. Também é possível acessá-lo através dos *links* indicados nas referências 14 e 15.

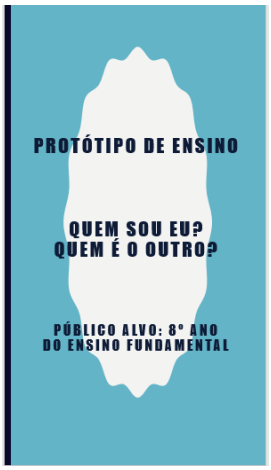


Figura 4: Capa do protótipo didático (versão do professor)



Figura 5: Introdução do Protótipo didático (versão do professor)

3.1.2 Etapa 1: Comprovação de concepções e conceitos

Nesta etapa, o objetivo é detectar e comprovar as concepções que os alunos carregam com relação à diferença de gêneros, e mais especificamente, à inferioridade com a qual a mulher é tratada. Os instrumentos pensados para este momento são a aplicação de um questionário na plataforma *Google Forms* e uma roda de conversa sobre as respostas dadas. O uso do formulário *Google* contempla uma das características do protótipo de ensino, segundo Rojo (2017), uma vez que se trata de uma ferramenta pública e gratuita, garantindo assim o acesso fácil e democrático para a interação colaborativa de alunos e professores. O material do professor contém informações e referenciais na lateral direita (em azul escuro) no intuito de facilitar e orientar o seu trabalho, no entanto, não tem intenção de limitá-lo como em uma sequência didática.

É importante que o professor faça uso das respostas dos alunos no questionário que acessarão no momento da discussão, porque serão enriquecedoras e vão, de certa forma, evidenciar os estereótipos sociais pelos quais os alunos são formados. Como sugestão, há a indicação de um tutorial de como transformar as respostas obtidas em gráficos ou planilhas para a análise.


PARA COMEÇO DE CONVERSA...

Caro(a) aluno(a),

Você responderá um questionário na plataforma google. Para isso, seu professor já criou um *e-mail* para a turma e elaborou as questões que irá responder. Clique no *link* a seguir para responder https://forms.gle/ERQASmuTSAtind8U6

Dica: Ao clicar no *link*, clique com o botão direito do mouse e em seguida "abrir *link* na nova guia". Dessa forma abrirá uma nova guia no seu navegador, deixando o arquivo PDF na página em que está trabalhando.

Lembre-se de ser sincero e de responder com bastante responsabilidade porque os dados obtidos neste teste serão úteis para o decorrer das demais atividades.

Para começo de conversa...

Página 01

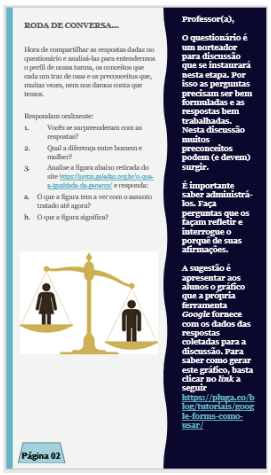
Professor(a),

Prepare um questionário no aplicativo formulários dentro do *drive* do *gmail* criado. Faça questões relacionadas aos conceitos que os alunos carregam e seus preconceitos contra as minorias, o papel da mulher na sociedade e a (des)igualdade de gêneros.

Mais informações no tutorial https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2015/09/tutorial-formularios-google.pdf

Feito isso, você pode enviar o *link* pelo *WhatsApp* da sala ou no *e-mail* pessoal dos alunos. Uma outra sugestão é enviar para o próprio *e-mail* da sala e pedir para que o acessem e respondam por lá mesmo.
O *link* de acesso ao questionário formulado para este protótipo é https://forms.gle/ERQASmuTSAtind8U6

Figura 6: Protótipo didático (versão do professor), página 01


RODA DE CONVERSA...

Hora de compartilhar as respostas dadas no questionário e analisá-las para entendermos o perfil de nossa turma, os conceitos que cada um traz de casa e os preconceitos que, muitas vezes, nem nos damos conta que temos.

Respondam oralmente:

1. Vocês se surpreenderam com as respostas?
2. Qual a diferença entre homem e mulher?
3. Analise a figura abaixo retirada do site https://juntas.galadas.org.br/o-que-a-igualdade-da-pessoa/ e responda:

a. O que a figura tem a ver com o assunto tratado até agora?
b. O que a figura significa?

Página 02

Professor(a),

O questionário é um norteador para discussão que se instaurará nesta etapa. Por isso as perguntas precisam ser bem formuladas e as respostas bem trabalhadas. Nesta discussão muitos preconceitos podem (e devem) surgir.

É importante saber administrá-los. Faça perguntas que os façam refletir e interrogue o porquê de suas afirmações.

A sugestão é apresentar aos alunos o gráfico que a própria ferramenta *Google* fornece com os dados das respostas coletadas para a discussão. Para saber como gerar este gráfico, basta clicar no *link* a seguir https://pluga.co/blog/tutoriais/google-forms-como-usar/

Figura 7: Protótipo didático (versão do professor), página 02

3.1.3 Etapa 2: Leitura e análise

A partir da comprovação dos valores e concepções acerca da temática mencionada, propomos a leitura e análise colaborativa da notícia “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’”, de 18 de abril de 2016, publicada pela revista *Veja*, São Paulo.

Como já explicitado anteriormente, na seção 2.5, a notícia teve grande repercussão no país e favoreceu a criação de *memes* com a manchete tecendo críticas ou satirizando a expressão veiculada em pleno século XXI. Por isso, os alunos serão desafiados a montar uma apresentação em *Power point* de forma colaborativa pela plataforma do *Google Forms* com os *memes* que surgiram a partir dessa notícia. Ao final, o objetivo é expor para os demais alunos da escola o trabalho por meio de uma instalação no intervalo usando os recursos que a escola disponibiliza como *datashow*, caixa de som e computador. Dessa forma, o trabalho não se limita à turma do 8º ano e pode ter impactos em toda a comunidade escolar.

Nesta parte do trabalho com os alunos, é perceptível o uso de textos de diferentes esferas de circulação que se hibridizam já que o gênero discursivo reportagem, mais

especificamente a sua manchete, é recortado e remixado para a criação dos *memes* selecionados para análise neste momento, o que é próprio dessa explosão de linguagens que supõe uma pedagogia dos multiletramentos. Além disso, é pertinente frisar que o uso de diferentes culturas garante um trabalho que ultrapassa a cultura valorizada pelo âmbito escolar e atinge a língua em seu contexto real de uso. É necessário que o professor tenha esse domínio teórico e metodológico para não deixar passar a análise dos discursos que envolvem os gêneros.

Outra característica marcante do protótipo elaborado são as páginas que estão na versão do professor (Apêndice A), mas que não se encontram na versão do aluno (Apêndice B). Com isso, pretende-se antecipar ao professor a página à qual o aluno será direcionado ao clicar no *link* proposto, como por exemplo as páginas "03a", "03b", "04a" e "04b". Dessa forma, o professor já estará ciente de todo o protótipo sem precisar acessar os sites indicados aos alunos. Além disso, na lateral direita o professor tem acesso a análises sobre os *memes* selecionados, sempre como uma sugestão no intuito de facilitar e auxiliar o trabalho em sala de aula.



Figura 8: Protótipo didático (versão do professor), página 03



Figura 9: Protótipo didático (versão do professor), página 03a



Figura 10: Protótipo didático (versão do professor), página 04



Figura 11: Protótipo didático (versão do professor), página 04a



Figura 12: Protótipo didático (versão do professor), página 04b



Figura 13: Protótipo de ensino, página 05



Figura 14: Protótipo de ensino, página 06

3.1.4 Etapa 3. Protagonismo e entrevistas

Nesta etapa, o objetivo é, mais uma vez, proporcionar um trabalho colaborativo e autônomo que possibilite o desenvolvimento de habilidades e competências, como o protagonismo escolar, previstas tanto no Currículo Paulista do Ensino Fundamental (2019) quanto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

A proposta é discutir um tema polêmico: o uso de roupas curtas e a relação disso com a formação do caráter. Para tanto, serão analisados tanto a letra quando o clipe musical da canção “Tudo ok”, de Thiaguinho Mt (part. Mila e JS O Mão de Ouro) no ritmo *funk*, com o

qual muitos alunos estão familiarizados, e a campanha[18] da ONG suíça *Terre des Femmes*, "Don't measure a woman's worth by her clothes" (do inglês, "Não Meça o Valor de uma Mulher Pelas Suas Roupas") que tem por objetivo mostrar que o comprimento da vestimenta feminina não define caráter.

Ao tecer comparações entre a campanha e a canção, espera-se promover o pensamento crítico sobre o que é caráter de fato e como se deve avaliá-lo, intentando transformar os leitores ingênuos e despreparados em analistas críticos. Ao final, a proposta é que os alunos elaborem, colaborativamente, entrevistas para serem realizadas e catalogadas com os colegas de escola ou em casa com os pais e/ou responsáveis. Com os dados levantados em mãos, o professor deve mediar uma discussão em sala abordando os preconceitos e a desvalorização feminina que são, de forma explícita ou implícita, uma violência à mulher.

Para facilitar o trabalho em sala de aula e manter a dinâmica do protótipo navegável, as páginas "07a", "07b", "07c" e "07d" estão disponíveis apenas ao professor, uma vez que ao aluno será indicado um *link* para o acesso à campanha em análise.



Figura 15: Protótipo didático (versão do professor), página 07

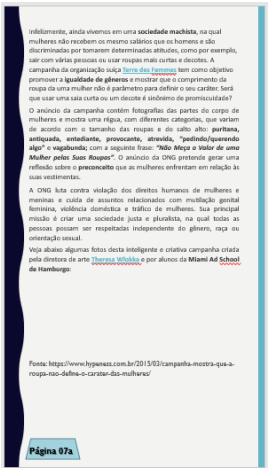


Figura 16: didático (versão do professor), página 07a

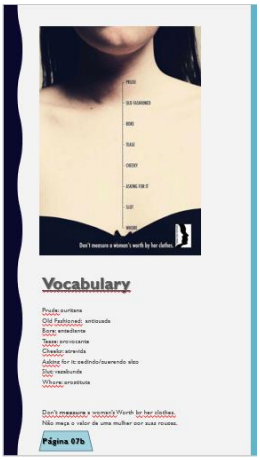


Figura 17: Protótipo didático (versão do professor), página 07b

[18] Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2015/03/campanha-mostra-que-a-roupa-nao-define-o-carater-das-mulheres/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

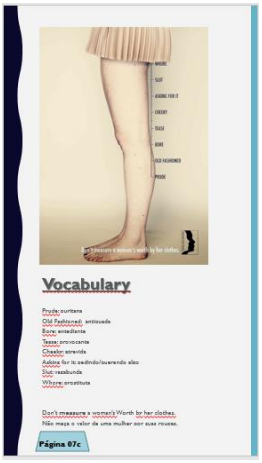


Figura 18: Protótipo didático (versão do professor), página 07c

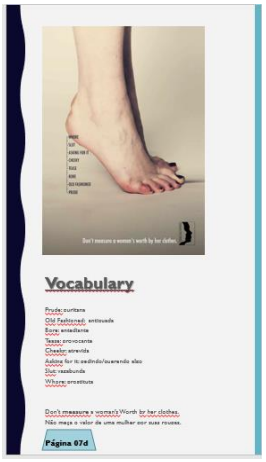


Figura 19: Protótipo didático (versão do professor), página 07d



Figura 20: Protótipo didático (versão do professor), página 08



Figura 21: Protótipo didático (versão do professor), página 09



Figura 22: Protótipo didático (versão do professor), página 10

3.1.5 Etapa 4. Produção de campanha contra a violência à mulher

Neste momento, a proposta é que os alunos produzam uma campanha contra a violência sofrida pelas mulheres. Para isso, começarão com a leitura individual do conto “Para que ninguém a quisesse” (1986), de Marina Colasanti, seguida de discussão e análise colaborativa do conteúdo. Na história, uma mulher é privada pelo esposo de usar acessórios de beleza, para que ninguém a cobiçasse – a chamada violência psicológica.

Os alunos serão incentivados, através de perguntas, a relacionar a campanha e a canção já trabalhadas com a leitura do conto de Marina Colasanti. Além disso, serão instigados a discutir a verdadeira beleza humana e o porquê, ao final do conto, a mulher decide que não precisa de batons ou vestidos de seda para se sentir bonita.

Também farão buscas na internet na sala de informática da escola sobre o feminicídio e a lei Maria da Penha, que fazem parte desse universo temático. O objetivo é que, repletos de informações a respeito, produzam *memes* contra a violência. Podem ser criativos, fazer recortes, remixar dados e criar a partir de seu conhecimento de mundo algo único, contemplando a pedagogia dos multiletramentos.

É nítido, mais uma vez, o trabalho com diferentes gêneros discursivos que evidenciam o multiculturalismo além das multimodalidades e hipermídias, todas características que abarcam uma nova mentalidade de ensino, pautada não apenas no uso de competências técnicas (para o manuseio de *softwares* variados), mas também na criação de sentidos através de análise crítica e transformação do que foi aprendido para o uso de novos modos, seguindo o mapa dos multiletramentos proposto pelo Grupo Nova Londres, citado anteriormente.

Nesta etapa do trabalho, também encontramos páginas que estão apenas no material do professor (páginas “12a” e “12b”). Ao professor dá-se a facilidade de antever o conteúdo ao qual os alunos serão direcionados, e aos alunos dá-se a oportunidade de trabalhar com o texto dentro de seu contexto real de produção (a internet) e não como um recorte que o livro didático (ou o professor) fez ao elaborar a atividade.

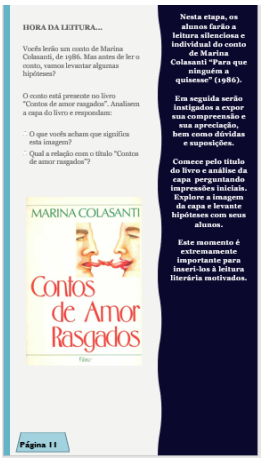


Figura 23: didático (versão do professor), página 11



Figura 24: Protótipo didático (versão do professor), página 12

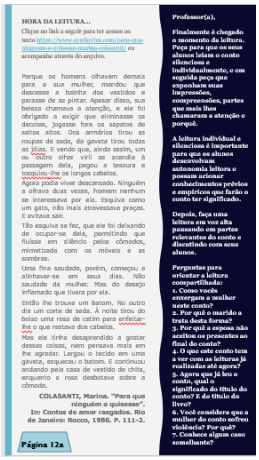


Figura 25: Protótipo didático (versão do professor), página 12a

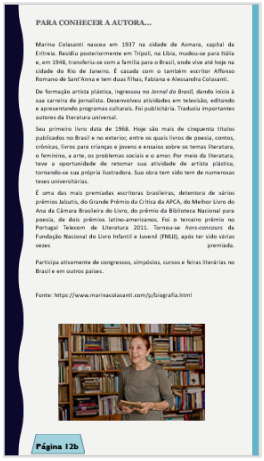


Figura 26: Protótipo didático (versão do professor), página 12b



Figura 27: Protótipo didático (versão do professor), página 13

3.2 Protótipo: versão para o aluno

A versão do aluno se apresenta de forma mais simplificada e sem as sugestões e comentários na lateral direita, apenas com as instruções que incentivam a todo instante a busca por materiais e o protagonismo. Configura-se em formato PDF navegável, o que significa que, ao clicar nos *links*, o aluno é direcionado a páginas de internet que o permitem a interação com o material e o contato direto com os gêneros (hiper)midiáticos em funcionamento.

Exatamente como o material do professor, está dividido em introdução e outras quatro etapas do processo, as quais veremos a seguir. Vale reforçar que o protótipo na versão aluno se encontra na íntegra no Apêndice B deste trabalho.

3.2.1 Apresentação

O objetivo desta primeira parte é dar as boas-vindas ao aluno e situá-lo nesta modalidade de ensino, de forma a deixá-lo familiarizado com a proposta de trabalho bem como com a estrutura de um protótipo de forma simples e objetiva. Já na introdução os alunos ficam cientes de que se trata de um arquivo em PDF navegável e que, portanto, farão uso da internet seja ela em *wireless fidelity* (*wi-fi*) ou através da sala de informática da escola, a depender da estrutura e dos equipamentos disponíveis.



Figura 28: Capa do Protótipo didático (versão do aluno)

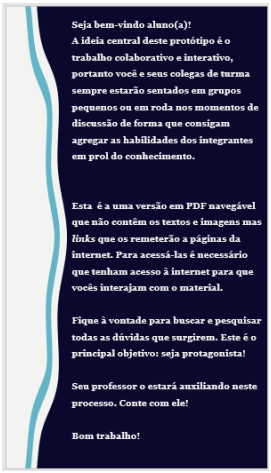


Figura 29: Capa do Protótipo didático (versão do aluno)

3.2.2 Etapa 1: Comprovação de concepções e conceitos

Já na primeira página, o aluno é direcionado através de um *link* a um Formulário *Google* para o levantamento de concepções e conceitos prévios acerca do tema a ser trabalhado: o papel da mulher na sociedade e a (des)igualdade de gêneros. Após a realização do questionário, os alunos são instigados a discutir as perguntas e as respostas, além de relacioná-las a uma imagem que representa a desigualdade de gêneros por meio de uma balança na qual o prato que pesa mais é aquele que se encontra um boneco que representa o gênero masculino. O objetivo é que os alunos consigam relacionar esta discussão com as respostas dadas no questionário.



Figura 30: Protótipo didático (versão do aluno), página 01

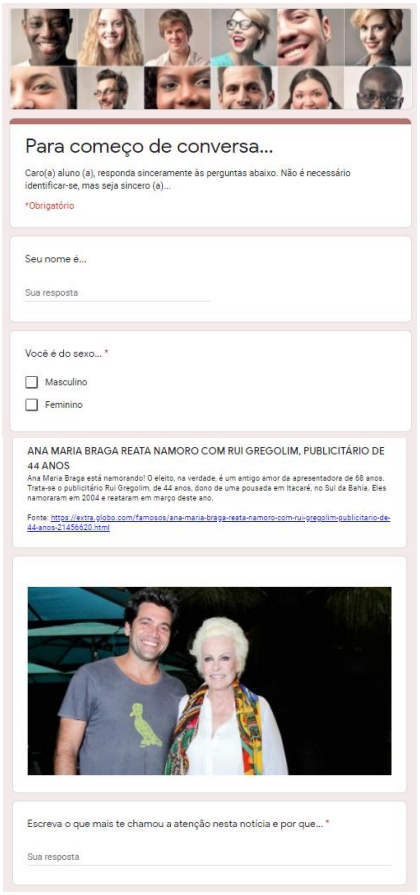


Figura 31: Protótipo didático (versão do aluno), página 02

3.2.2.1 O questionário elaborado através da plataforma *Google Forms*

O banco de questões é acessado pelo *link* que se apresenta na página 01 do protótipo e foi elaborado especificamente para este trabalho. O objetivo é levantar questões que estão incrustadas não apenas nos alunos, mas na sociedade como um todo: a desvalorização do sexo feminino em detrimento do sexo masculino. Para tal propósito, as questões foram cuidadosamente selecionadas a partir da análise de textos multimodais, em respostas ora objetivas ora dissertativas. É importante que o professor faça uso dessas respostas no momento da discussão porque serão enriquecedoras e vão, de certa forma, tornar claros os estereótipos sociais mais evidenciados pelos alunos. É indispensável deixar claro que tal afirmação é pautada nas coletas informais através de rodas de conversa em sala de aula feitas ao longo do ano de 2019, o que significa que o mesmo perfil talvez não se aplique a todas as realidades e contextos.

Um dado importante deste material é que a identificação do aluno é facultativa. Essa informação pode propiciar um grau de sinceridade maior dos alunos no momento da atividade, uma vez que terão liberdade para responder as perguntas de modo anônimo, se assim o desejarem. Vejamos a seguir uma cópia fiel do questionário:



Para começo de conversa...

Caro(a) aluno (a), responda sinceramente às perguntas abaixo. Não é necessário identificar-se, mas seja sincero (a)...

*Obrigatório

Seu nome é...

Sua resposta

Você é do sexo... *

Masculino

Feminino

ANA MARIA BRAGA REATA NAMORO COM RUI GREGOLIM, PUBLICITÁRIO DE 44 ANOS

Ana Maria Braga está namorando! O eleito, na verdade, é um antigo amor da apresentadora de 68 anos. Trata-se o publicitário Rui Gregolim, de 44 anos, dono de uma pousada em Itacaré, no Sul da Bahia. Eles namoraram em 2004 e reataram em março deste ano.

Fonte: https://extra.globo.com/famosos/ana-maria-braga-reata-namoro-com-rui-gregolim-publicitario-de-44-anos-21456620.html

Escreva o que mais te chamou a atenção nesta notícia e por que... *

Sua resposta

Observe as figuras abaixo e responda:

Figura 1



Figura 2



Como você descreveria a figura 1. *

Sua resposta

Como você descreveria a figura 2. *

Sua resposta

Segundo o site www.uai.com.br, "Maioria dos brasileiros acha que mulher de roupa curta merece ser atacada.". Você também acha isso? *

- sim
- não



O que você acha desta cena? *

- Normal.
- Um absurdo.
- Não gosto.
- Gosto.

Explique o porquê da sua resposta anterior... *

Sua resposta



Na sua opinião, quem deve pagar a conta no restaurante? *

- O homem.
- A mulher.
- Ambos.
- Quem fez o convite.
- Tanto faz.

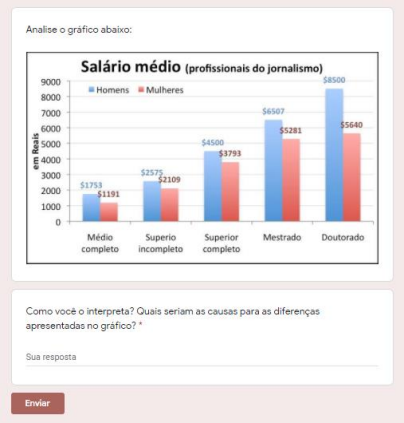


Figura 32: Questionário elaborado através da plataforma *Google Forms*

3.2.3 Etapa 2: Leitura e análise

Após as discussões realizadas na etapa 1, os alunos são novamente convidados a fazer leituras de textos multimodais e multissemióticos. Nas páginas seguintes trabalharão com textos de diferentes mídias, culturas e modalidades em seu contexto real de uso, a internet. Por isso, o protótipo não traz uma seleção de textos, mas uma seleção de *links* que os remeterão a páginas e *sites* diversos, ou seja, textos de diferentes esferas de circulação, ou gêneros do discurso para Bakhtin (2010a).

O fato de as imagens (*memes*) não constarem do material do aluno é justamente para proporcionar sua interação com o material. Além disso, ao clicar nos *links* os alunos são direcionados a territórios virtuais que contêm muito mais que as imagens, mas textos que os situarão e os instigarão a leituras diversas.



Figura 33: Protótipo didático (versão do aluno), página 03

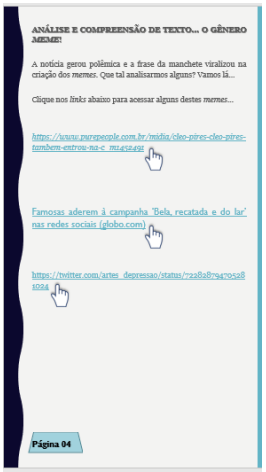


Figura 34: Protótipo didático (versão do aluno), página 04

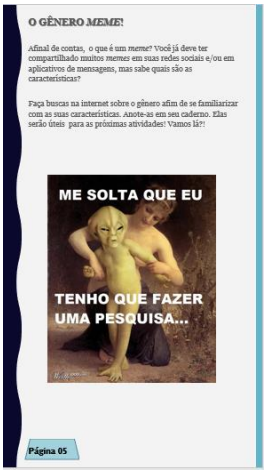


Figura 35: Protótipo didático (versão do aluno), página 05

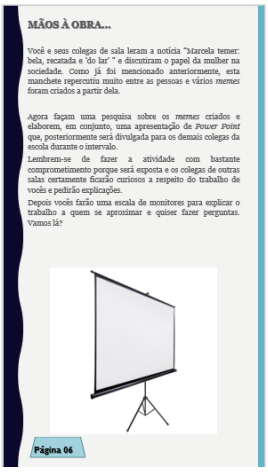


Figura 36: Protótipo didático (versão do aluno), página 06

3.2.4 Etapa 3. Protagonismo e entrevistas

Nesta etapa, o objetivo é proporcionar um trabalho colaborativo e autônomo que possibilite o desenvolvimento de habilidades e competências, como o protagonismo escolar, previstas tanto no Currículo Paulista do Ensino Fundamental (2019) quanto na BNCC (2017).

Serão analisados, como já mencionado na seção 3.1.4, tanto a letra quando o clipe musical da canção "Tudo ok" de Thiaguinho Mt (part. Mila e JS O Mão de Ouro) no ritmo *funk* e a campanha da organização suíça *Terre des Femmes* com o objetivo de incentivar análises comparativas entre os textos sobre o que é caráter de fato e como se deve avaliá-lo.

É significativo atentar para o incentivo à busca e ao protagonismo. Ao trazer uma campanha em inglês com um tema sócio-histórico-cultural, portanto multidisciplinar, os alunos são submetidos a uma busca necessária através do uso do dicionário *online* para a compreensão da campanha na íntegra, pois os vocábulos e a frase da campanha estão em língua estrangeira e precisam ser traduzidos para que haja o entendimento e análise da campanha. Também é inevitável notar o fato de o material trazer apenas os *links* da campanha, da canção e das manchetes, pois essa característica, que perpassa todo o protótipo, torna o indivíduo ativo dentro do processo de ensino. Além disso, ao final da etapa os próprios alunos produzirão, colaborativamente, perguntas para entrevistarem seus pais e/ou responsáveis, que serão a base para uma discussão mediada pelo professor sobre os preconceitos e a desvalorização feminina em nossa sociedade.



Figura 37: Protótipo didático (versão do aluno), página 07



Figura 38: Protótipo didático (versão do aluno), página 08

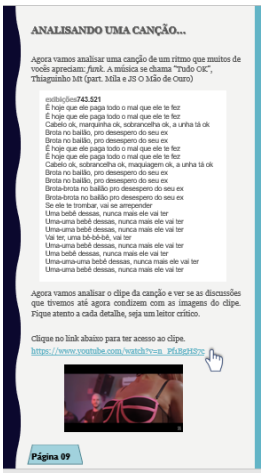


Figura 39: Protótipo didático (versão do aluno), página 09

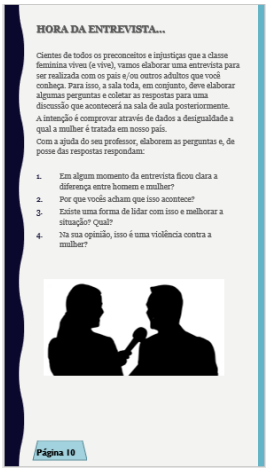


Figura 40: Protótipo didático (versão do aluno), página 10

3.2.5 Etapa 4. Produção de campanha contra as formas de violência à mulher

Após a leitura individual do conto "Para que ninguém a quisesse" (1986), de Marina Colasanti, seguida de discussão e análise, os alunos serão incentivados a relacionar a campanha e a canção, já trabalhadas anteriormente, com a leitura, com o objetivo de fundamentá-los a criar uma campanha de conscientização através da criação de *memes* contra as formas de violência sofridas pelas mulheres, mesmo no século XXI, em que tanto se fala sobre a temática.

Aqui identifica-se o que Rojo (2020) chama de "curadoria". O aluno precisa saber selecionar, tratar, analisar, remixar, transformar e dominar *softwares* variados, assumindo uma postura protagonista de analista crítico e de *designer* ao ressignificar e transformar os conteúdos

aprendidos e apreendidos em novos conteúdos ou criações. Além disso, é necessário que faça uso adequado e ético da voz que lhe é dada através das mídias para publicar e redistribuir textos e informações. Ao final do trabalho, a proposta é publicar os *memes* criados na página do *Facebook* da escola e a partir daí, é necessária outra postura dentro deste universo digital: seguir, comentar, curtir e compartilhar as criações para que o trabalho atinja não apenas os alunos, mas toda a sociedade.

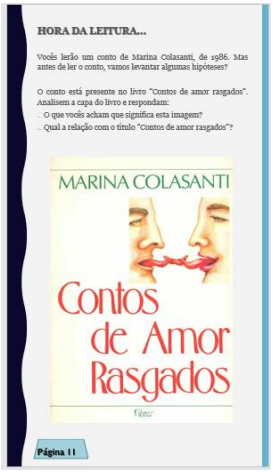


Figura 41: Protótipo didático (versão do aluno), página 11



Figura 42: Protótipo didático (versão do aluno), página 12



Figura 43: Protótipo didático (versão do aluno), página 13

3.3 Análise do protótipo didático

Diante dos caminhos percorridos, o protótipo de ensino elaborado contempla as características que Rojo (2017) apresenta quando teoriza o método de ensino baseado em um *Web*currículo, "[...] no qual não se trata de inserir as TDICs como um apêndice, mas de integrar as competências no domínio das TDICs com o currículo, pois este é o orientador das ações de uso das tecnologias." (ALMEIDA; SILVA, 2011 p.08 *apud* ROJO, 2020). Por isso, a proposta integra totalmente os novos multiletramentos, valendo-se da multiculturalidade, das multimodalidades, das hipermídias e das TDICs a fim de promover o desenvolvimento de habilidades e competências previstas nos documentos orientadores oficiais da educação do Estado de São Paulo, o Currículo Paulista do Ensino Fundamental (2019) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) nos quais as TDICs não se configuram como sugestão, mas como parte indissolúvel do trabalho em sala de aula sem o qual não será possível ser efetivado sem o acesso às ferramentas tecnológicas.

Por isso, é necessário transformar a maneira de ensinar. São novos textos, novos procedimentos e novas mentalidades que ultrapassam o letramento da letra e do impresso, portanto, novos multiletramentos. Isso significa que não basta a competência técnica e conhecimento prático de uso de computador, mas também um perfil de indivíduo criador de sentidos, que compreende os diferentes gêneros a fim de criar coisas novas, o que implica a análise crítica para que se possa transformar e não apenas repetir modelos prontos. É indubitável que este sujeito não está pronto, mas o objetivo da escola é justamente proporcionar seu desenvolvimento através do trabalho com uma pedagogia dos multiletramentos, consciente dessa explosão de linguagens e mídias que os meios digitais ofertam todos os dias.

Para Rojo (2020), um protótipo deve ser, em primeiro lugar, considerado um esqueleto vazado, flexível e adaptável ao professor e ao contexto escolar, dando a abertura necessária para a intervenção do docente e proporcionando autonomia e protagonismo, mas ao mesmo tempo, assessorando e amparando o profissional que não tem tempo para elaborar seus próprios materiais didáticos. Por isso, a versão do professor é repleta de sugestões e orientações que agilizam o seu trabalho.

Assim sendo, é imprescindível que o protótipo seja de fácil acesso para que se torne democrático e com o uso de ferramentas públicas e gratuitas combinando um banco de dados que contemple o trabalho com as hipermídias e as multissemioses em material digital, mais especificamente em *PDFs* navegáveis que combinam o letramento da letra com os novos multiletramentos em projetos inter/multidisciplinares, como é o caso do protótipo de ensino elaborado e analisado nesta dissertação.

O protótipo intitulado “Quem sou eu? Quem é o outro?” parte de uma questão social – o papel da mulher na sociedade – com o objetivo de formar um sujeito consciente dos discursos que o rodeiam e capaz de criar sentidos transformando o que aprendeu de modo a atingir outros indivíduos da sociedade com uma campanha de conscientização contra as formas de violência que as mulheres sofrem atualmente.

Amparado por textos de gêneros variados e com diferentes linguagens, sejam eles valorados pela cultura escolar ou não, a busca é pela “libertação” social de meninos e meninas privados de uma educação pública de qualidade, que implicaria muito mais que investimentos em estruturas, mas a formação profissional de docentes, o reconhecimento desses profissionais e a conscientização de uma sociedade que culturalmente não valoriza o ensino. Ao dominar diferentes discursos, os sujeitos podem transitar livremente por esferas de atividade humana distintas das que estão habituados, ampliando o horizonte de expectativas. A realidade

mencionada nesta dissertação não se limita a Frutal do Campo, mas se estende por todo o território nacional e reflete dados de avaliações externas como mencionado anteriormente.

Com vistas a um trabalho sério e comprometido com estas questões que rondam e legitimam a necessidade da criação deste protótipo, o trabalho parte de um questionário propositivo elaborado através da plataforma *Google Forms* (ver Figura 23) que buscará levantar os possíveis preconceitos arraigados nestes sujeitos e instiga o questionamento das próprias ideologias em contraste com as ideologias presentes em textos de diferentes gêneros discursivos que abarcam não apenas a cultura que a instituição escolar valoriza e prioriza, mas as múltiplas culturas, permitindo, através do incentivo à busca de outros materiais, uma curadoria que exige seleção e análise para transformar e remixar diferentes textos no ato de criação. Isso implica uma postura protagonista que saiba usar adequada e eticamente a voz dada através das redes ao publicar e redistribuir o conteúdo criado, neste caso específico, os *memes* para a campanha de conscientização que poderão ser divulgados via *Facebook* da escola e, desse modo, poderão ultrapassar os muros escolares para atingir, em primeira instância a comunidade escolar, e posteriormente, a sociedade como um todo, uma vez que as mídias digitais alcançam territórios longínquos em uma fração de segundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da percepção de um perfil de discentes com baixa autoestima oriunda das poucas perspectivas de vida que decorre, por sua vez, de uma visão limitada sobre o próprio futuro, surge o problema de pesquisa aqui apresentado referente à necessidade de um trabalho que ampliasse os horizontes de expectativas dos envolvidos. Como mencionado outrora, trata-se de um distrito de Cândido Mota chamado Frutal do Campo, no interior do estado de São Paulo, onde meninos estão sendo preparados para o trabalho braçal, enquanto as meninas estão sendo preparadas apenas para a vida de esposa e mãe, seguindo a tradição de seus antepassados.

Ciente da realidade brevemente exposta, este trabalho teve por objetivo promover, no âmbito do ensino e das aulas de Língua Portuguesa, uma reflexão com os discentes com vistas à conscientização e compreensão acerca do papel da mulher na sociedade, além de oportunizar a ampliação de seus horizontes e a conscientização das formas de violência sofridas pelas mulheres na contemporaneidade.

Para atingir tal objetivo, propusemos a elaboração de um protótipo de ensino de acordo com os pressupostos teóricos de Rojo (2017a) para o trabalhar o tema da igualdade de gêneros e o papel da mulher em nossa sociedade. A ideia partiu da manchete de uma reportagem da revista Veja “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” que foi mote para o surgimento de muitos *memes* que viralizaram nas redes sociais. Dessa forma, o protótipo didático elaborado trabalha o gênero discursivo *meme* como prática de letramento em favor da constituição de sujeitos, ou seja, na perspectiva bakhtiniana, distanciando-se da visão restrita que a instituição escolar tem do que é um gênero, pois esta se pauta, basicamente, na estrutura.

Sendo assim, o propósito é contribuir para o desenvolvimento e conscientização dos envolvidos no processo de forma que respeitem o outro e valorizem as diferenças, além de potencializar as capacidades individuais ampliando o horizonte expectativas e possibilitando pensar e almejar para além dos muros escolares, para além do distrito.

Embora não tenha sido possível aplicar a proposta de intervenção e apresentar resultados, tendo em vista o contexto de pandemia do novo Coronavírus (Covid-19) que impôs a suspensão das aulas presenciais transferindo-as para o modelo de ensino remoto, o produto deste trabalho é um protótipo, nas versões professor e aluno, ancorado nas concepções teóricas de letramento e suas características desde sua origem com Street (1984 apud. Kleiman, 1995) até as discussões mais contemporâneas com Rojo (2017b), as quais, inclusive, ampliam o termo para novos multiletramentos, com base nas evoluções tecnológicas que conquistamos. Tais estudos apontaram a necessidade de uma nova pedagogia a fim de trabalhar a língua vinculada

à prática social em seus diferentes gêneros do discurso (Bakhtin, 2010a) e não apenas o letramento da letra apartado do seu contexto de uso.

Ainda foi necessário definir, mesmo que contando com pouco referencial devido aos poucos estudos já realizados, o gênero *meme* bem como levantar as características e finalidades de um protótipo de ensino, método cunhado por Rojo (2017a).

Por se tratar de uma pesquisa que busca a resolução de um problema específico intrincado a um contexto social que partiu da observação, a metodologia pretendida foi a de pesquisa qualitativa na modalidade pesquisa-ação, haja vista o objetivo de produzir um protótipo de ensino condizente com as necessidades já elencadas. No entanto, devido ao contexto pandêmico do ano de 2020 por causa do Novo Coronavírus, a pesquisa se consolidou como pesquisa teórica que teve como desdobramento didático a elaboração de um protótipo de ensino intitulado "Quem sou eu? Quem é o outro?" que alinhou as necessidades do público-alvo com as concepções teóricas de ensino aqui empregadas, disponível no *blog* da Diretoria de Ensino de Assis em prol da democratização de seu acesso.

Ainda que os resultados da intervenção em sala de aula não possam ser divulgados e discutidos, este trabalho impacta fortemente na análise da concepção de ensino atual. Com uma estrutura conservada ainda do século XIX, de carteiras enfileiradas, lousa e giz, professores e equipe de gestão do século XX, formados por profissionais tradicionais, muitos ainda pelo antigo Magistério, e alunos do século XXI, a escola pública brasileira vive um conflito de gerações que dificulta (ou a impede) de atingir seus objetivos.

O currículo já não contempla as necessidades atuais dos alunos, tornando o ensino enfadonho e desconectado da realidade. O resultado disso é um fracasso na educação, demonstrado em números de avaliações externas e índices de desenvolvimento que não se atingem.

Somente um novo olhar e uma nova pedagogia que contemple as necessidades dos alunos será capaz de contornar a situação caótica em que vivemos. Para tanto, é preciso investimentos na educação, não apenas na estrutura, mas na formação e valorização de professores. Não basta enviar para as escolas equipamentos tecnológicos e digitais; é preciso capacitar professores e gestores ao trabalho adequado com as tecnologias, caso contrário, estaremos apenas mudando as ferramentas, mas não a pedagogia. Prova disso é o contexto atual em que a pandemia escancarou a precariedade de recursos e a debilidade do ensino público. Trata-se de um sistema frágil que se sustenta baseado na criatividade e empenho de profissionais que não recebem o amparo necessário, mas que lutam pelo ideal da educação para todos.

Antes de ingressar no programa do Mestrado Profissional em Letras pela UNESP-Assis, sempre fiz uso de multimídia e computadores, atividades com acesso à internet e trabalhos com vídeos e plataformas digitais, mas isso não caracterizava minhas aulas diferentes porque, embora as ferramentas de trabalho fossem mais modernas, as aulas seguiam acompanhando o mesmo currículo, em sua forma tradicional.

Ao passo que fui me inteirando das teorias do letramento e da concepção de gênero do discurso em sua originalidade, percebi o quão apartada a escola está das teorias atuais e o quão distante está do uso real da língua portuguesa. Foi necessário um estudo aprofundado para o amadurecimento do meu fazer (e pensar) docente.

Embora saibamos que a educação sofre com a falta de investimentos, o primeiro investimento não deve ser em equipamentos tecnológicos modernos como muitos pensam, mas na formação profissional, pois de nada adiantam tais aparatos se não houver profissionais capacitados para um trabalho diferenciado do que vemos na atualidade.

Mais uma vez ressalto que embora a intervenção não tenha sido possível, a pesquisa impactará implicitamente na qualidade do ensino público, uma vez que, após tantas leituras e análises, é impossível que retorne à sala de aula a mesma docente, pois o programa de Mestrado Profissional em Letras devolve à sociedade sujeitos conscientes e críticos, pois uma vez que a palavra atravessa o sujeito, lhe permite atravessar o mundo, dando-lhe existência e consciência. (Bakhtin, 2010a).

É por isso que a construção deste protótipo, resultado de muitas pesquisas, alia os novos multiletramentos em uma proposta de intervenção que pretende colaborar não apenas para o domínio técnico de algumas ferramentas, mas para o desenvolvimento de consciência a questões sociais que influenciam na formação humana, na constituição de sujeitos capazes de criticar e analisar as informações sem replicá-las como meros “papagaios”. Uma proposta elaborada como mecanismo de libertação de indivíduos que sequer se dão conta da alienação e marginalização em que vivem, uma vez que estão conformados a não aspirar nada além do que lhes é proporcionado, que ainda é muito pouco. Talvez não seja possível alcançar todos os objetivos aqui traçados durante a aplicação pós-pandemia, um risco que se deve assumir sempre que resolvemos trabalhar a partir de protótipos de ensino já que os preenchimentos só acontecem no ato da navegação, ou melhor, no momento de aplicação, mas certamente, nas palavras de Guimarães Rosa (1979) “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov, M.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: 09 out. 2020.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 09 out. 2020.

BRASIL está em penúltimo lugar em ranking de qualidade na educação. *Guia do Estudante*. São Paulo: Abril, [Online], 27 de novembro de 2012 Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/brasil-esta-em-penultimo-lugar-em-ranking-de-qualidade-na-educacao/. Acesso em 09/abr./2020.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. PISA 2015. Relatório Nacional. Brasília, DF: INEP/MEC. Disponível em https://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf Acesso em 16 out. 2020.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (*BNCC*). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 09 out. 2020.

CARVALHO, Márcia Marques de; WALTENBERG, Fábio D. Desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior no Brasil: Uma comparação entre 2003 e 2013. *Economia Aplicada*, Ribeirão Pret, v. 19, n. 2, p. 369-396, June 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-80502015000200369&lng=en&nrm=iso Acesso em: 09 out. 2020.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. O sujeito responsivo/ativo em Bakhtin e Lukács. *In*: Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), 2005, Rio Grande do Sul. *Anais*. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2005.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles. Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein. Fotografia: Walter Carvalho. Montagem: Isabelle Rathery e Felipe Lacerda. Elenco: Fernanda Montenegro, Marília Pêra, Vinícius de Oliveira, Othon Bastos, Matheus Nachtergaele. Rio de Janeiro, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação*, 2003. p. 221-236.

COLASANTI, Marina. Para que ninguém a quisesse. In: _____. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 111-2.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Caderno de Pesquisa*, n. 115, p. 139-154, março/2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderley. A produção dos diferentes letramentos. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 25-34, Ago./Dez. 2014.

GOULART, Cecília Maria Aldigueri. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 35-51, Ago./Dez. 2014.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios 2007/2015. Disponível em https://brasilemsintese.ibge.gov.br/ educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html. Acesso em 28/ago./2019.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017-2018. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/ liv101657_informativo.pdf. Acesso em 27/ago./2019.

KLEIMAN, Angela Bustos. Letramento na contemporaneidade. *Bakhtiniana*, São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.

KLEIMAN, Angela Bustos. (org.). *Os significados do letramento:* Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Pesquisa em Educação*: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

MEC. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (*Inep*). O que é PISA. [Online]. Brasília: *Inep*, 2007. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/o-que-e-o-pisa/21206. Acesso em: 08 abr. 2020.

Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrasil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: https://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/. Acesso em: 30 de mar. 2020.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Memes e dinâmicas sociais em weblogs*: informação. Capital social e interação em redes sociais na internet. Porto Alegre (UFRGS): Intexto, julho/dezembro 2006.

ROJO, Roxane. Entre plataformas, odas e protótipos: novos multiletramentos em tempos de *web2*. *The ESPecialist*: Descrição, Ensino e Aprendizagem, vol. 38. n. 1 jan-jul 2017a.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. Novos multiletramentos e protótipos de ensino: por um *web-currículo*. *In*: CORDEIRO, Glaís Sales. BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. GONÇALVES, Adair Vieira. (orgs.) *Letramentos, objetos e instrumentos de ensino:* gêneros textuais, sequências e gestos didáticos. Campinas, SP: Editora Pontes, 2017b. p. 189-215.

ROJO, Roxane. Protótipos Didáticos e Gêneros Digitais. *Youtube*. 28 de ago. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=I3QMVJH8Rcg&t=2265s. Acesso em: 18/out./2020.

ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo. (orgs.) *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.

SÃO PAULO. Boletim Pedagógico do SARESP de 2018. Disponível em: http://saresp.fde.sp.gov.br/2018/ConsultaRedeEstadual.aspx?opc=1. Acesso em: 08/abr./2020.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da educação. *Currículo Paulista*. São Paulo: SEE, 2019.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582005000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 out. 2020.

SILVA, Rossieli Soares da. ‘Não podemos deixar nenhum aluno para trás’, diz secretário estadual da Educação. Youtube. 09 de maio de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rbvu5PFGSYo. Acesso em 04 jan. 2021.

SOBRAL, Abgail (orgs.) *Gêneros, entre o texto e o discurso*: questões conceituais e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016

SOUZA, Sweder. SOBRAL, Abgail. (Org.). *Gêneros, entre o texto e o discurso*: questões conceituais e metodológicas. Campinas: Mercado das Letras, 2016. p. 127-149.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. Acervo digital UNESP, 2004. Disponível em: http://www.acervodigital. unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf. Acesso em: 23/ago./2019.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TELLES, João Antonio. “É pesquisa é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino*, vol. 5. n. 2. 2002.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

TORRES, Ton. São Paulo: O fenômeno dos memes. *Ciência e Cultura*, julho/setembro 2016.

VEJA. São Paulo: Abril, [Online], 18 abril 2016 (LINHARES, 2016). Disponível em https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/. Acesso em 09/abr./2020.

VERISSIMO, Luis Fernando. Da sua natureza. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 05 de fev. de 2000. p. A4.

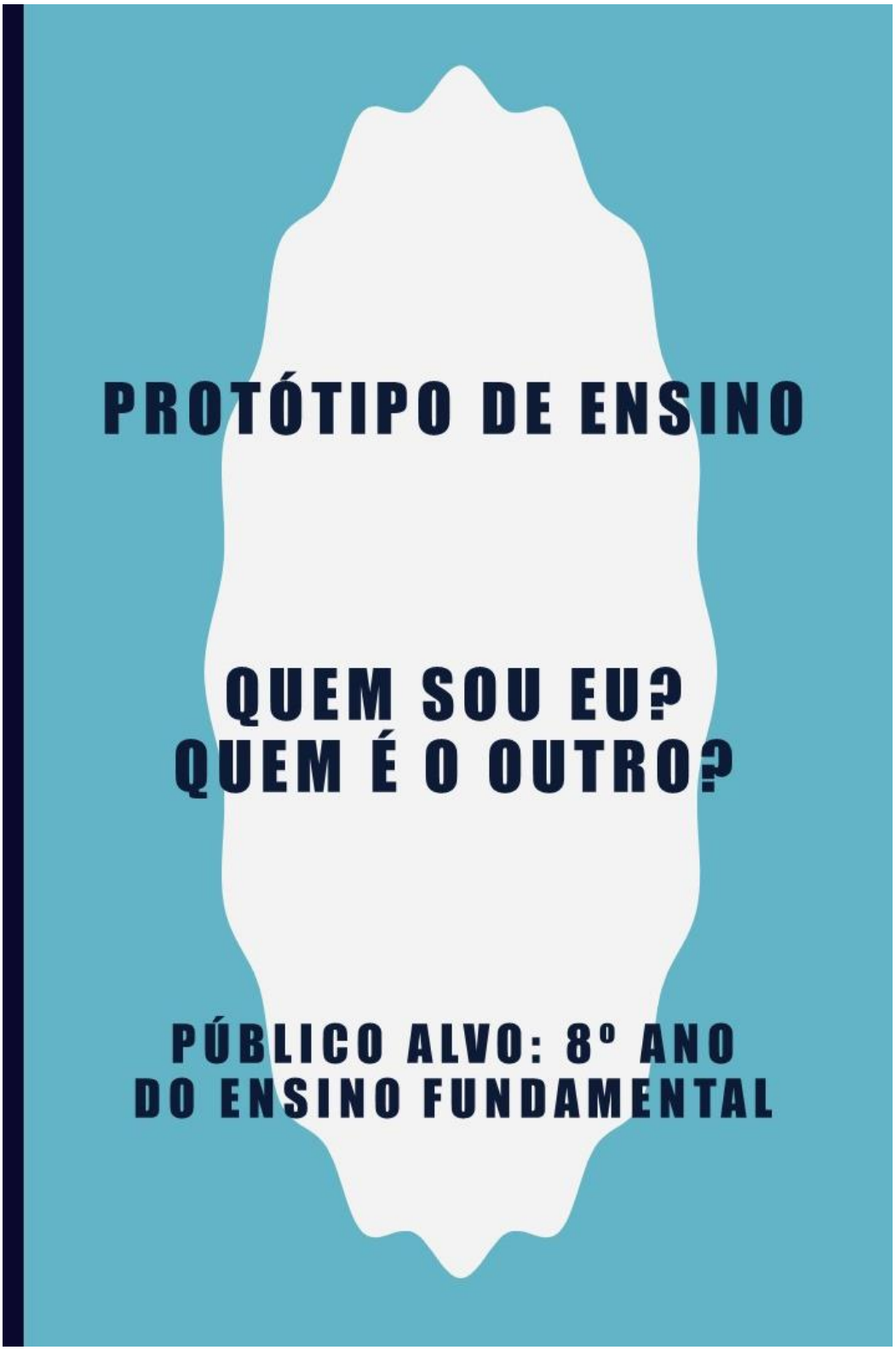
WALTENBERG, Fabio Domingues. CARVALHO, Fernando Ferreira de. Desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior no Brasil: uma comparação entre 2003 e 2013. *Economia Aplicada*. vol.19 n.2 Ribeirão Preto: Apr./June 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid =S1413-80502015000200369. Acesso em 29/mar./2020.

APÊNDICES

Apêndice A (Protótipo Didático na versão para o professor)

Para acessar a versão em PDF navegável do protótipo (versão para o professor), clique no link abaixo:

https://drive.google.com/file/d/16Vzv9sibjCVG8ROuv5h6Tz_IpKncfJ51/view?usp=sharing



Seja bem-vindo professor(a)!

A ideia central deste protótipo é o trabalho colaborativo e interativo, portanto, os alunos sempre estarão sentados em grupos pequenos de forma que consigam agregar as habilidades dos integrantes em prol do conhecimento. Nos momentos de discussão, tente optar pela configuração em círculos pois facilita a interação.

Neste protótipo iremos trabalhar com algumas ferramentas Google. Desta forma, a primeira coisa a fazer é garantir que os alunos terão acesso à computadores com acesso à internet e criar um e-mail para a sala no *site google*.
Acesse o tutorial para conhecer as ferramentas que o *google* oferece e para saber como manuseá-las e também como criar um *gmail* pelo link:
http://coral.ufsm.br/pet-si/wp-content/uploads/2016/04/Consult%C3%B3rio-de-Software-Google-Drive.pdf
Também serão necessários equipamentos como *datashow* ou televisão, por isso verifique na sua escola qual a disponibilidade destes equipamentos.

E lembre-se: este é um protótipo de ensino, isso significa que não é finito tampouco está pronto. Fique à vontade para fazer as necessárias substituições de acordo com sua realidade escolar e objetivos de ensino.

Os alunos acessarão a uma versão em PDF navegável que não contêm os textos e imagens presentes nesta sua versão. Para acessá-los é necessário que tenham acesso à internet. O objetivo é que interajam com o material, dando-lhes autonomia e incentivando o protagonismo.

Feito isso, é hora de trabalhar!

PARA COMEÇO DE CONVERSA...

Caro(a) aluno(a),

Você responderá um questionário na plataforma *google*. Para isso, seu professor já criou um *e-mail* para a turma e elaborou as questões que irá responder. Clique no *link* a seguir para responder https://forms.gle/ERQASmuT8Atind8U6

Dica: Ao clicar no *link*, clique com o botão direito do mouse e em seguida "abrir *link* na nova guia". Dessa forma abrirá uma nova guia no seu navegador, deixando o arquivo PDF na página em que está trabalhando.

Lembre-se de ser sincero e de responder com bastante responsabilidade porque os dados obtidos neste teste serão úteis para o decorrer das demais atividades.



Página 01

Professor(a),

Prepare um questionário no aplicativo formulários dentro do *drive* do *gmail* criado. Faça questões relacionadas aos conceitos que os alunos carregam e seus preconceitos contra as minorias, o papel da mulher na sociedade e a (des)igualdade de gêneros.

Mais informações no tutorial https://biblioteca.ufc.br/wp-content/uploads/2015/09/tutorial-formularios-google.pdf

Feito isso, você pode enviar o *link* pelo *WhatsApp* da sala ou no *e-mail* pessoal dos alunos. Uma outra sugestão é enviar para o próprio *e-mail* da sala e pedir para que o acessem e respondam por lá mesmo.
O *link* de acesso ao questionário formulado para este protótipo é https://forms.gle/ERQASmuT8Atind8U6

RODA DE CONVERSA...

Hora de compartilhar as respostas dadas no questionário e analisá-las para entendermos o perfil de nossa turma, os conceitos que cada um traz de casa e os preconceitos que, muitas vezes, nem nos damos conta que temos.

Respondam oralmente:

1. Vocês se surpreenderam com as respostas?
2. Qual a diferença entre homem e mulher?
3. Analise a figura abaixo retirada do site https://juntas.geledes.org.br/o-que-e-igualdade-de-generos/ e responda:

a. O que a figura tem a ver com o assunto tratado até agora?

b. O que a figura significa?



Página 02

Professor(a),

O questionário é um norteador para discussão que se instaurará nesta etapa. Por isso as perguntas precisam ser bem formuladas e as respostas bem trabalhadas. Nesta discussão muitos preconceitos podem (e devem) surgir.

É importante saber administrá-los. Faça perguntas que os façam refletir e interrogue o porquê de suas afirmações.

A sugestão é apresentar aos alunos o gráfico que a própria ferramenta *Google* fornece com os dados das respostas coletadas para a discussão. Para saber como gerar este gráfico, basta clicar no *link* a seguir https://pluga.co/blog/tutoriais/google-forms-como-usar/

LEITURA COMPARTILHADA...

Após as discussões feitas na aula passada, vamos ler uma notícia de 18 de abril de 2016 da revista *Veja*, São Paulo que teve uma grande repercussão por sua manchete. Analisemos:



Brasil

Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos. Bruno Poletti/Folhapress

Agora vamos ler a reportagem na íntegra? Clique no *link*

https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/ para ter acesso ao texto.

Página 03

Professor(a),

Faça a leitura com seus alunos de forma colaborativa e compartilhada, ou seja, deixe-os expressar sentimentos e pensamentos. Instigue-os a participar indagando.

Comece analisando a manchete, as informações presentes no *lide*, a foto e sua legenda, todos os elementos são importantes e necessários para uma compreensão global do texto.

Sugestão de perguntas:
1. O que significam as palavras, bela, recatada e "do lar"?
2. Por que "do lar" aparece entre aspas"
3. Qual será o assunto desta notícia?
4. Que informações do *lide* chamam a sua atenção?
5. O que a imagem nos mostra?
6. E sobre a legenda: "Marcela, mulher do vice Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos.

É hora de instigar os alunos aos discursos que, por mais objetivos que possam parecer, apresentam subjetividade.

A página seguinte contêm o texto da reportagem que os alunos acessarão através do *link* disponível para eles.

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas "Mar" e "Mi", como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.

Michelzinho, de 7 anos, cabelo tigelinha e uma bela janela no lugar que abrigará seus incisivos centrais, é o único filho do casal (Temer tem outros quatro de relacionamentos anteriores). No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. "No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país", conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. No Carnaval, Marcela planejou uns dias de sol e praia só com o marido e o filho e foi para a Riviera de São Lourenço, no Litoral Norte de São Paulo. Temer iria depois, mas, nos dias seguintes, o plano foi a pique: o vice ligou, dizendo que estava receoso de expor a família, devido aos ânimos acirrados no país. Pegou Marcela, Michelzinho, e todo mundo voltou para casa.

Bacharel em direito sem nunca ter exercido a profissão, Marcela comporta em seu *curriculum vitae* um curto período de trabalho como recepcionista e dois concursos de miss no interior de São Paulo (representando Campinas e Paulínia, esta sua cidade natal). Em ambos, ficou em segundo lugar. Marcela é uma vice-primeira-dama do lar. Seus dias consistem em levar e trazer Michelzinho da escola, cuidar da casa, em São Paulo, e um pouco dela mesma também (nas últimas três semanas, foi duas vezes à dermatologista tratar da pele).

Por algum tempo, frequentou o salão de beleza do cabeleireiro Marco Antonio de Biaggi, famoso pela clientela estrelada. Pedia luzes bem fininhas e era "educadíssima", lembra o cabeleireiro. "Assim como faz a Athina Onassis quando vem ao meu salão, ela deixava os seguranças do lado de fora", informa Biaggi. Na opinião do cabeleireiro, Marcela "tem tudo para se tornar a nossa Grace Kelly". Para isso, falta só "deixar o cabelo preso". Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. "Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras", conta a estilista Martha Medeiros.

Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe. Sacudida, loiríssima e de olhos azuis, Norma Tedeschi acompanhou a filha adolescente em seu primeiro encontro com Temer. Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e "mergulhar num outro mundo" – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: "De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir".

Michel Temer é um homem de sorte.

Página 03a

ANÁLISE E COMPREENSÃO DE TEXTO... O GÊNERO *MEME*!

A notícia gerou polêmica e a frase da manchete viralizou na criação dos *memes*. Que tal analisarmos alguns? Vamos lá...

Clique nos *links* abaixo para acessar alguns destes *memes*...

https://www.purepeople.com.br/midia/cleo-pires-cleo-pires-tambem-entrou-na-c_m1452491

Famosas aderem à campanha 'Bela, recatada e do lar' nas redes sociais (globo.com)

https://twitter.com/artes_depressao/status/722828794705281024

Página 04

Professor(a),

A notícia gerou polêmica e vários *memes* surgiram a partir daí. Faça com seus alunos a análise de alguns *memes* que foram selecionados. As imagens não constam no material do aluno, ao clicar nos links eles são direcionados a sites que contêm não apenas as imagens, mas leituras diversas.

Para te auxiliar na análise junto aos alunos, ao lado haverá uma explicação breve para que possa conduzir a interpretação.

https://www.purepeople.com.br/midia/cleo-pires-cleo-pires-tambem-entrou-na-c_m1452491



VEMOS UMA MULHER (CLÉO PIRES) CARREGANDO UMA ARMA DE GRANDE PORTE, O QUE DEFINITIVAMENTE VAI DE ENCONTRO COM A AFIRMAÇÃO DE "SEXO FRÁGIL". NO ENTANTO, AO FUNDO É POSSÍVEL VISUALIZAR ALGUMAS PLANTAS PENDURADAS, SATIRIZANDO A EXPRESSÃO "DO LAR".

Famosas aderem à campanha 'Bela, recatada e do lar' nas redes sociais (globo.com)



O SEGUNDO *MEME* FAZ PARTE DE UM LEVANTE CONTRA A VIOLÊNCIA FÍSICA E MORAL VIVIDA PELA MULHER NO BRASIL. A MULHER NA IMAGEM (MÔNICA IOZZI) APARECE CABISBAIXA COM UMA SAIA CURTA, MEIA ARRASTÃO E SEM PEÇA ÍNTIMA NA PARTE SUPERIOR, QUE ESTÁ COBERTA PELA FRASE, IRONIZANDO, PRINCIPALMENTE, O TERMO RECATADA.

Página 04a

https://twitter.com/artes_depressao/status/722828794705281024



Página 04b

O TERCEIRO *MEME* FAZ NÃO APENAS UMA MENÇÃO À FRASE COMO TAMBÉM TROCA ALGUNS TERMOS, TORNANDO A SÁTIRA AINDA MAIS EXPLÍCITA. NA CONSTITUIÇÃO TEXTUAL/DISCURSIVA É POSSÍVEL OBSERVAR UMA MULHER, UMA POSSÍVEL NINFA OU DEUSA, SENTADA SEGURANDO UMA GARRAFA DE ALGUMA BEBIDA E UM COPO. HÁ A TROCA DAS PALAVRAS "RECATADA" E "DO LAR" POR "DESBOCADA" E "DO BAR", RESPECTIVAMENTE. VALE RESSALTAR QUE O TERMO DESBOCADA SIGNIFICA GROSSEIRA, IMPRÓPRIA, LICENCIOSA, OBSCENA, ENFIM, O PARADOXO DE RECATADA, QUE SIGNIFICA CASTA, TÍMIDA E QUE ZELA PELA PRÓPRIA REPUTAÇÃO. POR FIM, A TROCA DE AMBIENTES, LAR POR BAR, REMONTA NO AINDA VIGENTE MACHISMO DE QUE LUGAR DE MULHER É NA COZINHA, EM CASA, CUIDANDO DOS FILHOS, ENQUANTO O HOMEM, PROVEDOR DA CASA, SAI PARA TRABALHAR E SE DIVERTE, MUITAS VEZES, NO BAR.

O GÊNERO *MEME*!

Afinal de contas, o que é um *meme*? Você já deve ter compartilhado muitos *memes* em suas redes sociais e/ou em aplicativos de mensagens, mas sabe quais são as características?

Faça buscas na internet sobre o gênero afim de se familiarizar com as suas características. Anote-as em seu caderno. Elas serão úteis para as próximas atividades! Vamos lá?!



Professor(a),

"Os *memes* são apropriações temáticas que vão desde o humor sobre amenidades até assuntos como política e economia, e que têm, na maioria das vezes, mensagens de compreensão fácil e rápida. Some a isso a facilidade de publicação e o compartilhamento, sobretudo pelas redes sociais, e teremos a viralização do conteúdo" (FRANÇA, 2016 apud TORRES, 2016, p. 60).

Sendo assim, o gênero é resultado de um enunciado consolidado (uma imagem estática ou em *gif*, um vídeo ou áudio) e a interferência de outros enunciados (já existentes ou criados) que se adaptam aos mais diferentes contextos e evoluem tanto para seguir se propagando quanto para atrair a atenção dos usuários da rede. Quando se mesclam enunciados consolidados, se constrói outro enunciado repleto de novos significados.

MÃOS À OBRA...

Você e seus colegas de sala leram a notícia "Marcela temer: bela, recatada e 'do lar' " e discutiram o papel da mulher na sociedade. Como já foi mencionado anteriormente, esta manchete repercutiu muito entre as pessoas e vários *memes* foram criados a partir dela.

Agora façam uma pesquisa sobre os *memes* criados e elaborem, em conjunto, uma apresentação de *Power Point* que, posteriormente será divulgada para os demais colegas da escola durante o intervalo.

Lembrem-se de fazer a atividade com bastante comprometimento porque será exposta e os colegas de outras salas certamente ficarão curiosos a respeito do trabalho de vocês e pedirão explicações.

Depois vocês farão uma escala de monitores para explicar o trabalho a quem se aproximar e quiser fazer perguntas. Vamos lá?



Página 06

Professor(a),

Após as discussões realizadas em sala, os alunos farão pesquisas para criar slides no Power Point de forma colaborativa pelo e-mail criado para a turma no início deste protótipo.

Caso tenha dúvidas ou dificuldades com a ferramenta, basta clicar no link: https://www.google.com/intl/pt-BR/slides/about/

Ao final da criação da apresentação de forma colaborativa, ou seja, todos trabalhando no mesmo documento, faça uma instalação em uma área externa onde os demais alunos terão acesso durante o intervalo com televisão ou Datashow e um computador ou DVD. O importante é que a apresentação dos alunos fique visível aos demais alunos. Também faça uma escala de alunos monitores que fiquem responsáveis de explicar o trabalho que está sendo realizado em classe. Essa atitude não apenas expande o trabalho para os demais alunos da escola, como também desperta a autonomia e o engajamentos dos estudantes.

ANALISANDO UMA CAMPANHA...

Que tal a instalação com os *memes*? Essa etapa foi importante para que entrássemos na temática de forma proveitosa e divertida. Além de tudo, vocês puderam conscientizar os colegas de outras turmas sobre o papel da mulher em nossa sociedade atual.

Agora vamos analisar uma campanha de uma organização suíça chamada *Terre des Femmes*.

Comecemos análise pela frase da campanha:

Don't measure a woman's Worth by her clothes.

Não meça o valor de uma mulher por suas roupas.

Depois de analisar a frase da campanha, vamos conhece-la de fato:

Para ter acesso à campanha, clique no link abaixo e navegue pelo site https://www.hypeness.com.br/2015/03/campanha-mostra-que-a-roupa-nao-define-o-carater-das-mulheres/

Como as palavras estão em inglês, faça uma busca no dicionário dos seus significados. Clique no link abaixo https://www.wordreference.com/enpt/

Página 07

Professor(a),

Introduza o assunto explicando que se trata de uma campanha de uma organização russa, e que por isso está em inglês.
Também explique o que significa "Don't measure a woman's Worth by her clothes" e questione o provável conteúdo desta campanha.

Lembre-se sempre de tentar aproximar o conteúdo do universo dos próprios alunos. Espera-se que os preconceitos surjam nestas discussões e é neste momento que o professor deve intervir, explicando justamente que se trata de um preconceito que, na maioria das vezes, é uma mera reprodução inconsciente de hábitos e preceitos da esfera de atividade humana ao qual estão inseridos e circulam.

Na intenção de facilitar o seu trabalho, nas próximas páginas estão um texto explicando do que se trata a campanha e algumas imagens que no material do aluno se encontram apenas através do *link*. Sempre instigue-os a participar através de perguntas. O sucesso deste protótipo só será alcançado através de aulas dialógicas que propiciem a autonomia e o senso crítico.
Para ajudar, há ao final um roteiro com perguntas que auxiliarão na discussão.

Infelizmente, ainda vivemos em uma **sociedade machista**, na qual mulheres não recebem os mesmo salários que os homens e são discriminadas por tomarem determinadas atitudes, como por exemplo, sair com várias pessoas ou usar roupas mais curtas e decotes. A campanha da organização suíça Terre des Femmes tem como objetivo promover a **igualdade de gêneros** e mostrar que o comprimento da roupa da uma mulher não é parâmetro para definir o seu caráter. Será que usar uma saia curta ou um decote é sinônimo de promiscuidade?

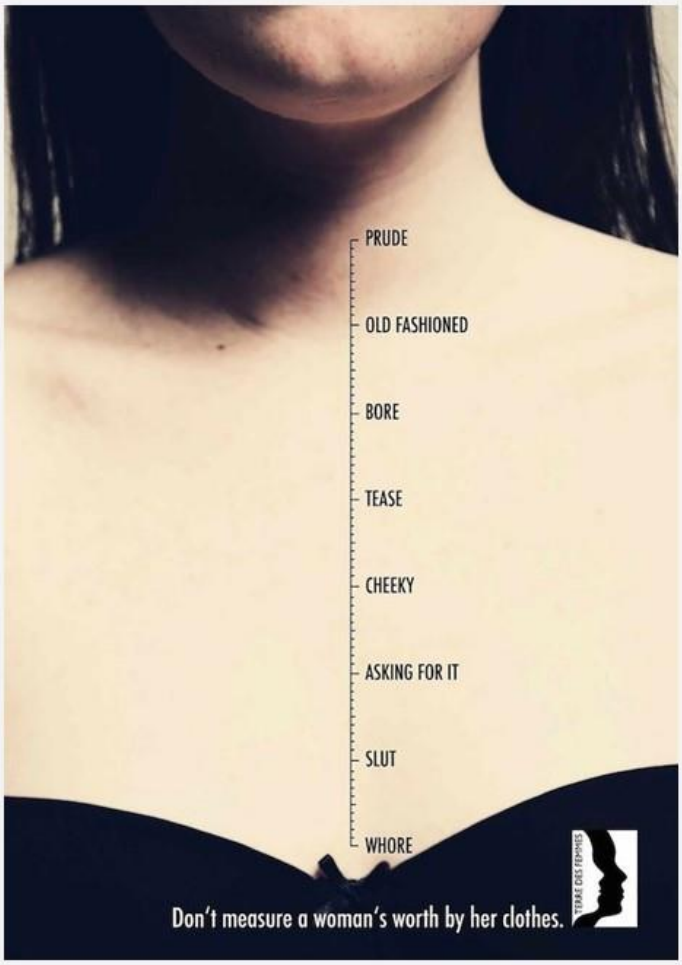
O anúncio da campanha contém fotografias das partes do corpo de mulheres e mostra uma régua, com diferentes categorias, que variam de acordo com o tamanho das roupas e do salto alto: **puritana, antiquada, entediante, provocante, atrevida, "pedindo/querendo algo"** e **vagabunda;** com a seguinte frase: ***"Não Meça o Valor de uma Mulher pelas Suas Roupas"***. O anúncio da ONG pretende gerar uma reflexão sobre o **preconceito** que as mulheres enfrentam em relação às suas vestimentas.

A ONG luta contra violação dos direitos humanos de mulheres e meninas e cuida de assuntos relacionados com mutilação genital feminina, violência doméstica e tráfico de mulheres. Sua principal missão é criar uma sociedade justa e pluralista, na qual todas as pessoas possam ser respeitadas independente do gênero, raça ou orientação sexual.

Veja abaixo algumas fotos desta inteligente e criativa campanha criada pela diretora de arte Theresa Wlokka e por alunos da **Miami Ad School de Hamburgo**:

Fonte: https://www.hypeness.com.br/2015/03/campanha-mostra-que-a-roupa-nao-define-o-carater-das-mulheres/

Página 07a



Vocabulary

Prude: puritana
Old Fashioned: antiquada
Bore: entediante
Tease: provocante
Cheeky: atrevida
Asking for it: pedindo/querendo algo
Slut: vagabunda
Whore: prostituta

Don't **measure** a woman's Worth by her clothes.
Não meça o valor de uma mulher por suas roupas.

Página 07b

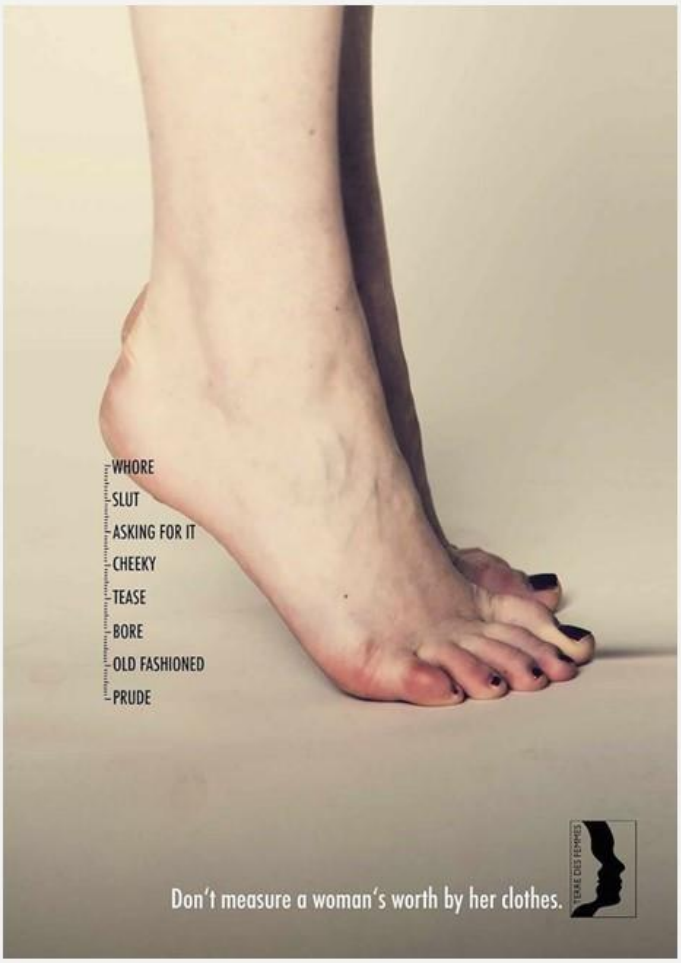


Vocabulary

Prude: puritana
Old Fashioned: antiquada
Bore: entediante
Tease: provocante
Cheeky: atrevida
Asking for it: pedindo/querendo algo
Slut: vagabunda
Whore: prostituta

Don't **measure** a woman's Worth by her clothes.
Não meça o valor de uma mulher por suas roupas.

Página 07c



Vocabulary

Prude: puritana
Old Fashioned: antiquada
Bore: entediante
Tease: provocante
Cheeky: atrevida
Asking for it: pedindo/querendo algo
Slut: vagabunda
Whore: prostituta

Don't **measure** a woman's Worth by her clothes.
Não meça o valor de uma mulher por suas roupas.

Página 07d

PARA PROVOCAR UMA DISCUSSÃO...

Vamos conversar sobre as imagens analisadas... Respondam oralmente:

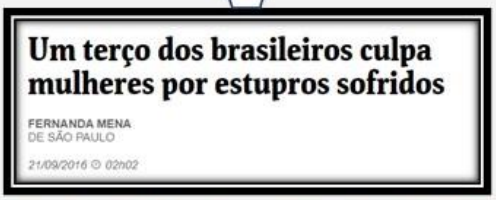
- E para você? O caráter de uma pessoa pode ser medido pelas roupas que ela veste?
- Existe alguma relação entre esta campanha e a notícia da revista *Veja*?

Leia as manchetes retiradas de vários jornais diferentes e responda:

- O que todos estes textos lidos até agora têm em comum?



https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/386291560/um-em-cada-tres-brasileiros-culpa-as-mulheres-por-estupro-diz-pesquisa



https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml



https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2014/03/ela-estava-bpedindob.html



https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/cultura-do-estupro-faz-culpa-ser-transferida-do-agressor-para-vitima.html

Página 08

Professor(a),

Após explorar a campanha, lançamos mão de algumas manchetes que evidenciam a cultura do estupro.

O objetivo é tornar visível a ideia do senso comum que afirma que as vítimas são constantemente culpabilizadas pela violência sofrida. Muitas vítimas, inclusive, se sentem tão envergonhadas que sequer denunciam o crime.

Discuta com seus alunos sobre este tema e mobilize-os a ler as reportagens na íntegra.

ANALISANDO UMA CANÇÃO...

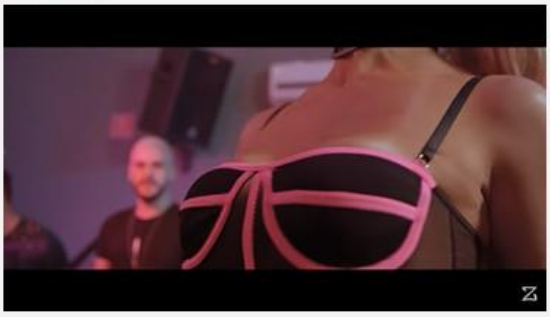
Agora vamos analisar uma canção de um ritmo que muitos de vocês apreciam: *funk*. A música se chama Tudo OK, Thiaguinho Mt (part. Mila e JS O Mão de Ouro)

exibições743.521
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
Cabelo ok, marquinha ok, sobrancelha ok, a unha tá ok
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
Cabelo ok, sobrancelha ok, maquiagem ok, a unha tá ok
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
Brota-brota no bailão pro desespero do seu ex
Brota-brota no bailão pro desespero do seu ex
Se ele te trombar, vai se arrepender
Uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Vai ter, uma bê-bê-bê, vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter

Agora vamos analisar o clipe da canção e ver se as discussões que tivemos até agora condizem com as imagens do clipe. Fique atento a cada detalhe, seja um leitor crítico.

Clique no *link* abaixo para ter acesso ao clipe.

https://www.youtube.com/watch?v=n_Pf1BgHS7c



Página 09

Professor(a),

Leia a canção atentando os alunos para a banalização dos valores da mulher. Faça-os buscar algum momento da letra em que os valores da mulher sejam exaltados, valores que não sejam físicos meramente.

Lembre-os que estamos trabalhando a posição da mulher na sociedade na perspectiva da igualdade de gêneros.

Sugestões de perguntas:
1. Em que momento da letra há a exaltação de uma qualidade da mulher que não seja exterior?
2. Qual o tema da canção?
3. Você acha que esta canção tem alguma relação com os textos já lidos?

Após a discussão, apresente aos alunos o clipe oficial da música e peça para que analisem as mulheres e os homens ali presentes: as vestimentas, os gestos, o que está sendo valorizado em cada uma das pessoas, os *closes* dados pelas câmeras.

Caso sinta o interessa da turma, você pode pedir para que façam novas pesquisas sobre a forma como a mulher é vista em outras canções. Lembre-se que se trata de um "protótipo de ensino", o que significa que é flexível e adaptável ao contexto escolar. É possível inserir outras canções e/ou trocar a sugestão dada .

HORA DA ENTREVISTA...

Cientes de todos os preconceitos e injustiças que a classe feminina viveu (e vive), vamos criar uma entrevista para ser realizada com os pais e/ou outros adultos que vocês conheçam. Para isso, a sala toda, em conjunto, deve elaborar algumas perguntas e coletar as respostas para uma discussão que acontecerá na sala de aula posteriormente.

A intenção é comprovar através de dados a desigualdade a qual a mulher é tratada em nosso país.

Com a ajuda do seu professor, elaborem as perguntas e, de posse das respostas respondam:

1. Em algum momento da entrevista ficou clara a diferença entre homem e mulher?
2. Por que vocês acham que isso acontece?
3. Existe uma forma de lidar com isso e melhorar a situação? Qual?
4. Na sua opinião, isso é uma forma de violência contra a mulher?



Página 10

Professor(a),

É chegado o momento de descobrir de onde vem o preconceito e a discriminação dos alunos. O intuito da entrevista é mostrar aos alunos que os dados não são mentirosos e fazê-los olhar de forma crítica para a realidade que os cerca.
Auxilie na formulação de perguntas simples que evidenciem a desigualdade de gêneros.

Em seguida, com os dados em mãos, os alunos podem discutir as questões propostas e outras que surgirem no momento da aula.

É sempre importante frisar que as competências autonomia, protagonismo e senso crítico estão no cerne do protótipo, por isso, devem ser sempre incentivados.

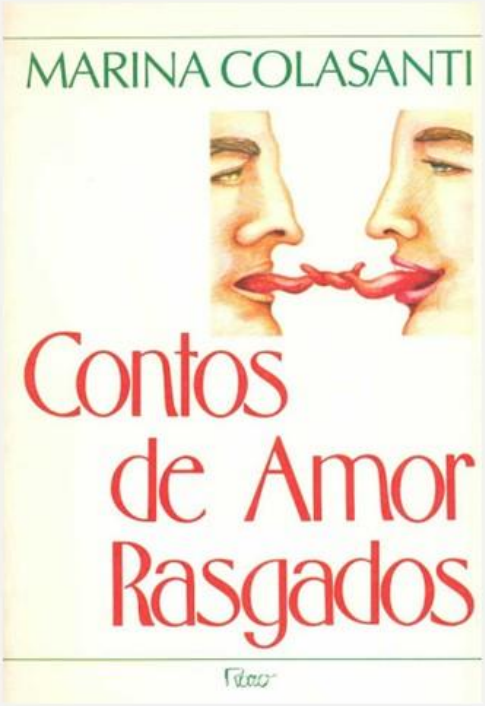
Ao final da discussão, espera-se que os alunos compreendam que a desigualdade de gêneros é uma das formas de violência à mulher.

HORA DA LEITURA...

Vocês lerão um conto de Marina Colasanti, de 1986. Mas antes de ler o conto, vamos levantar algumas hipóteses?

O conto está presente no livro "Contos de amor rasgados". Analisem a capa do livro e respondam:

- O que vocês acham que significa esta imagem?
- Qual a relação com o título "Contos de amor rasgados"?



Página 11

Nesta etapa, os alunos farão a leitura silenciosa e individual do conto de Marina Colasanti "Para que ninguém a quisesse" (1986).

Em seguida serão instigados a expor sua compreensão e sua apreciação, bem como dúvidas e suposições.

Comece pelo título do livro e análise da capa perguntando impressões iniciais. Explore a imagem da capa e levante hipóteses com seus alunos.

Este momento é extremamente importante para inseri-los à leitura literária motivados.

HORA DA LEITURA...

Vamos começar analisando o título do conto....

"PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE"

- O que vocês acham que significa este título?
- Qual o tema do conto segundo o título?
- Qual será a relação entre este título e o título do livro?
- O que a imagem abaixo simboliza para vocês?



Clique no *link* a seguir para ter acesso ao texto https://www.contioutra.com/para-que-ninguem-a-quisesse-marina-colasanti/

Façam a leitura silenciosa do conto e em seguida, junto ao seu professor e aos colegas de sala, conversem sobre as impressões e compreensões que tiveram a partir da leitura.

Agora, que tal conhecer a autora deste conto? Cliquem no link abaixo para ler sobre a Marina Colasanti. https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html

Professor(a),

Agora analise o título do conto selecionado, instigando em seus alunos a curiosidade para a leitura. Indague possíveis conteúdos para o conto. Analise também a figura ao lado. O intuito é inserir os alunos na leitura de forma envolvente.

Como em outros momentos deste protótipo, os alunos só terão acesso ao conto e à biografia da autora clicando nos *links* indicados. Para você professor(a), trazemos nas páginas seguintes os textos que os alunos encontrarão nas páginas *linkadas*.

HORA DA LEITURA...

Clique no link a seguir para ter acesso ao texto https://www.contioutra.com/para-que-ninguem-a-quisesse-marina-colasanti/ ou acompanhe através do arquivo.

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as jóias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos.

Agora podia viver descansado. Ninguém a olhava duas vezes, homem nenhum se interessava por ela. Esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair.

Tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras.

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela.

Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos.

Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradar. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda.

COLASANTI, Marina. "Para que ninguém a quisesse". In: Contos de amor rasgados. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. P. 111-2.

Página 12a

Professor(a),

Finalmente é chegado o momento da leitura. Peça para que os seus alunos leiam o conto silenciosa e individualmente, e em seguida peça que exponham suas impressões, compreensões, partes que mais lhes chamaram a atenção e porquê.

A leitura individual e silenciosa é importante para que os alunos desenvolvam autonomia leitora e possam acionar conhecimentos prévios e empíricos que farão o conto ter significado.

Depois, faça uma leitura em voz alta pausando em partes relevantes do conto e discutindo com seus alunos.

Perguntas para orientar a leitura compartilhada:
1. Como vocês enxergam a mulher neste conto?
2. Por quê o marido a trata desta forma?
3. Por quê a esposa não aceitou os presentes ao final do conto?
4. O que este conto tem a ver com as leituras já realizadas até agora?
5. Agora que já leram o conto, qual o significado do título do conto? E do título do livro?
6. Vocês consideram que a mulher do conto sofreu violência? Por quê?
7. Conhecem algum caso semelhante?

PARA CONHECER A AUTORA...

Marina Colasanti nasceu em 1937 na cidade de Asmara, capital da Eritreia. Residiu posteriormente em Trípoli, na Líbia, mudou-se para Itália e, em 1948, transferiu-se com a família para o Brasil, onde vive até hoje na cidade do Rio de Janeiro. É casada com o também escritor Affonso Romano de Sant'Anna e tem duas filhas, Fabiana e Alessandra Colasanti.

De formação artista plástica, ingressou no *Jornal do Brasil,* dando início à sua carreira de jornalista. Desenvolveu atividades em televisão, editando e apresentando programas culturais. Foi publicitária. Traduziu importantes autores da literatura universal.

Seu primeiro livro data de 1968. Hoje são mais de cinquenta títulos publicados no Brasil e no exterior, entre os quais livros de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens e ensaios sobre os temas literatura, o feminino, a arte, os problemas sociais e o amor. Por meio da literatura, teve a oportunidade de retomar sua atividade de artista plástica, tornando-se sua própria ilustradora. Sua obra tem sido tem de numerosas teses universitárias.

É uma das mais premiadas escritoras brasileiras, detentora de vários prêmios Jabutis, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, do Melhor Livro do Ana da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia, de dois prêmios latino-americanos. Foi o terceiro prêmio no Portugal Telecom de Literatura 2011. Tornou-se *hors-concours* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), após ter sido várias vezes premiada.

Participa ativamente de congressos, simpósios, cursos e feiras literárias no Brasil e em outros países.

Fonte: https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html



MÃOS À OBRA...

Produzam uma campanha de conscientização contra as formas de violência sofridas pelas mulheres através da criação de *memes*. Vocês podem abordar as violências físicas ou psicológicas, tais como abuso, agressão física ou verbal, proibição de roupas, discriminação pelas vestimentas, enfim, a lista é imensa.

Para isso, façam buscas na sala de informática sobre os tipos de violência, imagens que viralizaram na internet e criem seus próprios *memes* com o objetivo único de conscientizar a população em geral sobre o papel da mulher na sociedade e a importância da igualdade de gêneros.

E para divulgar o trabalho? Que tal postar os *memes* criados por vocês no Facebook da escola? E que tal fazer novamente a instalação que fizemos no intervalo? Vamos lá... Sejam criativos! Como iremos divulgar os trabalhos realizados? Dêem ideias ao professor e vejam o que é possível dentro da escola em que estudam e... Mãos à obra!



Página 13

Vocês sabem qual a origem deste *meme*? Cliquem no *link* abaixo e descubram: https://www.bluebus.com.br/descubra-a-origem-do-meme-do-alien-na-obra-de-arte-veja-aqui-a-pintura-original/

Professor(a),

O produto deste protótipo é a produção de uma campanha de conscientização contra as formas de violência sofridas pelas mulheres em nossa sociedade através da criação de *memes*, uma violência, muitas vezes velada e que, assim como no conto, implica em consequências para toda a vida.

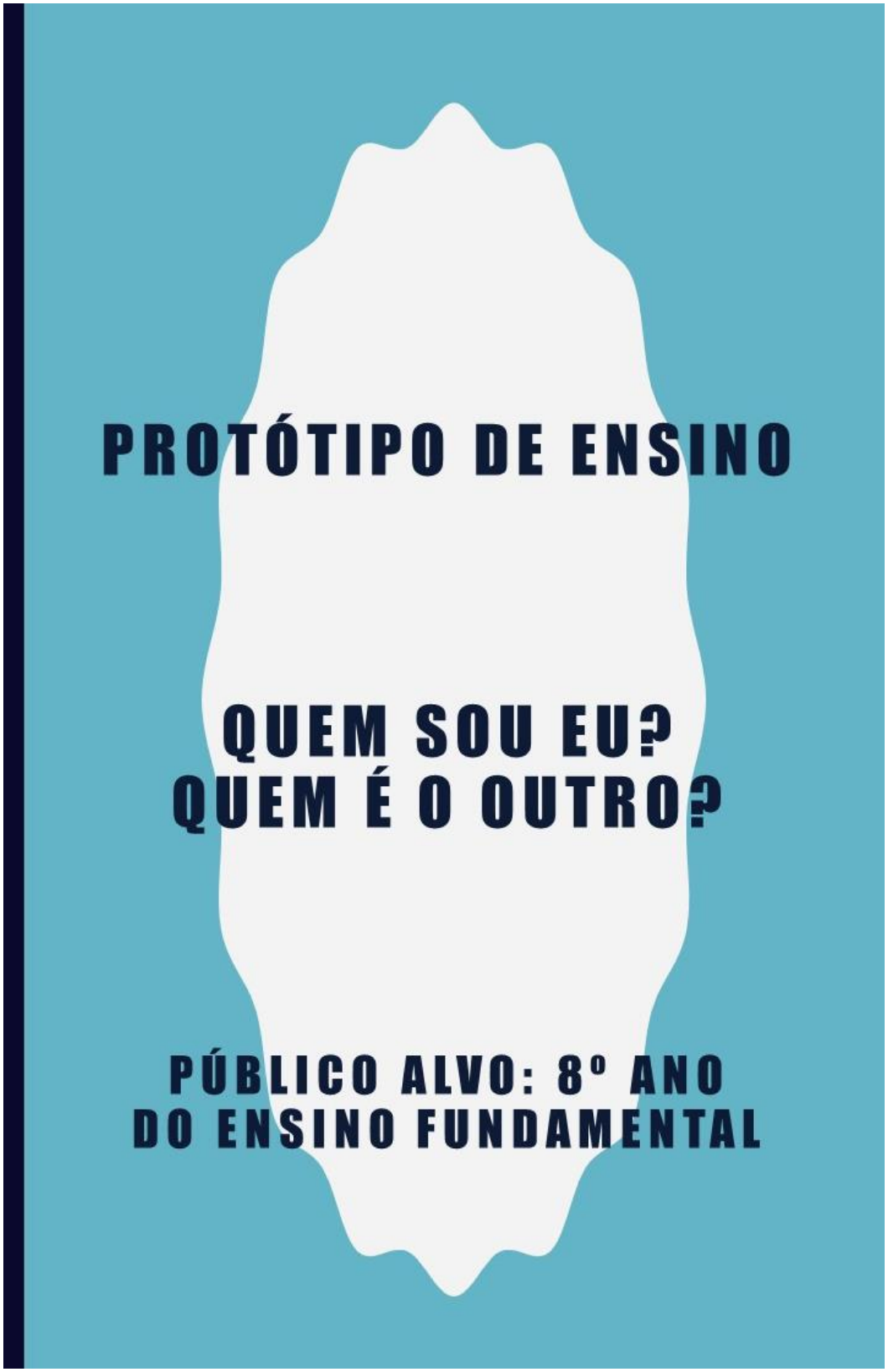
Para isso, faça uso de todos os recursos disponíveis na sua escola para a pesquisa e elaboração destes memes. E, ao fina, discuta com seus alunos uma forma de expor estes trabalhos de forma que não fiquem limitados ao 8º ano. Um trabalho assim deve mobilizar e sensibilizar toda a comunidade escolar.

Bom trabalho!

Apêndice B (Protótipo Didático na versão para o aluno)

Para acessar a versão em PDF navegável do protótipo (versão para o aluno), clique no link abaixo:

https://drive.google.com/file/d/1UFYZyawxlpAndYg0-6fO1lEW6iIz8Qj2/view?usp=sharing



Seja bem-vindo aluno(a)!
A ideia central deste protótipo é o trabalho colaborativo e interativo, portanto você e seus colegas de turma sempre estarão sentados em grupos pequenos ou em roda nos momentos de discussão de forma que consigam agregar as habilidades dos integrantes em prol do conhecimento.

Esta é a uma versão em PDF navegável que não contêm os textos e imagens mas *links* que os remeterão a páginas da internet. Para acessá-las é necessário que tenham acesso à internet para que vocês interajam com o material.

Fique à vontade para buscar e pesquisar todas as dúvidas que surgirem. Este é o principal objetivo: seja protagonista!

Seu professor o estará auxiliando neste processo. Conte com ele!

Bom trabalho!

PARA COMEÇO DE CONVERSA...

Caro (a) aluno (a),

Você responderá um questionário na plataforma *google*. Para isso, seu professor já criou um *e-mail* para a turma e elaborou as questões que irá responder. Clique no *link* a seguir para responder https://forms.gle/ERQASmuT8Atind8U6

Dica: Ao clicar no link, clique com o botão direito do mouse e em seguida "abrir *link* na nova guia". Dessa forma abrirá uma nova guia no seu navegador, deixando o arquivo PDF na página em que está trabalhando.

Lembre-se de ser sincero e de responder com bastante responsabilidade porque os dados obtidos neste teste serão úteis para o decorrer das demais atividades.



RODA DE CONVERSA...

Hora de compartilhar as respostas dadas no questionário e analisá-las para entendermos o perfil de nossa turma, os conceitos que cada um traz de casa e os preconceitos que, muitas vezes, nem nos damos conta que temos.

Respondam oralmente:

1. Vocês se surpreenderam com as respostas?
2. Qual a diferença entre homem e mulher?
3. Analise a figura abaixo retirada do site https://juntas.geledes.org.br/o-que-e-igualdade-de-generos/ e responda:

a. O que a figura tem a ver com o assunto tratado até agora?

b. O que a figura significa?



Página 02

LEITURA COMPARTILHADA...

Após as discussões feitas na aula passada, vamos ler uma notícia de 18 de abril de 2016 da revista *Veja*, São Paulo que teve uma grande repercussão por sua manchete. Analisemos:



Brasil

Marcela Temer: bela, recatada e "do lar"

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por Juliana Linhares - 18 abr 2016, 19h14

Marcela, mulher do vice, Michel Temer, jantares românticos e apelidos carinhosos Bruno Poletti/Folhapress

Agora vamos ler a reportagem na íntegra? Clique no link https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/ para ter acesso ao texto.

ANÁLISE E COMPREENSÃO DE TEXTO... O GÊNERO *MEME*!

A notícia gerou polêmica e a frase da manchete viralizou na criação dos *memes*. Que tal analisarmos alguns? Vamos lá...

Clique nos *links* abaixo para acessar alguns destes *memes*...

https://www.purepeople.com.br/midia/cleo-pires-cleo-pires-tambem-entrou-na-c_m1452491



Famosas aderem à campanha 'Bela, recatada e do lar' nas redes sociais (globo.com)



https://twitter.com/artes_depressao/status/722828794705281024



O GÊNERO *MEME*!

Afinal de contas, o que é um *meme*? Você já deve ter compartilhado muitos *memes* em suas redes sociais e/ou em aplicativos de mensagens, mas sabe quais são as características?

Faça buscas na internet sobre o gênero afim de se familiarizar com as suas características. Anote-as em seu caderno. Elas serão úteis para as próximas atividades! Vamos lá?!



Página 05

MÃOS À OBRA...

Você e seus colegas de sala leram a notícia "Marcela temer: bela, recatada e 'do lar' " e discutiram o papel da mulher na sociedade. Como já foi mencionado anteriormente, esta manchete repercutiu muito entre as pessoas e vários *memes* foram criados a partir dela.

Agora façam uma pesquisa sobre os *memes* criados e elaborem, em conjunto, uma apresentação de *Power Point* que, posteriormente será divulgada para os demais colegas da escola durante o intervalo.

Lembrem-se de fazer a atividade com bastante comprometimento porque será exposta e os colegas de outras salas certamente ficarão curiosos a respeito do trabalho de vocês e pedirão explicações.

Depois vocês farão uma escala de monitores para explicar o trabalho a quem se aproximar e quiser fazer perguntas. Vamos lá?



ANALISANDO UMA CAMPANHA...

Que tal a instalação com os *memes*? Essa etapa foi importante para que entrássemos na temática de forma proveitosa e divertida. Além de tudo, vocês puderam conscientizar os colegas de outras turmas sobre o papel da mulher em nossa sociedade atual.

Agora vamos analisar uma campanha de uma organização suíça chamada *Terre des Femmes*.

Comecemos análise pela frase da campanha:

Don't measure a woman's Worth by her clothes.

Não meça o valor de uma mulher por suas roupas.

Depois de analisar a frase da campanha, vamos conhecê-la de fato:

Para ter acesso à campanha, clique no *link* abaixo e navegue pelo site https://www.hypeness.com.br/2015/03/campanha-mostra-que-a-roupa-nao-define-o-carater-das-mulheres/



Como as palavras estão em inglês, faça uma busca no dicionário dos seus significados. Clique no link abaixo https://www.wordreference.com/enpt/



Página 07

PARA PROVOCAR UMA DISCUSSÃO...

Vamos conversar sobre as imagens analisadas... Respondam oralmente:

- E para você? O caráter de uma pessoa pode ser medido pelas roupas que ela veste?
- Existe alguma relação entre esta campanha e a notícia da revista *Veja*?

Leia as manchetes retiradas de vários jornais diferentes e responda:

- O que todos estes textos lidos até agora têm em comum?

Um em cada três brasileiros culpa as mulheres por estupro, diz pesquisa

Pesquisa inédita do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostra que 42% dos homens acham que a violência sexual acontece porque a vítima não se dá ao respeito ou usa roupas provocativas. O que impressiona é que 32% delas concordam.

https://examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias/386291560/um-em-cada-tres-brasileiros-culpa-as-mulheres-por-estupro-diz-pesquisa

Um terço dos brasileiros culpa mulheres por estupros sofridos

FERNANDA MENA
DE SÃO PAULO

21/09/2016 © 02h02

https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml

Ela estava pedindo

Para 65%, a vítima é culpada pelo estupro se usar short, decote ou saia curta

RUTH DE AQUINO
28/03/2014 - 22h31 - Atualizado 27/10/2016 17h56

https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/ruth-de-aquino/noticia/2014/03/ela-estava-bpedindob.html

CIÊNCIA

"A cultura do estupro faz a culpa ser transferida do agressor para a vítima"

Conversamos com a psicóloga Arielle Sagrillo-Scarpati, da Universidade de Kent, sobre o crescente número de estupros coletivos no Brasil

https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/cultura-do-estupro-faz-culpa-ser-transferida-do-agressor-para-vitima.html

Página 08

ANALISANDO UMA CANÇÃO...

Agora vamos analisar uma canção de um ritmo que muitos de vocês apreciam: *funk*. A música se chama "Tudo OK", Thiaguinho Mt (part. Mila e JS O Mão de Ouro)

exibições743.521
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
Cabelo ok, marquinha ok, sobrancelha ok, a unha tá ok
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
É hoje que ele paga todo o mal que ele te fez
Cabelo ok, sobrancelha ok, maquiagem ok, a unha tá ok
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
Brota no bailão, pro desespero do seu ex
Brota-brota no bailão pro desespero do seu ex
Brota-brota no bailão pro desespero do seu ex
Se ele te trombar, vai se arrepender
Uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Vai ter, uma bê-bê-bê, vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter
Uma-uma bebê dessas, nunca mais ele vai ter

Agora vamos analisar o clipe da canção e ver se as discussões que tivemos até agora condizem com as imagens do clipe. Fique atento a cada detalhe, seja um leitor crítico.

Clique no link abaixo para ter acesso ao clipe.

https://www.youtube.com/watch?v=n_Pf1BgHS7c



HORA DA ENTREVISTA...

Cientes de todos os preconceitos e injustiças que a classe feminina viveu (e vive), vamos criar uma entrevista para ser realizada com os pais e/ou outros adultos que vocês conheçam. Para isso, a sala toda, em conjunto, deve elaborar algumas perguntas e coletar as respostas para uma discussão que acontecerá na sala de aula posteriormente.

A intenção é comprovar através de dados a desigualdade a qual a mulher é tratada em nosso país.

Com a ajuda do seu professor, elaborem as perguntas e, de posse das respostas respondam:

1. Em algum momento da entrevista ficou clara a diferença entre homem e mulher?
2. Por que vocês acham que isso acontece?
3. Existe uma forma de lidar com isso e melhorar a situação? Qual?
4. Na sua opinião, isso é uma forma de violência contra a mulher?

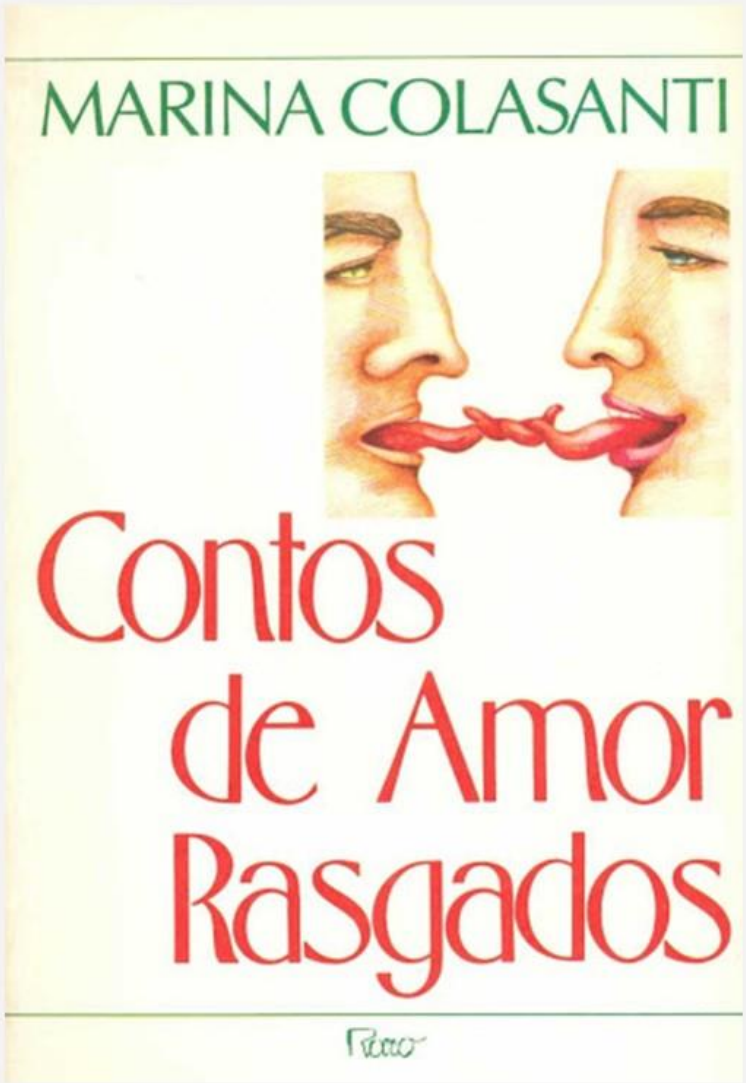


HORA DA LEITURA...

Vocês lerão um conto de Marina Colasanti, de 1986. Mas antes de ler o conto, vamos levantar algumas hipóteses?

O conto está presente no livro "Contos de amor rasgados". Analisem a capa do livro e respondam:

- O que vocês acham que significa esta imagem?
- Qual a relação com o título "Contos de amor rasgados"?



HORA DA LEITURA...

Vamos começar analisando o título do conto....

"PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE"

- O que vocês acham que significa este título?
- Qual o tema do conto segundo o título?
- Qual será a relação entre este título e o título do livro?
- O que a imagem abaixo simboliza para vocês?



Clique no link a seguir para ter acesso ao texto https://www.contioutra.com/para-que-ninguem-a-quisesse-marina-colasanti/

Façam a leitura silenciosa do conto e em seguida, junto ao seu professor e aos colegas de sala, conversem sobre as impressões e compreensões que tiveram a partir da leitura.

Agora, que tal conhecer a autora deste conto? Cliquem no *link* abaixo para ler sobre a Marina Colasanti. https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html

MÃOS À OBRA...

Produzam uma campanha de conscientização contra as formas de violência sofridas pelas mulheres através da criação de *memes*. Vocês podem abordar as violências físicas ou psicológicas, tais como abuso, agressão física ou verbal, proibição de roupas, discriminação pelas vestimentas, enfim, a lista é imensa.

Para isso, façam buscas na sala de informática sobre os tipos de violência, imagens que viralizaram na internet e criem seus próprios *memes* com o objetivo único de conscientizar a população em geral sobre o papel da mulher na sociedade e a importância da igualdade de gêneros.

E para divulgar o trabalho? Que tal postar os *memes* criados por vocês no Facebook da escola? E que tal fazer novamente a instalação que fizemos no intervalo? Vamos lá... Sejam criativos! Como iremos divulgar os trabalhos realizados? Dêem ideias ao professor e vejam o que é possível dentro da escola em que estudam e... Mãos à obra!



Vocês sabem qual a origem deste *meme*? Cliquem no *link* abaixo e descubram:
https://www.bluebus.com.br/descubra-a-origem-do-meme-do-alien-na-obra-de-arte-veja-aqui-a-pintura-original/

ANEXOS

Anexo A (Termo de Assentimento)

TERMO DE ASSENTIMENTO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis

Título do Projeto: GÊNEROS DISCURSIVOS A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA

Pesquisador Responsável: Francieli Major Pitta

Local de pesquisa: EE Antonio Fontana

Endereço: Rua Otávio Pereira 20, SP, 19885-000

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa "Gêneros discursivos a favor da constituição de identidades: o surgimento de novas perspectivas de vida", de responsabilidade da pesquisadora Francieli Major Pitta.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone (18) 3302-5500 ramal 5607 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com o pesquisador no telefone (18) 996142824 ou e-mail francielimajor@gmail.com

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

I - Pesquisa e procedimentos

A pesquisa tem por objetivo trabalhar a partir dos gêneros que circulam nas diferentes mídias para estimular a leitura crítica e efetiva de textos e formar cidadãos conscientes e ativos em nossa sociedade. Embora a realidade do distrito de Frutal do Campo seja limitada por sua localização geográfica, o projeto tem como finalidade abrir os horizontes de perspectivas dos alunos.

II - Procedimentos

Trabalhar as dificuldades de leitura e interpretação de texto que apresentadas após análise de avaliações externas através de um gênero que os participantes conhecem bem porque circula constantemente na internet. Todas as atividades acontecerão na sala de aula podendo ou não ser registradas em áudio, vídeo ou fotografias, sempre com a devida autorização e preservação dos indivíduos envolvidos.

Ao final, espera-se que os envolvidos se tornem leitores ativos e assíduos em primeira instância, e consequentemente, cidadãos conscientes e críticos, capazes de tecer críticas e levantar hipóteses a partir do senso crítico e não repetir conceitos oriundos do senso comum.

A minha participação neste projeto deverá ter a duração de aproximadamente dois meses, a depender do andamento das atividades previstas para a intervenção.

III – Liberdades e garantias

Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

IV - Sigilo e Anonimato

Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Além disso, os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

Se você ou os seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar a pesquisadora responsável pelo estudo Francieli Major Pitta pelo telefone (18)996142824.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da FCL/Assis, pelo telefone 3302-5607. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu li e discuti com o pesquisador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste TERMO DE ASSENTIMENTO.

_____ _____

Data Assinatura do Adolescente

_____ _____

Data Assinatura do Pesquisador Responsável

Anexo B (Termo de consentimento livre e esclarecido)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 – Conselho Nacional de Saúde)

Dados de identificação

Título do Projeto: GÊNEROS DISCURSIVOS A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA

Pesquisador Responsável: Francieli Major Pitta

Nome do participante: _____

Data de nascimento: _____/_____/_____ R.G.: _____

Responsável legal: _____ R.G.: _____

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa "GÊNEROS DISCURSIVOS A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA", de responsabilidade da pesquisadora Francieli Major Pitta.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis. Qualquer dúvida quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone (18) 3302-5500 ramal 5607 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com o pesquisador no telefone (18) 996142824 ou e-mail francielimajor@gmail.com

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo trabalhar a partir dos gêneros que circulam nas diferentes mídias para estimular a leitura crítica e efetiva de textos e formar cidadãos conscientes e ativos em nossa sociedade. Embora a realidade do distrito de Frutal do Campo seja limitada por sua localização geográfica, o projeto tem como finalidade abrir os horizontes de perspectivas dos alunos.
2. A participação da pesquisadora nesta pesquisa consistirá em analisar os resultados das avaliações externas e trabalhar as dificuldades de leitura e interpretação de texto que os alunos apresentam através de um gênero que eles conhecem bem porque circula constantemente na internet. Todas as atividades aconteceram na sala de aula podendo ou não ser registradas em áudio, vídeo ou fotografias.

3. Durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos mínimos como a recusa de alguns alunos que serão minimizadas através de conversas individuais ou coletivas a fim de esclarecer quaisquer dúvidas.
4. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para a formação de leitores ativos e assíduos em primeira instância, e consequentemente, na formação de cidadãos conscientes e críticos, capazes de tecer críticas e levantar hipóteses a partir do senso crítico e não repetir conceitos oriundos do senso comum.
5. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de aproximadamente dois meses, a depender do andamento das atividades previstas para a intervenção.
6. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
7. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
8. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.
Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: "GÊNEROS DISCURSIVOS A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS DE VIDA". Discuti com a pesquisadora FRANCIELI MAJOR PITTA, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____ _____/_____/_____

Assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste representante legal para a sua participação neste estudo.

_____ _____/_____/_____

Assinatura do pesquisador

Anexo C (Resolução nº 003/2020)

RESOLUÇÃO Nº 003/2020 – CONSELHO GESTOR, de 02 de junho de 2020.

Define as normas sobre a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

A COORDENAÇÃO NACIONAL DO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS) faz saber que, usando das atribuições que lhe confere,

CONSIDERANDO o enfrentamento da pandemia do Covid 19, no âmbito da esfera acadêmica e, particularmente, na pós-graduação;

CONSIDERANDO o contexto de crise sanitária que impacta a realização das atividades presenciais de intervenção que visam à elaboração do trabalho de conclusão da sexta turma do ProfLetras;

RESOLVE aprovar as seguintes normas:

Mª da Penha Casado Alves
Coordenadora Geral

Art. 1o. Os trabalhos de conclusão da **sexta turma** poderão ter caráter propositivo sem, necessariamente, serem aplicados em sala de aula presencial.

Art. 2o. O trabalho de conclusão deverá, necessariamente, apresentar **um produto** (proposta de sequência didática, criação de material didático, desenvolvimento de software etc.) a ser sistematizad**o** a partir, por exemplo, da análise de livros e materiais didáticos, da reflexão advinda de trabalhos de conclusão no âmbito do ProfLetras e da intervenção na modalidade remota.

Art.3o. Os produtos a serem sistematizados devem seguir os diferentes formatos previstos tanto no âmbito do programa quanto aqueles apresentados nos documentos de área.

Art. 4º: Esta Resolução entra em vigor a partir da data de sua publicação.

02 de junho de 2020.

Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves
PRESIDENTE DO CONSELHO GESTOR

Mª da Penha Casado Alves
Coordenadora Geral

Anexo D (Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP)

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: GÊNEROS DISCURSIVOS A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVA DE VIDA

Pesquisador: FRANCIELI MAJOR PITTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 26669019.9.0000.5401

Instituição Proponente: Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.996.375

Apresentação do Projeto:

O Projeto GÊNEROS DISCURSIVOS A FAVOR DA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVA DE VIDA será desenvolvido no distrito de Frutal do Campo - SP, com 17 alunos do 8º ano da EE Antônio Fontana. Para tal, a intervenção se dará no trabalho com os gêneros discursivos na perspectiva bakhtiniana distanciando-se da visão pulverizada que os gêneros chegaram à instituição escolar. Ao oportunizar novos mundos através da leitura plena e crítica dos diferentes gêneros discursivos inerentes ao conteúdo programático, busca-se aumentar os horizontes do alunado. Haverá um levantamento sobre os índices da escola dentro das avaliações externas bem como as habilidades que tais instrumentos apontam como mais frágeis disponíveis no sistema online da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Será feita intervenção durante as aulas de língua portuguesa para transformar os discentes de leitores desavisados em leitores conscientes que a partir dos gêneros discursivos que fazem parte do componente curricular para a etapa de ensino.Todas as atividades acontecerão na sala de aula podendo ou não ser registradas em áudio, vídeo ou fotografias.

Objetivo da Pesquisa:

o objetivo é avaliar os índices das avaliações externas em relação à leitura explícita e implícita e, baseados nos índices, incidir nos pontos frágeis dos alunos para que estejam aptos à leitura plena com vistas a despertar novas perspectivas de vida, haja vista o perfil dos discentes e uma escola de um distrito do interior do estado de São Paulo chamado Frutal do Campo. Visa proporcionar mecanismos para que os discentes desenvolvam a competência leitora de forma plena, a fim de identificar enunciados dotados de ideologia e aprender a tecer críticas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: Embora os riscos sejam mínimos, os alunos podem não participar da sequência de atividades propostas ou se sentir intimidados com a abordagem temática do projeto. Ademais, por se tratar de uma temática que envolve formação humana, os pais e/ou responsáveis podem se opor à proposta didática de intervenção.

BENEFÍCIOS: O maior benefício do projeto é a formação de seres humanos conscientes de seu lugar no mundo e, consequentemente, de sua cidadania desenvolvida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem escrita, coerente e com tema pertinente no intuito de proporcionar mecanismos para que os alunos desenvolvam a competência leitora de forma plena, a fim de identificar enunciados dotados de ideologia e aprender a tecer críticas, dessa forma, buscar-se-á formar sujeitos que respeitem o próximo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios, TCLE,Termo de Assentimento, Folha de Rosto, Declaração de Instituição e Infraestrutura foram apresentados de acordo com o CEP.

Recomendações:

Recomenda-se reestruturar as datas do cronograma do Projeto, já que houve mudanças no calendário escolar devido a Pandemia COVID 19 / CORONA VÍRUS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Este Comitê considera o protocolo aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Regimento Interno do CEP prevê que o pesquisador apresente relatórios, de acordo com as datas estabelecidas pelo CEP. O não encaminhamento dos relatórios implicará no impedimento temporário da apresentação de novos protocolos, até que este regularize a situação pendente. O RELATÓRIO FINAL deverá ser postado na Plataforma como NOTIFICAÇÃO em formulário estabelecido pelo CEP em FEVEREIRO DE 2021. No relatório Final deverá se informado como foi realizada a devolutiva aos participantes da pesquisa. ATENÇÃO: QUALQUER ALTERAÇÃO NO PROJETO DEVE SER INFORMADA AO CEP COMO EMENDA AO PROJETO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1412851.pdf	03/12/2019 00:53:18	FRANCIELI MAJOR PITTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DI.pdf	03/12/2019 00:52:53	FRANCIELI MAJOR PITTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PP.pdf	27/11/2019 14:25:53	FRANCIELI MAJOR PITTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	27/11/2019 14:19:13	FRANCIELI MAJOR PITTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA.pdf	27/11/2019 14:18:34	FRANCIELI MAJOR PITTA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	30/10/2019 07:00:58	FRANCIELI MAJOR PITTA	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

ASSIS, 29 de
Abril de 2020

Assinado por: CLAUDIO EDWARD DOS REIS

(Coordenador(a)